

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de História

Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação

**Arquivo Regional da Madeira – Implementação e
desenvolvimento de projectos educativos e culturais:
Um estudo de caso**

Natércia Fabíola Vieira da Luz Gouveia

Orientadora: Professora Doutora Jesus Maria Sousa

Évora

2008

Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de História

Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação

**Arquivo Regional da Madeira – Implementação e
desenvolvimento de projectos educativos e culturais:
Um estudo de caso**

Natércia Fabíola Vieira da Luz Gouveia

Orientadora: Professora Doutora Jesus Maria Sousa

Évora

2008

Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.

AGRADECIMENTOS

Dedico este projecto à Dra. Fátima Barros, directora do Arquivo Regional da Madeira.

Agradeço o apoio da Dra. Sofia Santos, responsável do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira e da mestre em Museologia Marcela Costa.

Agradeço também à técnica profissional de Arquivo Regina Oliveira, ao Dr. Pedro Clode, à Dra. Sílvia Patarelo e ao Dr. José Vieira Gomes, bem como ao professor António Cruz e aos alunos da Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos de São Roque, pelo inestimável contributo ao desenvolvimento do Estudo de Caso.

Arquivo Regional da Madeira – Implementação e Desenvolvimento de Projectos Educativos e Culturais: Um Estudo de Caso

Resumo

Pretendemos, com este estudo, ajudar a clarificar junto da Comunidade Arquivística o conceito, metodologia e finalidades do Serviço Educativo em Arquivo. Recorremos ao exemplo de países como a França, Brasil e Espanha, com casos de sucesso na dinamização de actividades educativas e culturais nos seus Arquivos. Posteriormente, apresentamos um Estudo de Caso sobre a implementação do Serviço Educativo no Arquivo Regional da Madeira, em 2005. Esperamos, a partir da avaliação da experiência efectuada, contribuir com uma perspectiva útil a outras Instituições que pretendam iniciar um projecto desta natureza.

Madeira Regional Archives – Case study: Planning and developing educational and cultural projects

Abstract

The aim of the present study is to help the Archivist Community with the understanding of the concept, methodology and purpose of the existence of Educative Services in Archives. Our investigation is based on successful experiences occurred and registered in these institutions situated in countries like France, Brazil and Spain. Consequently, we present a case study related with the Educational Service of Madeira Regional Archives, presuming to provide a new valuable vision to other institutions that plan to start similar projects.

Release the potential of archives to enrich and enhance teaching and learning, and contribute to raising standards in education.

Report of the Archives Task Force Museums Libraries & Archives Council (MLA), (April 2004). *Listening to the Past, Speaking to the Future*, (Recommendation 3)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	- 4 -
1. O problema de investigação.....	- 4 -
2. Justificação da metodologia adoptada	- 6 -
CAPITULO 1 – Arquivo e Serviço Educativo: História e conceitos associados.....	- 9 -
1.1. Arquivo: Definição, funções e conceitos.....	- 9 -
1.2. Serviço Educativo em Arquivo: Uma perspectiva histórica.....	- 11 -
1.3. Funções básicas e funções complementares dos Arquivos: Uso Académico, Uso Prático e Uso Popular	- 14 -
1.4. A importância das actividades culturais nos Arquivos.....	- 16 -
1.5. Serviço Educativo e Comunicação em Arquivo.....	- 16 -
CAPÍTULO 2 – Educação: Fundamentação do objecto teórico.....	- 19 -
2.1. Psicologia da Educação: Uma abordagem às teorias da aprendizagem, do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento humano.....	- 19 -
2.1.1. Behaviorismo	- 20 -
2.1.2. Cognitivismo	- 22 -
2.1.3. Construtivismo	- 32 -
2.2. Educação Humanista de FREINET	- 36 -
2.3. O modelo pedagógico de Paulo FREIRE	- 37 -
2.4. As categorias fundamentais da Educação: Educação Formal, Não Formal e Informal.....	- 38 -
2.5. Modelos e teorias da aprendizagem adaptadas à acção educativa em Arquivo	- 43 -

CAPÍTULO 3 – Arquivos e Educação: Experiências de implementação de Serviços Educativos (SE) em França, Brasil, Espanha e Portugal - 46 -

3.1. Arquivos e Educação.....	- 46 -
3.1.1. Experiências de implementação de SE: O caso francês.....	- 47 -
3.1.2. Experiências de implementação de SE: O caso espanhol	- 51 -
3.1.3. Experiências de implementação de SE: O caso brasileiro	- 53 -
3.1.4. Experiências de implementação de SE: O caso português.....	- 54 -
3.2. Actividades e metodologias sugeridas aos Arquivos interessados em iniciar um Serviço Educativo	- 55 -

CAPÍTULO 4 – Apresentação do Arquivo Regional da Madeira (ARM) e génese do Serviço Educativo..... - 59 -

4.1. Breve apresentação do Arquivo Regional da Madeira: História, estrutura orgânica, acervo, funções e serviços dirigidos ao público.....	- 59 -
4.2. A criação do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira: Projecto educativo e formação da equipa de trabalho.....	- 64 -
4.2.1. Objectivos e elaboração do Plano de Actividades	- 66 -
4.2.2.1. <i>Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira</i>	- 69 -
4.2.2.2. <i>O Meu Concelho</i>	- 71 -
4.2.2.3. <i>Genealogia e História da Família</i>	- 73 -
4.2.2.4. <i>Jornal Aprendiz de Arquivo</i>	- 74 -
4.2.2.5. <i>Visitas orientadas</i>	- 76 -

CAPÍTULO 5 – A perspectiva dos coordenadores, professores e alunos.....	- 77 -
5.1. Introdução e Metodologia adoptada	- 77 -
5.2. Um olhar interno: A equipa do SE do ARM	- 78 -
5.2.1. Uma arquivista como coordenadora do Serviço Educativo	- 78 -
5.2.2. Contributos de uma professora com experiência em Museologia ..	- 82 -
5.2.3. O apoio de uma técnica profissional de Arquivo.....	- 87 -
5.3. Um olhar externo: Professor e alunos participantes na primeira actividade	- 89 -
5.4. As Estatísticas do SE entre 2005 e 2007	- 93 -
5.4.1. Estatísticas 2005	- 94 -
5.4.2. Estatísticas 2006	- 97 -
5.4.3. Estatísticas 2007	- 100 -
5.4.4. Evolução e análise comparativa	- 103 -
 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	 - 107 -
 BIBLIOGRAFIA.....	 - 110 -
 ÍNDICE DE IMAGENS E GRÁFICOS.....	 - 119 -
 ANEXOS	

INTRODUÇÃO

1. O problema de investigação

Ao explorar fontes bibliográficas ligadas à Educação, Comunicação e Arquivística, constatámos que o Serviço Educativo em Arquivo está amplamente desenvolvido em países como a França, o Brasil, os Estados Unidos ou a Espanha. Em Portugal, a Comunidade Arquivística reconhece a importância da Comunicação/Divulgação dos Arquivos e dos seus acervos, a julgar por alguns seminários e colóquios realizados nos últimos anos sobre esta temática. Contudo, verificou-se que, tanto a investigação sobre o conceito, como os projectos de dinamização dos Arquivos portugueses, ainda estão pouco divulgados.

Enquanto mestranda e membro da equipa do Serviço Educativo (SE) do Arquivo Regional da Madeira (ARM) julguei essencial promover uma investigação sobre a importância destas Instituições como espaços de conhecimento, abertos a novos públicos.

É nosso objectivo, recorrendo ao exemplo de países com casos de sucesso na dinamização de actividades educativas e culturais em Arquivos, ajudar a clarificar o conceito, metodologia e finalidade do Serviço Educativo em Arquivo. Apresentando um Estudo de Caso sobre a implementação do SE do ARM, em 2005, esperamos, a partir da avaliação da experiência efectuada, contribuir com uma perspectiva útil a outras Instituições que pretendam iniciar um projecto desta natureza. A opção por este Estudo de Caso justificou-se com a experiência de trabalho adquirida no Serviço Educativo do ARM, bem como pela intenção de apresentar aos arquivistas um exemplo de boas práticas na dinamização cultural e produção de conhecimento.

Constatámos que a França desenvolve actividades de Serviço Educativo nos seus Arquivos desde 1950. Um trabalho a cargo de alguns professores, que, embora integrados na rede pública de ensino, têm como missão a dinamização desses espaços. A partir dos anos `70, os Arquivos Nacionais dos Estados Unidos, Irlanda do Norte e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-União Soviética) publicaram documentos, que foram posteriormente seleccionados e trabalhados por arquivistas e professores. Nos

Estados Unidos, contrataram-se profissionais que se dedicaram exclusivamente às actividades de Serviço Educativo nos Arquivos.

Apesar da abertura de alguns países, a evolução foi lenta e com algumas problemáticas. No Brasil da década de `90, a prioridade na descrição dos acervos, associada à inexistência de verbas e falta de recursos humanos, tornou a função Comunicação um projecto sucessivamente adiado e pouco prioritário nos Arquivos e Centros de Documentação (JÚNIOR, 1994). Os Arquivos espanhóis protelaram a implementação e expansão dos projectos de Serviço Educativo por falta de apoios estatais, ao contrário de países como o Reino Unido, a Alemanha e a França. (FUGUERAS, 2001). A actualidade dos problemas sentidos pelos arquivistas brasileiros e espanhóis face ao caso português, convidar-nos-á a reflectir quando ao futuro do Serviço Educativo em Arquivo no nosso país.

2. Justificação da metodologia adoptada

Concluída a revisão bibliográfica e feito o enquadramento dos Serviços Educativos ao nível internacional, o objectivo foi incidir, mais concretamente, no nosso espaço regional.

Tendo em conta os objectivos traçados, o passo seguinte foi a escolha da metodologia. A investigação qualitativa, utilizada nas Ciências Sociais a partir da década de `70, revelou-se a melhor opção. Efectuadas algumas leituras, a obra de BOGDAN e BIKLEN, *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, veio clarificar o percurso do projecto. Segundo os autores, a expressão «investigação qualitativa» define um método que obedece a determinadas características. Os dados recolhidos são ricos em pormenores descritivos sobre pessoas, locais, conversas e recolhas de testemunhos, sendo, por isso, incompatíveis com um tratamento estatístico.

«Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a seleccionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem à investigação não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação [...] recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos e naturais».¹

Com este método, as estratégias mais utilizadas são: a observação participante e a entrevista em profundidade. «O material é complementado com outros dados, como registos escolares, artigos de jornal e fotografias».² Por essa razão, optámos por apresentar, ao longo dos capítulos, e também em anexo, imagens ilustrativas das actividades, dos materiais informativos e dos instrumentos pedagógicos criados pelo SE do ARM.

¹ BOGDAN e BIKLEN, 1994: p. 16.

² *Ibidem*: p. 16.

A investigação qualitativa em Educação, que serviu como linha orientadora do presente estudo, obedece a cinco características essenciais, mas não obrigatórias.³

1. A fonte directa de dados é sempre, de acordo com BOGDAN E BIKLEN o «ambiente natural» sendo um investigador o instrumento principal. Ou seja, os proponentes introduzem-se no espaço de estudo (uma família, uma escola, uma comunidade ou outro local) recolhendo dados, que depois revêem. Entende-se que os acontecimentos são compreendidos mais eficazmente quando observados no contexto onde ocorrem. No caso do Arquivo Regional da Madeira, a aproximação aos sujeitos e o conhecimento do seu quotidiano concretizou-se com facilidade, uma vez que integro a equipa do Serviço Educativo desde Maio de 2005. A observação e participação nas actividades desenvolvidas permitiram um melhor entendimento do contexto envolvente.

2. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos traduzem-se em palavras, imagens e nunca em números. Os resultados incluem citações com base nas fontes consultadas, transcrições de entrevistas, fotografias análise de documentos pessoais ou registos oficiais. O método chegou a ser criticado por outros autores pela importância atribuída aos detalhes. Durante a fundamentação teórica e Estudo de Caso sobre o SE do ARM, recorremos a relatórios internos, documentos oficiais da Instituição e materiais pedagógicos produzidos. O uso da citação aconteceu principalmente no Estudo de Caso, em que as opiniões e experiências pessoais dos elementos que compõem o Serviço Educativo, bem como dos professores e alunos intervenientes nas actividades, foram de suma importância.

3. Os investigadores qualitativos em Educação interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados. Se a análise quantitativa tem sido útil para demonstrar as alterações factuais no nosso Mundo, a estratégia qualitativa veio enfatizar as expectativas, procedimentos e interacções. A observação participante é um bom exemplo da aplicação deste método. No caso da investigação sobre o Arquivo Regional da Madeira, o recurso às entrevistas permitiu-nos registar testemunhos importantes, ricos em detalhes, através dos quais compreendemos os aspectos positivos e as dificuldades da

³ Para aceder a estas e mais informações sobre características da investigação qualitativa, veja-se BOGDAN e BIKLEN, 1994: pp. 47-51.

implementação de um Serviço Educativo em Arquivo. Estas experiências pessoais poderão servir de exemplo a técnicos e órgãos dirigentes, interessados em expandir a Função Comunicação e a dinamização dos Arquivos junto de novos públicos.

4. Os investigadores qualitativos não pretendem confirmar hipóteses construídas previamente, mas elaborar uma teoria de acordo com a informação recolhida. Nunca presumem que sabem o suficiente antes de começar a investigação. No início, a recolha e análise dos dados pressupõe múltiplas opções, que começam um processo de afunilamento até ao apuramento e apresentação de conclusões. Os resultados finais da dissertação sobre o ARM são um produto da observação, da análise de dados e das entrevistas efectuadas junto de alguns intervenientes, nomeadamente a directora, os elementos da equipa de trabalho do ARM, um professor e alunos intervenientes na primeira acção do SE.

5. O significado é fulcral na abordagem qualitativa. Os investigadores que seguem esse método preocupam-se com as opiniões de todos os intervenientes, a sua dinâmica interna. Com esse objectivo em mente, procuram um registo tão rigoroso quanto possível.

Em suma, cabe ao investigador qualitativo questionar permanentemente os sujeitos. Por outro lado, estabelecem-se estratégias e procedimentos que facilitem a recolha de dados, tornando-a fidedigna do ponto de vista do informador. O diálogo entre investigador e sujeito da investigação é constante.

Todas as características enunciadas acima foram seguidas na nossa dissertação.

CAPITULO 1 – Arquivo e Serviço Educativo: História e conceitos associados

1.1. Arquivo: Definição, funções e conceitos

O presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão da função Comunicação nos Arquivos, especificamente através das actividades de Serviço Educativo. Nessa perspectiva, entendemos necessário clarificar não só todos os deveres do Arquivo e do arquivista, mas também alguns conceitos básicos, indissociáveis ao entendimento do acto de divulgação dos acervos documentais. Arquivo, Documento, Comunicação, Património Arquivístico são alguns desses conceitos-chave.

A *Norma Portuguesa 4041* entende Arquivo como um « [...] conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado, ou no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação». ⁴ Os *Fundamentos da Disciplina Arquivística*, de Jean Yves ROUSSEAU e Carol COUTURE, consideram Arquivo o conjunto de documentos de qualquer natureza, reunidos automática e organicamente, em ligação com as actividades e as funções de Instituições públicas ou privadas. A obra *Subsídios para um Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* designa Arquivo como uma « [...] Instituição ou Serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos», ou, ainda, « [...] um conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade colectiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas actividades, independente da natureza dos suportes». ⁵

Na base do trabalho do arquivista estão os documentos, que podem ser de tipos distintos: textuais, iconográficos, electrónicos, audiovisuais, sonoros e até virtuais e de meta-informação. Tendencialmente, as actividades educativas

⁴ N.P 4041 - *Informação e Documentação. Terminologia Arquivística. Conceitos básicos*, 2005: p. 5.

⁵ GOUGET, MONTEIRO, SANTOS et al., 2004: [on-line], p. 19.

e culturais, onde se incluem as palestras, exposições ou publicações, privilegiam os dois primeiros. Entende-se por documento textual aquele « [...] cuja informação é veiculada através da escrita». ⁶ O documento iconográfico difunde a informação « [...] através de imagens (a duas ou três dimensões), como desenho, fotografia, gravura, maquete, etc». ⁷

Segundo o projecto *Subsídios para um Dicionário de Terminologia Arquivística*, o Documento de Arquivo é todo aquele que é produzido ou recebido por uma entidade, no exercício das suas actividades para cumprimento de fins administrativos ou judiciais. É um documento único e original e daí a seu valor histórico.

O Património Arquivístico será então uma « [...] parcela do património constituída pelo conjunto dos Arquivos com interesse cultural relevante para a memória, identidade e conhecimento de um país. A conservação deste património está sujeita a disposições legais próprias». ⁸

São funções do Arquivo, segundo um estudo da década de 80, a Recolha, Preservação e Difusão dos documentos que são necessários para fins legais, administrativos ou de investigação. ⁹

A arquivista brasileira Heloísa BELLOTTO considera que os arquivos públicos:

« [...] existem com a função de recolher, preservar e organizar documentos (isto é, informações orgânicas registadas) originadas no cumprimento das funções governamentais, organizando-os administrando seu uso administrativo e jurídico, em primeira instância e, depois, seu uso científico, social e cultural». ¹⁰

⁶ N.P 4041 - *Informação e Documentação. Terminologia Arquivística. Conceitos básicos*, 2005: p.7.

⁷ *Ibidem*: p. 7.

⁸ *Ibidem*: p. 21.

⁹ FRANZ, 1986: p. 7.

¹⁰ BELLOTTO, 2005: [on-line].

Em Portugal, a *N.P. 4041* descreve e subdivide as funções de Arquivo em Aquisição da Documentação, Avaliação, Tratamento Arquivístico, Conservação, Preservação, Restauro e, finalmente, a função Comunicação.

Entre os termos apresentados na área da Comunicação, a norma destaca alguns conceitos essenciais à divulgação do espólio documental:

Acessibilidade – Disponibilidade dos documentos para consulta, em consequência da sua comunicabilidade e do necessário tratamento arquivístico (descrição arquivística, estado de conservação, etc).

Classificação de Segurança – Restrição de comunicabilidade e utilização de documentos de Arquivo, atribuída ou retirada por entidades definidas em legislação própria, por razões de Segurança Nacional.

Comunicabilidade – Possibilidade de consulta de documentos de Arquivo, de acordo com as disposições legais e/ou regulamentares. Podem ser definidos níveis de acesso para diferentes tipos de utilizadores.

Comunicação – Função primordial do Serviço de Arquivo, que visa facultar dados, informações, referências e documentos, difundir o conhecimento do seu acervo documental e promover a sua utilização.

Difusão – Função do Serviço de Arquivo que visa promover o conhecimento do respectivo acervo documental.

Uma investigação francesa de 2004 considerou a Comunicação um dos elementos essenciais da valorização dos Arquivos e dos seus Serviços Educativos.¹¹ Recomendou também que, além da divulgação das acções, os Arquivos devem disponibilizar aos públicos com quem trabalham dossiês de apresentação das suas propostas.

Ao longo do Estudo de Caso verificaremos quais as opções seguidas pelo SE do ARM, em termos de planificação e concretização das actividades.

1.2. Serviço Educativo em Arquivo: Uma perspectiva histórica

Embora ainda em desenvolvimento no nosso país, o conceito de Serviço Educativo em Arquivo não é novo. Os seus primórdios datam de meados do século XX, e os ventos de mudança chegaram-nos de França.

¹¹ BENXAYER, 2004: p. 20.

Foi em 1950 que começou a ser discutida a implementação de actividades educativas e culturais, como forma de atrair novos leitores aos Arquivos.

A aurora deste projecto está directamente ligada à criação do Conselho Internacional de Arquivos (CIA). Foi depois do primeiro Congresso Internacional desta Instituição (Paris, em Agosto de 1950) que o recém-eleito presidente do CIA e director-geral dos Arquivos Franceses, Charles Braibant, criou o primeiro Serviço Educativo, através de uma parceria entre o Arquivo Nacional de Paris e o Museu de História da França (Versalhes). A novidade do sistema foi a ideia de cooperação entre arquivistas e professores, de forma a facilitar o uso pedagógico dos recursos dos Arquivos.¹²

Os Arquivos Nacionais franceses optaram pela contratação em part-time de professores de História, encarregados da organização de mostras documentais, interligadas aos programas curriculares, correspondendo assim às necessidades educativas das Escolas. Incentivou-se a criação de textos descritivos e explicativos sobre a documentação, aliados à organização de visitas orientadas às exposições e aos depósitos, prática aperfeiçoada ao longo do tempo.

A nova abordagem francesa de aproximação entre Arquivo e Escola espalhou-se rapidamente pela Europa. O curso internacional de Arquivos dinamizado por Charles Braibant no Arquivo Nacional de França (Paris), em 1951/52, foi recebido com entusiasmo. Dois anos depois, isso mesmo foi testemunhado na Bélgica, no decurso de um simpósio que reuniu professores e arquivistas. “Arquivos e Educação” e “Os Arquivos e o Ensino” foram temas dominantes na Primeira Conferência Internacional da Mesa Redonda dos Arquivos, realizada em Paris (1954). Mais tarde, em 1956, o relatório de um arquivista alemão veio salientar a pertinência do projecto francês, garantindo que, dentro de 10 anos, todos os estudantes daquele país iriam lembrar com entusiasmo a possibilidade de contacto com a sua História, proporcionada pela visita aos Arquivos.

¹² FRANZ, 1986: p. 7.

Embora se verificassem resultados encorajadores em França¹³ com um acréscimo de mais de 30.000 estudantes a participar anualmente em actividades de Serviço Educativo na década de `50¹⁴ os restantes países europeus demoraram mais algum tempo a adoptar os novos conceitos.

A Missão Educativa do Arquivo permaneceu como experiência maioritariamente francesa até à década de `60, altura em que as novas abordagens ao ensino da História e uma geração emergente de arquivistas deram o impulso necessário ao início do debate. A atenção dada ao tema comprovou-se em 1963, na Conferência Anual da Associação Alemã de Arquivistas, bem como na Primavera de 1965, no III Congresso da Associação Alemã de Historiadores, onde, pela primeira vez, promoveu-se uma sessão de trabalho dedicada ao tema “Arquivos e Escolas”. Um debate que juntou arquivistas e curadores de museus. Na Alemanha da década de `70, arquivistas de renome insistiram no dever e na necessidade de uma participação mais activa dos Arquivos nas escolas públicas. Na mesma altura, durante as comemorações do bicentenário da Constituição Americana, o sucesso das actividades educativas desenvolvidas determinou a intenção de fundir e aprofundar a acção Arquivos/Educação.

A necessidade de abertura ao público parece ser uma questão consensual nos nossos dias, embora ainda prevaleçam grandes diferenças na aplicação efectiva deste princípio em termos do alargamento e profusão de boas práticas. Nota-se que, actualmente, embora as palestras de arquivistas nas Escolas e as visitas de alunos aos Arquivos sejam comuns na Inglaterra e em França – com bibliografia extensa sobre o assunto – alguns países, como é o caso de Portugal, avançam com as primeiras experiências neste campo.¹⁵

¹³ O Manual de Arquivística francês lançado em 1970, assume claramente a divulgação dos acervos e a intervenção educativa como funções primordiais dos Arquivos.

¹⁴ FRANZ, 1986: p. 7.

¹⁵ *Ibidem*: p. 8.

1.3. Funções básicas e funções complementares dos Arquivos: Uso Académico, Uso Prático e Uso Popular

Às funções básicas dos Arquivos, diz-nos BELLOTTO, juntam-se as funções complementares, anteriormente vistas como acções ou actividades, cujo *status* tem vindo a mudar em virtude das novas concepções da Arquivística. Tratam-se de perspectivas de trabalho relacionadas com a própria Função Social, que « [...] têm a ver com exposições, eventos, comemorações, participação dos Arquivos em actividades de teatro e de turismo, assim como acções junto ao ensino fundamental e médio». ¹⁶ Estas novas funções relacionam-se directamente com o que BELLOTTO considera o «uso popular do arquivo», ¹⁷ mais especificamente, do Arquivo Permanente, como detentor do património documental da sociedade onde se insere.

BELSUNCE, citado por BELLOTTO, estabelece três categorias de uso dos Arquivos Históricos:

1. O Uso Académico, cujo resultado é a investigação feita por historiadores, sociólogos e outros estudiosos.

2. O Uso Prático, do qual surgem trabalhos técnicos que citam dados do passado. São elaborados, segundo BELSUNCE por arquitectos ou engenheiros.

3. O Uso Popular, onde o objecto é informativo e o sujeito o Cidadão, o «homem comum». A crescente procura dos Arquivos por um público anónimo, exemplo claro do Uso Popular, vem justificar e valorizar o papel de mediação cultural que estas Instituições podem assumir.

BELSUNCE defende uma aproximação do Arquivo à Comunidade:

«A participação progressiva dos Arquivos na acção cultural reveste-se de uma aprendizagem da História, ao nível das populações menos letradas, assim como de tomada de consciência das identidades comunitárias, pelo conhecimento das tradições, do património arquitectónico, ou da história local». ¹⁸

¹⁶ BELLOTTO, 2005: [on-line].

¹⁷ *Ibidem*. [on-line].

¹⁸ *Ibidem*. [on-line].

Os documentos dos Arquivos Públicos, mais do que peças essenciais ao processo de decisão, administrativo e jurídico, tornam-se bens culturais, atingindo um valor informativo e histórico permanente, tanto para a Instituição que os produziu, como para a Sociedade. Os interesses do Cidadão e a Herança Cultural estão relacionados.

«E é com este sentido, o do acesso pleno do cidadão ao universo da informação (...) que os Arquivos devem se posicionar na sociedade. Sejam públicos, de nível federal, estadual ou municipal, sejam privados, de organizações e de entidades, eles podem e devem estar a serviço da sociedade que integram e que, afinal, possibilita a sua existência. São completamente interdependentes as necessidades entre Arquivos e sociedade».¹⁹

Na opinião de BELLOTO, ao considerarmos os Arquivos fontes de exploração do Passado ao dispor dos historiadores, registos de direitos, deveres e memória dos cidadãos, apercebemo-nos que os seus acervos estão profundamente inseridos naquilo que a chamamos Sociedade.

A procura de informação nos Arquivos, diz-nos BERCHE, citada por BELLOTO, pode ser conseguida através de exposições, contactos entre Escola e Arquivo, publicações de cunho cultural e cooperação com Museus e Bibliotecas, sempre com uma intenção de proporcionar cultura e lazer à Comunidade. Para atingir os objectivos de divulgação dos nossos Arquivos, há que compreender que « [...] a interligação entre Arquivo e Sociedade passa pela relação entre Arquivos e governo, Arquivos e património cultural/ pesquisa histórica e entre Arquivos e cidadania».²⁰

¹⁹ *Ibidem.* [on-line].

²⁰ *Ibidem.* [on-line].

1.4. A importância das actividades culturais nos Arquivos

Pelo que ficou exposto constatámos que as finalidades do Arquivo vão além da guarda da documentação. JÚNIOR, arquivista brasileiro, defende que:

« [...] as actividades culturais fazem parte dos trabalhos desenvolvidos pelos arquivistas e, por isso, devem ser operacionalizadas em conjunto com todas as outras que formam a base da ciência arquivologia. [...] Para que o Arquivo seja tido como fonte de cultura por um número maior de pessoas, precisamos incentivar o seu uso popular, ou seja, é necessária a popularização dos Arquivos públicos e privados – o que não comprometerá a qualidade dos serviços prestados, pelo contrário, incentivará a melhoria dos mesmos». ²¹

Apesar da necessidade de investir noutras funções dos Arquivos, o autor dá como exemplo os Estados Unidos, onde existem profissionais que se dedicam exclusivamente às actividades de Serviço Educativo. JÚNIOR considerou esta opção exemplar, mas quase impraticável nos Arquivos brasileiros, face à prioridade atribuída à descrição dos acervos.

Em próximos capítulos pretendemos conhecer as estratégias de outros países, nomeadamente a França, a Espanha e Portugal.

1.5. Serviço Educativo e Comunicação em Arquivo

Os Serviços Educativos dos Arquivos podem ser definidos como um « [...] conjunto de actividades pedagógicas realizadas com o objectivo de divulgar o acervo e iniciar o público na sua utilização». ²² Consideram-se também uma « [...] modalidade de serviço de apoio cultural que visa iniciar o público escolar na utilização do Arquivo». ²³ Segundo a definição brasileira, são parte dos Serviços de Apoio Cultural, destinados « [...] a promover a divulgação do

²¹ JÚNIOR, 1994: p. 94.

²² GOUGET, MONTEIRO, SANTOS et al., [on-line], 2004: p. 143.

²³ *Enciclopédia Arquivística*, (s.d.), [on-line].

Arquivo junto à comunidade, através de publicações, exposições, cursos, conferências e outras actividades».²⁴

Associada ao conceito de Serviço Educativo está a noção de Comunicação. O *Dicionário de Terminologia Arquivística* define Comunicação como « [...] função primordial do Arquivo, que consiste em facultar aos utilizadores actuais ou potenciais, informações, referências e documentos de que disponha e sobre os quais não recaia qualquer restrição de comunicabilidade». ²⁵

Segundo FREEMAN, citado por BELLOTO:

« [...] são os Arquivos públicos municipais estaduais os que mais teriam condições para levar avante o empreendimento. Até se pode demonstrar que este serviço não é uma extrapolação as suas finalidades, como se pensava. Chega mesmo a ombrear-se com os demais, como “função administrativa”». ²⁶

Cada vez mais, acrescenta, é fundamental que o público reconheça o trabalho dos Arquivos e dos arquivistas, ainda tão desconhecido na sociedade.

«Tem-se apenas a vaga ideia que os Arquivos são repositórios de informações, mais ou menos fidedignas e que ali existem registos válidos em torno dos direitos e deveres do cidadão para com o estado e vice-versa». O público sabe, muito por alto, que as empresas têm Arquivos, onde estão as provas legais da sua existência e outras informações. Principalmente porque os cidadãos, ao longo da sua vida, tiveram necessidade de aceder a registos acumulados. ²⁷

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ ALVES, RAMOS, GARCIA et al, 1993: p. 23.

²⁶ BELLOTTO, 2005: [on-line].

²⁷ *Ibidem*.

Neste capítulo, apresentamos algumas noções associadas aos Arquivos e introduzimos os conceitos de Comunicação e Serviço Educativo. Constatámos que as actividades de divulgação dos Arquivos têm mais de 50 anos de implementação em França e foram seguidas por outros países. A Comunicação chega a ser considerada uma das funções primordiais do Arquivo e os conceitos que lhe estão associados fazem parte das normas da Comunidade Arquivística, quer na França, como no Brasil e mesmo em Portugal. Os Arquivos e as estratégias de dinamização dos seus acervos têm sido tema de debate em congressos, sempre associados à Educação e às Escolas, parceiras primordiais destas Instituições.

CAPÍTULO 2 – Educação: Fundamentação do objecto teórico

2.1. Psicologia da Educação: Uma abordagem às teorias da aprendizagem, do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento humano

Neste capítulo, destinado à fundamentação do objecto teórico Educação, apresentam-se, em traços gerais, algumas das suas teorias, do Behaviorismo ao Construtivismo, bem como as categorias de Educação Formal, Não Formal e Informal. A Educação Humanista de FREINET e o modelo de Paulo FREIRE serão também objecto de análise. Optámos ainda por estabelecer um paralelo entre os Serviços Educativos e os contributos da investigação em Animação Sociocultural, ambos vocacionados para uma ligação do Ensino à Vida. O conceito de Educação Comunitária e a teoria do desenvolvimento educacional de EGAN serão também brevemente referenciados. Conhecer a evolução destas perspectivas ajuda-nos a clarificar a função pedagógica dos Arquivos. Espera-se contribuir para o debate/reflexão sobre os mecanismos de interação entre professor/arquivista/técnico do Serviço Educativo e aluno/visitante dos Arquivos.

As primeiras teorias da aprendizagem devem-se à psicologia behaviorista, com SKINNER como principal referente. Posteriormente, foram-se adoptando outros princípios da psicologia cognitiva, formulados por VIGOTSKY, BANDURA, BRUNER, AUSUBEL, entre outros. Neste enquadramento:

« [...] as estratégias de aprendizagem [...] constituem elementos de renovação do sistema educativo. [...] As teorias do desenvolvimento contribuem com conhecimentos para analisar os factores que incidem na aprendizagem. Estes factores podem ser intrapessoais (capacidade, inteligência, atenção, memória, personalidade, auto conceito, motivação, etc). O conhecimento destes factores possibilita uma intervenção psicoeducativa baseada num quadro teórico».²⁸

²⁸ VIDAL, (s.d.): p. 255.

2.1.1. Behaviorismo

A corrente behaviorista, do inglês *behaviour* (comportamento, conduta), também apresentada como Comportamentalismo, Análise do Comportamento ou Psicologia Objectiva, pode ser definida como um conjunto de teorias que consideram o comportamento como único, afirmando que os processos mentais não são mensuráveis ou analisáveis.²⁹ Define a aprendizagem « [...] como uma mudança de comportamento, mais ou menos permanente, que não se deve a tendências inatas, nem a processos de maturação, nem a estados passageiros do organismo».³⁰ Os principais pilares das teorias da aprendizagem behaviorista são o condicionalismo clássico de PAVLOV e o condicionamento operante de SKINNER.

SKINNER entende que o Behaviorismo « [...] não é a ciência do comportamento humano, mas, sim, a filosofia dessa ciência».³¹ Outros seguidores desta perspectiva, como THORNDIKE, GUTHRIE, TOLMAN ou HULL também elaboraram as suas respectivas teorias.

Os behavioristas apresentam como certa a modificação dos comportamentos.

«Depois de analisar o comportamento visível em função da interacção entre hereditariedade e ambiente, consideram que a maior parte do comportamento humano é adquirido, e, portanto susceptível de ser modificado mediante técnicas adequadas (reforço, modelação, etc)».³²

A investigação behaviorista define quatro tipos de reforço: o reforço positivo, o negativo, a extinção e o castigo.

1. Reforço positivo: O comportamento que precede estímulos gratificantes (elogios, afectos ou boas classificações escolares) será provavelmente repetido no futuro;

²⁹ Wikipédia, (s.d.): [on-line].

³⁰ VIDAL, (s.d.): p. 255.

³¹ *Sobre o Behaviorismo*, (s.d.): [on-line].

³² VIDAL, (s.d.): p. 256.

2. Reforço negativo: Tentativa de eliminar um estímulo desagradável, pressupondo um alívio e o aumento da resposta. Exemplo: Correr para um abrigo para evitar ficar ensopado da chuva;

3. Extinção (não reforço): O comportamento é ignorado, não tem consequências, não recebe nenhum reforço. Pretende-se assim a sua extinção;

4. Castigo: Estímulo negativo que se segue a um comportamento. Pretende-se diminuir a sua frequência.³³

Estes princípios têm aplicação prática através da aplicação de técnicas de modificação do comportamento. Em 1953, SKINNER e SOLOMON utilizaram pela primeira vez a expressão «terapia behaviorista». O termo generalizou-se como referência « [...] a uma ampla gama de técnicas derivadas das teorias de aprendizagem com o objectivo de modificar o comportamento. Por isso, as teorias da aprendizagem também se denominam técnicas de modificação de comportamento».³⁴ Esta estratégia pretende estabelecer objectivos em termos de comportamento visível, definir o nível de partida do aluno, planificar as suas tarefas, especificar os reforços que as acompanham, os materiais e o tipo de interacção professor/aluno. Como complemento, os educadores devem elaborar um registo cumulativo, analisando a evolução do processo e avaliando sistematicamente as aquisições do educando.

Para atingir os objectivos traçados, delinearam-se quatro modelos: a modelação, a atenuação, os acordos de comportamento ou contingência e os sistemas de acumulação de pontos.

1. Modelação: Também definida como técnica de aproximações sucessivas, pretende dar pequenos passos em direcção ao comportamento final, reforçando os esforços do aluno;

2. Atenuação: Elimina os reforços à medida que se consolidam os comportamentos, até que sejam atingidos sem ajuda;

3. Acordos de comportamento ou contingência: Consistem em estabelecer os comportamentos desejados mediante um acordo com o aluno, negociando os reforços que terá em troca;

³³ *Ibidem*: p. 257-258.

³⁴ *Ibidem*: p. 258.

4. Sistemas de acumulação de pontos: O aluno vai ganhando «pontos» com os quais poderá ter recompensas, como, por exemplo, notas académicas ou tempo livre.³⁵

A teoria behaviorista clássica evoluiu até ao aparecimento de uma nova corrente, que admite uma participação mais activa da dimensão cognitiva do comportamento humano. Ficou conhecida como corrente cognitivista, fundamental ao estudo da intervenção nos processos de ensino.

2.1.2. Cognitivismo

A corrente cognitivista « [...] pretende unir o humanismo e o behaviorismo». ³⁶ A sua implementação deve-se a algumas lacunas explicativas do behaviorismo, principalmente no que diz respeito à ideia muito criticada de ausência de actividade pensante do Ser Humano.

Os cognitivistas acreditam que a aprendizagem é « [...] resultado da reorganização de percepções e formação de novas relações». ³⁷ Esta teoria destaca o papel fulcral do processamento da informação para que as aprendizagens sejam efectivas, produzindo transformações na forma de conceber o comportamento humano. Garantem que o Ser Humano é activo na procura de informação:

«Esta vai se processando com uma motivação intrínseca para encontrar uma ordem lógica, um significado pessoal e uma previsão razoável no seu meio físico e psicológico [...] desde que nasce, o ser humano passa por diferentes fases durante as quais desenvolve determinadas estruturas de conhecimento, que vão mudando com o tempo e que lhe servem para encontrar, tratar e dar significado à informação do ambiente». ³⁸

³⁵ *Ibidem*: p. 260-261

³⁶ *Ibidem*: p. 261.

³⁷ SPRINTHALL e SPRINTHALL, 1993: p. 217.
VIDAL, (s.d.): p. 261.

Os antecedentes da psicologia cognitiva confluem da perspectiva cibernética de WIENER, da teoria geral de sistemas de BERTALANFFY, da teoria da informação (SHANNON e WEAVER), da neurofisiologia de PENFIELD, da Escola de Jean PIAGET e da Escola Soviética (PAVLOV, LURIA, LEONTIEV e VIGOTSKY). Recebe também influências da teoria do processamento da informação (LINDSAY e NORMAN), da psicolinguística de CHOMSKY, da teoria das construções ilusórias pessoais (construtos) de KELLY, da admissão da dimensão cognitiva integrada na teoria da motivação (TOLMAN, LEWIN, MCCLELLAND, ATKINSON) e da teoria da aprendizagem social (BANDURA e MOWRER).

SKINNER, um comportamentalista, e BRUNER, cognitivista, são alguns dos contemporâneos deste movimento, particularmente importantes na psicologia educacional, pois dedicam muito tempo « [...] a falar directamente para o professor».³⁹ Com esta visão, o modelo behaviorista (estímulo-resposta) vai sendo abandonado em detrimento das variáveis intermediárias (propósitos, nível de aspiração, expectativas). Em suma, defende-se que a pessoa, apesar de ser um produto do meio, é capaz de modificá-lo através de um certo auto-controlo, definido pela capacidade humana de regular, julgar e controlar o próprio comportamento, mesmo na ausência de restrições externas e de autoridades.

«Os mecanismos que fazem com que uma pessoa possa manipular o seu próprio comportamento adquirem-se através de aprendizagem directa, aprendizagem substituta (mediante modelos a imitar) aprendizagem dirigida (com auto-reforço) ou aprendizagem mediada (com a intervenção do mediador)».⁴⁰

A leitura e as estratégias da aprendizagem foram a principal linha de investigação da perspectiva cognitiva. Para compreender a orientação das crianças e jovens, através de desenvolvimento cognitivo, é necessário referir brevemente as teorias de VIGOTSKY, PIAGET, GAGNÉ, BRUNER, AUSUBEL, BANDURA e KELLY.

³⁹ SPRINTHALL e SPRINTHALL, 1993: p. 218.

⁴⁰ VIDAL, (s.d.): p. 262.

Para VIGOTSKY, na década de `70:

« [...] a aprendizagem não segue o desenvolvimento, mas antes resulta dele: “a instrução só é boa quando precede o desenvolvimento, quando desperta e traz à vida as funções que estão em processo de maturação ou na zona de desenvolvimento próximo. É justamente assim que a instrução desempenha um papel extremamente importante no desenvolvimento”». ⁴¹

A capacidade de aprendizagem relaciona-se com a mediação social para a construção de processos mentais superiores e com a mediação instrumental, através de aspectos representativos, casos da linguagem, leitura, escrita, cálculo, uso de materiais curriculares e jogos didáticos.

VIGOTSKY aborda quatro estádios de desenvolvimento. Nos dois primeiros anos de vida, o pensamento ainda não é verbal e o discurso não é conceptual. No segundo estádio, desenvolve-se a linguagem e a capacidade de designar objectos e nomear pessoas. O discurso egocêntrico (interno) caracteriza o terceiro estádio, no qual se desenvolve o pensamento e os comportamentos. No quarto momento, o discurso torna-se coberto e abreviado, traduzindo apenas atributos. ⁴² Do ponto de vista educativo, VIGOTSKY e BAKHTIN influenciaram uma instrução que valoriza a interacção social de um perito (professor) com um aprendiz (aluno), funcionando o mais competente como modelo do educando. ⁴³

PIAGET, um dos teóricos mais conhecidos nesta área de investigação, defendeu que as pessoas têm um papel activo no processamento da informação, tentando atribuir significado ao mundo que as rodeia. As experiências são filtradas pelas estruturas cognitivas.

⁴¹ *Ibidem*: p. 263.

⁴² CANAVARRO, 1999: p. 37.

⁴³ *Ibidem*: p. 38.

Entre as décadas de `30 e `60:

« [...] enquanto os esforços para abandonar a ideia de uma inteligência fixa e quantitativa se revelavam particularmente sem sucesso (com excepção do conceito geral de crescimento proposto por Gesell), Jean Piaget trabalhava calma e quase imperceptivelmente no Instituto J. J. Rousseau para o Estudo da Criança, em Genebra». ⁴⁴

Recorrendo a observações directas e sistemáticas de crianças, onde se incluíam os seus próprios filhos, o autor começou a implementar uma perspectiva revolucionária, tornando-se um dos mais destacados especialistas do desenvolvimento cognitivo em psicologia. Uma vez que as suas ideias iam fortemente contra a principal corrente da psicologia educacional, apenas nos anos `70 as ideias de PIAGET começaram a ser reconhecidas pelos seus pares.

«Piaget propunha que se começasse por investigar a criança em vez de adoptar a perspectiva oficial de Thorndike segundo a qual se deveriam investigar as leis da aprendizagem em abstracto. O que se passava na mente da criança era considerado demasiado complexo para ser compreendido ou, simplesmente, irrelevante». ⁴⁵

Segundo PIAGET, o significado de cognição, pensamento ou processamento racional determinou um processo activo e interactivo.

«A mente, em linguagem corrente, não é uma simples folha de papel em branco na qual o meio escreve; mas também não é um dispositivo completamente separado que existe num isolamento glorioso». ⁴⁶

⁴⁴ SPRINTHALL e SPRINTHALL, 1993: p. 98.

⁴⁵ *Ibidem*: p. 99.

⁴⁶ *Ibidem*: p. 102.

Depois de examinar os padrões de pensamento da criança, este autor identificou quatro períodos ou estádios principais dentro de certas faixas etárias. Sensório-motor (até aos 2 anos), pré-operacional (2 aos 7 anos), operações concretas (7 aos 11 anos) e operações formais (11 aos 15 anos). Cada estádio obedecia a determinadas características, conforme sintetizado no quadro abaixo.

Estádios do desenvolvimento cognitivo (Piaget)		
Estádio	Idade	Características
Sensório-motor	0-2 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização da imitação, da memória e do pensamento. • Consciência de que os objectos não deixam de existir quando se escondem.
Pré-operacional	2-7 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento gradual da linguagem e do pensamento simbólico. • Capacidades de pensamento em operações lógicas. • Dificuldades de compreensão do ponto de vista alheio.
Operações concretas	7-11 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de resolver problemas concretos de maneira lógica. • Compreensão da lei de conservação. • Capacidade para classificar e fazer séries (seriação). • Compreensão da reversibilidade.
Operações formais	A partir dos 11 anos	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade para resolver problemas abstractos de forma lógica. • O pensamento torna-se mais científico. • Desenvolvimento do interesse pela identidade pessoal e pelos temas sociais.

Fonte: VIDAL, José A. (org), (s.d.). *Enciclopédia Geral da Educação*. (s.l.): Oceano, p. 264.

PIAGET defendia que o conhecimento surge da interacção com o ambiente. A acção das pessoas sobre a realidade seria fonte do conhecimento adquirido durante o processo de aprendizagem:

«Actuar não significa exclusivamente a realização de movimentos externos e visíveis, mas também uma acção interna, mental: calcular, comparar, ordenar, classificar, raciocinar, analisar, etc. Assim, ler, ouvir música ou olhar para um quadro são exemplos de actividade mental construtiva». ⁴⁷

O sujeito vai construindo de forma espontânea os seus conhecimentos, agindo em interacção com o ambiente. Não percebe a realidade como ela é, mas modifica-a atribuindo-lhe novos significados.

Outra dimensão posteriormente contestada da teoria de PIAGET atribuía uma importância secundária à Educação como forma de desenvolvimento pessoal: « [...] o indivíduo aprende nas suas relações com o objecto de aprendizagem, independentemente da função educativa do adulto». ⁴⁸ Assim, « [...] o desenvolvimento cognitivo depende da acção, em qualquer dos estádios». ⁴⁹ As crianças precisam ocupar-se com actividades apropriadas. Por essa razão, nas suas obras dedicadas aos educadores, incentivou frequentemente a criação de uma Escola Activa, com recurso a métodos que « [...] sublinham a importância dos princípios de liberdade, de actividade e de interesse da criança, com o objectivo de favorecer o seu desenvolvimento [...] trata-se do trabalho em equipa e do self-government» ⁵⁰. Através desta técnica, o aluno desenvolveria um sentimento de igualdade e de justiça.

Os métodos da Escola Activa revelaram que a formação da personalidade e a cooperação eram indissociáveis, estabelecendo uma relação entre a psicologia e a pedagogia. A nova Educação pedia que a criança fosse tratada

⁴⁷ VIDAL, (s.d.): p. 265.

⁴⁸ *Ibidem*: p. 266.

⁴⁹ SPRINTHALL e SPRINTHALL, 1993: p. 113.

⁵⁰ PIAGET, 1999: p. 12.

como um ser autónomo, cujo pensamento é semelhante ao de um adulto, apenas com estruturas lógicas particulares.

No aspecto da vida social, PIAGET contrapôs a Escola tradicional e a nova Escola. «Se a primeira apenas conhece a relação de autoridade exercida pelo professor sobre a criança, a segunda reserva um lugar essencial à vida social entre crianças»,⁵¹ destacando-se o trabalho em equipa. As teorias fundamentadas neste autor alcançaram grande popularidade, sendo aplicadas pela Escola de Genebra e pela Escola de Barcelona. AEBLI foi outro dos seus seguidores, autor de *Didatique Psycologique*.

Mais tarde, na década de `80, algumas investigações vieram contradizer as teorias de PIAGET e a organização rígida do desenvolvimento por etapas. GAGNÉ, BRUNER e AUSUBEL apresentaram outras alternativas à teoria dos quatro estádios. O modelo global de GAGNÉ⁵² – teoria da aprendizagem cumulativa – inclui três elementos centrais.

1. As estruturas internas (de registo sensorial, armazém de memória a curto e a longo prazo, geradoras de resposta, executoras da resposta final).

2. Os processos internos (motivação, atenção, percepção selectiva, codificação da informação, armazenamento da memória, recuperação, generalização, transferência, execução, retroalimentação ou reforço).

3. Os processos externos (motivação, apreensão da informação, aquisição, retenção, recordação, generalização, execução e retroalimentação).

Em BRUNER – aprendizagem por descoberta – a teoria centra-se no estudo dos processos educativos, no desenvolvimento humano e no crescimento cognitivo, desenvolvido através da percepção, acção, desenvolvimento e linguagem. A hipótese deste autor é que se pode ensinar qualquer matéria, a qualquer criança, de qualquer idade, se o fizermos de maneira honesta. «Este princípio pressupõe um optimismo pedagógico a toda a prova [...]».⁵³ BRUNER entende que quando as crianças respondem de forma errada, estão a responder a outra questão, é apenas necessário perceber a que pergunta estariam a responder.

⁵¹ *Ibidem*: p. 15.

⁵² VIDAL, (s.d.): p. 267.

⁵³ *Ibidem*: p. 268.

«Logo que as nossas crianças bloqueadas eram capazes de suportar os problemas tal como eram colocados – quando conseguíamos proporcionar-lhes a oportunidade de lidarem com as coisas, sem conflito – o seu desempenho era muito semelhante ao das outras crianças, embora menos hábil [...] ». ⁵⁴

O crescimento intelectual, segundo o autor, obedece às seguintes características: ⁵⁵

1. Independência das reacções relativamente à natureza do estímulo. Ou seja, muitos dos conhecimentos da criança são previsíveis em relação aos estímulos que a afectaram imediatamente antes.

2. Depende da interiorização de acontecimentos, num sistema que corresponde ao meio e torna possível a capacidade de ir além da informação encontrada.

3. Implica a capacidade de dizer o que se fez e se irá fazer, a si mesmo e aos outros.

4. Depende muito da interacção entre o educador e o educando, mas também das relações estabelecidas com a família, figuras de identificação especiais, professores ou heróis da criança.

5. O ensino está facilitado pela linguagem, intercâmbio e instrumento do aluno com o ambiente.

6. É marcado pela capacidade de lidar com alternativas distintas no mesmo período de tempo, dispensando atenção a todas de forma coerente.

O trabalho de PIAGET foi destacado por BRUNER, que realçou a descrição formal «brilhante» da natureza do conhecimento das crianças em cada estágio do desenvolvimento. «O que Piaget fez foi escrever a teoria lógica implícita de acordo com a qual a criança procede ao desempenhas tarefas intelectuais». ⁵⁶

A teoria de aprendizagem por descoberta estabeleceu uma distinção entre Educação e Escola. A Educação implicava uma transmissão de conhecimento dos mais sabedores para os menos sabedores. «A cultura é um poderoso

⁵⁴ BRUNER, 1999: p. 21.

⁵⁵ *Ibidem*: p. 21-23.

⁵⁶ *Ibidem*: p. 24.

instrumento que modela e amplia as capacidades cognitivas da pessoa».⁵⁷ A grande diferença em relação ao behaviorismo reside na certeza que o conceito de aprendizagem exige compreensão de quem aprende e não a mera realização de acções não entendidas pelo indivíduo. BRUNER vem defender a existência, não de ensino programado, mas de programas sobre como ensinar.

A teoria da aprendizagem significativa de AUSUBEL valorizou o estudo do pensamento e das estruturas cognitivas, defendendo a Educação Formal e os conteúdos educativos. Favoreceu a aprendizagem verbal, em oposição à que recorre à acumulação de dados. A aprendizagem significativa teria três vantagens sobre a memorística: « [...] o conhecimento é lembrado durante mais tempo, aumenta a capacidade de aprender novos materiais relacionados e facilita a reaprendizagem (voltar a aprender o que se esqueceu)».⁵⁸ Nesta perspectiva, é exigido aos alunos que estabeleçam uma relação entre os novos conhecimentos e outros conceitos já aprendidos. Professor e estudante devem conhecer o ponto de partida conceptual. Implica ainda uma interacção entre os conceitos inclusores (ideias que já existem na estrutura cognitiva dos alunos) e o conteúdo da aprendizagem.

São definidas três condições para que este tipo de aprendizagem seja bem sucedida. A significatividade lógica do material de aprendizagem. A significatividade psicológica que o aluno deve possuir, ou seja, conhecimentos prévios pertinentes, que se possam relacionar com os novos materiais. Por fim, a disposição favorável, isto é, a atitude do aluno perante a aprendizagem significativa. Outro conceito associado à teoria de AUSUBEL é o de organizadores prévios, ou seja, material introdutório aos novos conceitos. O autor recomenda que devem ser estabelecidas relações entre as matérias, de forma a incrementar as possibilidades do ensino por aprendizagem significativa. Em suma, devem interagir todos os elementos do triângulo interactivo: o aluno, o professor e o conteúdo da aprendizagem.

Para AUSUBEL, tal como BRUNER, é essencial na psicologia educativa avaliar previamente os conhecimentos do aluno. AUSUBEL afirma:

⁵⁷ VIDAL, (s.d.): p. 268.

⁵⁸ *Ibidem*: p. 269.

«Se tivesse que reduzir toda a psicologia educativa a um só elemento, diria o seguinte: o factor mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Investigue-se esse e ensine-se em consequência [...] não se deve abordar nenhum tema a frio [...] É inútil apresentar explicações formais baseadas numa lógica que seja alheia à forma de pensar dos estudantes».⁵⁹

A aprendizagem social tem BANDURA como principal representante. Este teórico da psicologia educacional advogou que os comportamentos aprendem-se através da experiência própria (aprendizagem directa) e observando o comportamento das outras pessoas (aprendizagem por substituição). Ou seja, « [...] muitas das nossas aprendizagens podem ser concretizadas e fundamentadas na/pela observação dos outros num quadro social alargado».⁶⁰ Definiu-se que os comportamentos com um certo grau de complexidade podem aprender-se apenas mediante o exemplo ou a influência de modelos. Introduzindo modelos válidos e apropriados facilitar-se-á a aprendizagem, permitindo ao individuo imitá-los e ser orientado por eles.

A aprendizagem por imitação de BANDURA divide-se em vários processos: atenção, retenção, reprodução motriz, motivação e reforço.

1. Atenção, porque imitamos pessoas com as quais nos identificamos, seja por atracção pessoal ou por estarem dotados de algum prestígio social. Familiares, professores colegas, personagens de ficção são alguns exemplos;

2. Retenção, através de integração de imagens e recordações, codificações de sinais e linguagem. Contribuem para a retenção as actividades escolares, os jogos ou actividades pré-profissionais;

3. Reprodução motriz (aptidões mínimas necessárias);

4. Motivação, porque favorece atenção e o reforço inferido pelo sujeito ao verificar as vantagens que terá por imitar determinado comportamento.

As teorias de KELLY antecedem e fundamentam o construtivismo. O autor acredita que os comportamentos dependem da forma como o homem «constrói» o mundo. Do ponto de vista de KELLY, o termo aprendizagem não aparece. Em vez de referir conceitos como emoção, motivação, interesse, necessidade, impulso ou inconsciente, surgem outros, como, por exemplo,

⁵⁹ *Ibidem*: p. 270.

⁶⁰ CANAVARRO, 1999: p. 30.

conveniência, apropriação, intencionalidade, terapia do papel fixo, ciclo criativo, diagnóstico transitivo ou atitude crédula.

2.1.3. Construtivismo

Os construtivistas defendem a importância da actividade dos alunos no processo de aprendizagem. Estas concepções revelaram-se de grande importância no quadro actual da intervenção educativa e da prática pedagógica.

«Nesta perspectiva epistemológica, a aprendizagem não é conceptualizada como resposta a estímulos, exige auto-regulação e construção de estruturas conceptuais através de reflexão e de abstracção, e os problemas não são vistos como resolúveis através do armazenamento dum conjunto de respostas correctas».⁶¹

A teoria genética do desenvolvimento intelectual de PIAGET, a teoria da assimilação de AUSUBEL, as teorias do processamento humano da informação e a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem de VIGOTSKY são as principais representantes do construtivismo, que não é mais que a aplicação na Educação das teorias do desenvolvimento cognitivo.

«É entendido como um discurso sobre os fundamentos do conhecimento científico, ou como uma teoria geral do conhecimento que aparece, há um século atrás, primeiro pela pena de matemáticos eminentes, tais como L. Kronecker, que se interrogam sobre a origem dos números [...] por L. Brouwer, [...] para caracterizar uma concepção dos fundamentos das matemáticas».⁶²

⁶¹ *Ibidem*: p. 53.

⁶² MOIGNE, 1994: p. 13.

Tem como ideias estruturais a responsabilidade final do aluno em vários aspectos: no processo de aprendizagem, na construção do conhecimento por si próprio e na relação da nova informação com os conhecimentos prévios. Determina que os conhecimentos adquiridos em qualquer área potenciam-se quando relacionados com outras. Porque o aluno consegue dar significado às informações recebidas, a sua actividade mental construtiva aplica-se a conteúdos anteriores, resultantes de um processo de construção ao nível social. Afirmou-se repetidamente que a concepção construtivista não é uma teoria, mas um quadro explicativo, que parte da consideração « [...] social e socializadora da educação escolar». ⁶³ Revela as suas potencialidades « [...] na medida em que é utilizada como instrumento de análise das situações educativas e como ferramenta útil para a tomada de decisões inteligentes inerentes à planificação, desenvolvimento e avaliação do ensino». ⁶⁴

Toda a criação de conhecimento precisa do apoio de terceiros, sejam colegas, professores ou pais, todos eles responsáveis pelo estabelecimento das etapas de construção do conhecimento. Conforme a teoria construtivista, o educador deve orientar e guiar a aprendizagem do aluno. Segundo COLL, os construtivistas pretendiam criar um esquema orientado para a análise, explicação e compreensão do que realmente entendemos por Educação. Para atingir o objectivo, recorreram a outras disciplinas, casos da Didáctica, Sociologia, Orientação ou Educação Especial. Para a concepção construtivista « [...] nós aprendemos quando somos capazes de elaborar uma representação pessoal sobre um objecto da realidade ou sobre um conteúdo que pretendemos aprender». ⁶⁵

A teoria genética de PIAGET contribuiu com várias ideias. Inseriu os esquemas de acção, os estádios de evolução, a partir dos quais depende a capacidade de aprendizagem, em cada uma das idades. As teorias do processamento humano da informação proporcionaram uma explicação da aprendizagem e da organização do conhecimento na memória. AUSUBEL, com a teoria da assimilação, afirmou que o aluno aprende quando é capaz de atribuir significado ao conteúdo do que está a estudar. Tudo isto é possível

⁶³ COLL, MARTÍN, MAURI et al., 2001: p. 9.

⁶⁴ *Ibidem*: p. 9.

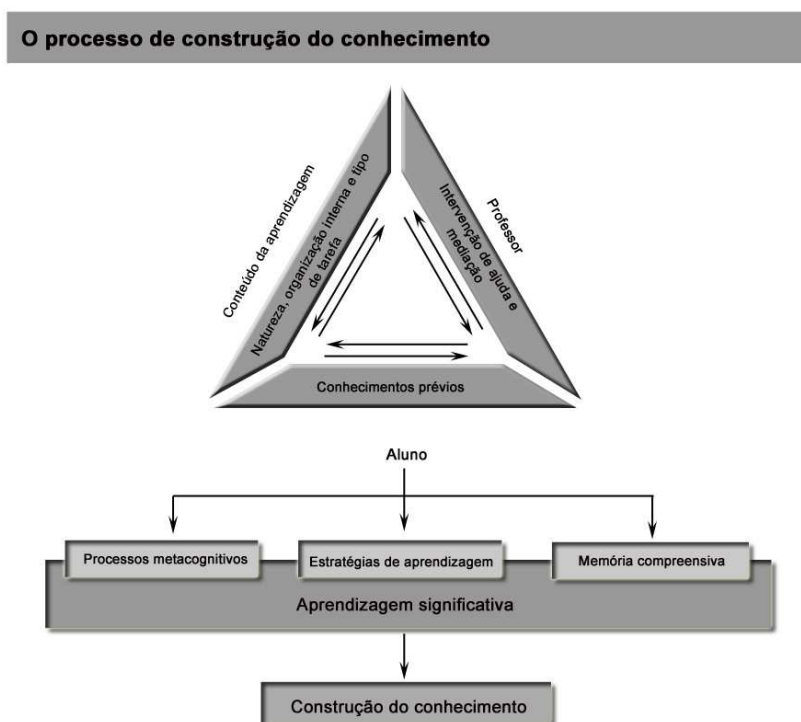
⁶⁵ *Ibidem*: p. 19.

através da interação entre alunos, conteúdo, professor (elementos do triângulo interactivo).

A dimensão social da aprendizagem foi outro dos elementos essenciais da teoria de VIGOTSKY. As ajudas de professores, pais, irmãos, amigos, meios de comunicação (televisão, rádio, imprensa, Internet) são, no seu entender, imprescindíveis à produção de conhecimento. Ainda importante na teoria construtivista está o conceito da Educação Social, assim como a interligação das componentes afectivas, relacionais e psicossociais no processo de aprendizagem.

«A construção de significado para as aprendizagens que o aluno aborda depende, em grande parte, de que o conteúdo que se aprende tenha sentido para ele. O sentido que os alunos atribuem à aprendizagem dos conteúdos escolares, ou seja, as intenções, propósitos e expectativas com que se aproximam da matéria de estudo, é um factor para a aprendizagem».⁶⁶

O processo de construção de conhecimento da perspectiva construtivista pode ser resumido no esquema abaixo.



Fonte: VIDAL, José A. (org), (s.d.). *Enciclopédia Geral da Educação*. (s.l.): Oceano, p. 281.

⁶⁶ VIDAL, (s.d.): p. 281.

SOLE e COLL, na obra *O construtivismo na sala de aula: novas perspectivas para a acção pedagógica* consideram que os nossos conhecimentos actuais:

« [...] levam-nos a admitir com Bruner (1988) que [...] dizer que “uma teoria do desenvolvimento é independente da cultura não é uma afirmação incorrecta, mas sim absurda”. Por outras palavras, precisamos de teorias que não oponham entre si aprendizagem, cultura, ensino e desenvolvimento, que não ignorem as suas ligações, mas antes que as integrem numa explicação articulada».⁶⁷

Os autores salientaram quer o carácter socializador do ensino, quer a sua função no desenvolvimento individual. Defenderam a construção de referentes adequados para tomar as decisões inteligentes que caracterizam a aprendizagem em qualquer das suas fases. Nesse âmbito:

« [...] deveriam ter em consideração a sua dimensão institucional, que faz de cada professor membro de uma instituição (e portanto comparte e corresponsável pelos seus objectivos, pelos processos que desenvolve e pelos resultados a que chega) cujo objectivo é oferecer uma educação de qualidade».⁶⁸

Com as perspectivas enunciadas acima, fechou-se um ciclo na forma de entender o processo de construção do conhecimento. FREINET e FREIRE, os autores que apresentamos em seguida contribuíram com outra visão, centrada no Indivíduo, privilegiando as suas capacidades de escolha. Deixaram aos educadores novas estratégias e a missão de desenvolver todas as capacidades da criança.

⁶⁷ COLL, MARTÍN, MAURI et al., 2001: p.13.

⁶⁸ *Ibidem*: p. 15.

2.2. Educação Humanista de FREINET

O pedagogo francês Celéstin FREINET foi inovador e polémico, mas atingiu excelentes resultados educativos, com uma teoria apaixonada pelo diálogo e liberdade de expressão: a Educação Humanista. A correspondência inter-escolar, os contactos com a Comunidade e o texto livre foram princípios essenciais ao método natural que desenvolveu. Admirado por PIAGET e outros teóricos, este autor encontrou também muitos críticos ao longo da sua carreira, acusando-o de promover a anarquia e a falta de rigor.

Na visão de FREINET, o educador deverá ter a capacidade de desenvolver em pleno as capacidades do aluno. De acordo com essa premissa, os discentes devem ser educados de forma a valorizar a capacidade de escolha, criando uma entidade e um projecto de vida autónomo. A Educação Humanista é democrática, pluralista, crítica, aberta, sensível às diferenças culturais e individuais.⁶⁹ A concepção da Escola FREINET correspondeu às características das Escolas Novas segundo os critérios estabelecidos em 1912 pelo Secretariado Internacional para a Educação Nova. Os seus conceitos podem ser divididos em quatro grandes grupos, segundo um tipo de organização inspirada em CLANCHÉ:⁷⁰

1. Os instrumentos físicos de comunicação, onde se incluem a imprensa e outros meios de reprodução que foram levados para a sala de aula, bem como a biblioteca da turma, constituída por manuais criados pelos estudantes;

2. Os instrumentos sociais de comunicação como por exemplo o texto livre, a correspondência escolar, a entrevista e a criação do jornal da Escola pelos próprios alunos;

3. Os instrumentos que servem à gestão das aprendizagens, como ficheiros e cadernos auto-correctivos ou planos de trabalho individual e colectivo;

4. Finalmente, os instrumentos que se destinam à gestão do grupo, sejam a assembleia cooperativa ou o jornal de parede, contendo o programa de trabalho.

⁶⁹ MATTOS, (s.d.): [on-line].

⁷⁰ Veja-se NUNES, 2002: pp. 80-81.

O maior mérito de FREINET, segundo FONVIEILLE:

« [...] não é o de, quinhentos anos depois de Gutemberg ter difundido o uso da imprensa [...] a ter colocado ao serviço das aprendizagens escolares [...] mas sim ter tido sucesso a arrebatat modestos professores primários como ele a se interrogarem sobre o sentido da sua vocação em formar os adultos de amanhã [...] ». ⁷¹

Em 1968, nasce a Carta da Escola Moderna, onde, finalmente, foi reconhecido o valor da obra de FREINET. Citado por NUNES, esse documento afirma:

«A escola de amanhã será a escola do trabalho; a escola será centrada na criança. É a criança que, com a nossa ajuda, constrói, ela própria, a sua personalidade. A pedagogia de Freinet é, por essencial, Internacional». ⁷²

2.3. O modelo pedagógico de Paulo FREIRE

Outro autor que recusou o ensino tradicional foi o brasileiro Paulo FREIRE, tendo criado o seu método de alfabetização em 1958. Em 1962, aplicou-o no Rio Grande do Norte (Brasil), onde 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias. A metodologia, surgida no contexto da ditadura, foi considerada subversiva e valeu ao seu autor a prisão e o exílio.

Consiste numa proposta de alfabetização de adultos que recusa o sistema tradicional de utilização da «cartilha» como método de ensino da leitura e da escrita. Divide-se em três etapas: a de investigação, onde se procuram palavras e temas significativos à vida do aluno; a da tematização, na qual há uma tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados dos

⁷¹ *Ibidem*: p. 107.

⁷² NUNES, 2002: p.114.

temas e palavras escolhidos; a da problematização, em que o docente desafia o aluno a tomar consciência do mundo. Como reitera na conhecida *Carta de Paulo Freire aos professores*:

«Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade da nossa educação [...]»⁷³

Os contributos da Educação Humanista constituem uma ruptura com as metodologias clássicas. As estratégias propostas desafiam os docentes a explorar todas as potencialidades dos estudantes, procurando alternativas ao ensino apoiado exclusivamente nos manuais. Nesta busca de novas formas de transmissão do conhecimento, revela-se importante distinguir as três categorias definidas para a Educação, conceitos que nos propomos agora desenvolver.

2.4. As categorias fundamentais da Educação: Educação Formal, Não Formal e Informal

A Psicologia da Educação, inspirada na pedagogia, estabelece três categorias: Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal.

A Educação Formal, segundo a *Enciclopédia Geral da Educação*, designa « [...] o que habitualmente se entende por educação regulamentada ou escolarização». ⁷⁴ Distingue-se por ter lugar em Instituições criadas para a função educativa, quer sejam Escolas, Institutos ou Universidades. Segundo a mesma fonte, « [...] é uma acção educativa intencional, planeada, sistemática.

⁷³ FREIRE, (s.d): [on-line].

⁷⁴ VIDAL, (s.d.): p. 314.

Não acontece assim noutros contextos em que pode ser produzido algum tipo de educação». ⁷⁵

Ainda segundo a mesma obra, a Educação Não Formal é constituída por « [...] processos educativos e diferenciados que perseguem uma finalidade clara e objectiva, mas que se situam à margem do sistema educativo». ⁷⁶ Nesta categoria inclui-se a Educação de adultos, a Educação durante o tempo livre ou a formação ocupacional não regulamentada. As actividades desenvolvidas nos Museus e Arquivos são também um bom exemplo de acções de Educação Não Formal. Nos anos `70, COOMBS e AHMED definiram-na como uma actividade educacional organizada e sistemática, concretizada fora do sistema formal, tendo em vista propiciar tipos seleccionados de aprendizagem a subgrupos particulares da população, sejam estes adultos ou crianças. Poderá suceder por influência dos meios de comunicação (rádio, televisão ou Internet), sendo « [...] baseada em processos educativos indiferenciados, subordinados a outros objectivos e processos sociais». ⁷⁷

A Educação Informal foi caracterizada por FAURE como uma das práticas educativas mais antigas, apoiada, por exemplo, na família ou nos grupos de amigos. Os seus procedimentos não são nem escolares, nem apoiados no sistema curricular, ou em parceria com Instituições de Educação Não Formal. Segundo LOPES (2006) a reacção do indivíduo é espontânea com o meio.

GADOTTI, ⁷⁸ em 2005, baseado na experiência do Instituto Paulo Freire (São Paulo, Brasil) também nos apresentou outras perspectivas sobre as três categorias de Educação. O autor defendeu que não é possível estabelecer fronteiras rígidas entre o Formal e o Não Formal, uma vez que nas Escolas, tal como na Sociedade, coexistem modelos culturais distintos.

⁷⁵ *Ibidem*: p. 315.

⁷⁶ *Ibidem*: p. 314.

⁷⁷ *Ibidem*: p. 314.

⁷⁸ Moacir Gadotti é doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, Professor Titular da Universidade de São Paulo, Director do Instituto Paulo Freire e autor, entre outras obras de: *História das ideias pedagógicas* (Ática, 1993), *Pedagogia da práxis* (Cortez, 1994), *Paulo Freire: uma biobibliografia* (Cortez, 1996), *Perspectivas atuais da educação* (Artes Médicas, 2000), *Pedagogia da Terra* (Peirópolis, 2001) e *Os mestres de Rousseau* (Cortez, 2004).

«Uma escola é um conjunto de relações interpessoais, sociais e humanas onde se interage com a natureza e o meio ambiente. Os currículos monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam o “não formal” como “extra-escolar”, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação do futuro».⁷⁹

E reafirma:

« [...] o conceito de educação sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância ultrapassou os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança».⁸⁰

A distinção entre Educação Formal e Não Formal, segundo GADOTTI, está na ausência de burocratização dos currículos.

«A educação formal tem objectivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma directriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e de menos burocrática aprendizagem».⁸¹

Os espaços de Educação Não Formal apresentados por este autor são múltiplos.

⁷⁹ GADOTTI, 2005: [on-line].

⁸⁰ *Ibidem*: [on-line].

⁸¹ *Ibidem*: [on-line].

«Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. (...) O tempo da aprendizagem na educação não formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um (...) Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços».⁸²

GADOTTI demonstra que a Educação Não Formal tem evoluído ao longo dos anos:

«A educação não formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como “educação ao longo de toda a vida” (conceito difundido pela UNESCO), englobando as aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver».⁸³

Como já foi referido, este professor defendeu a importância da Educação Não Formal, mas não em oposição à Educação Formal:

«Gostaria de deixar claro que não devemos desvalorizar a escola. Existe hoje um crescente sentimento anti-escola que eu não compartilho. [...] A educação não formal pode dar uma grande contribuição à educação pública, mas não pode substituí-la. [...] defendo a complementaridade entre o sistema formal e a grande variedade de ofertas de educação não formal, inclusive para enriquecer a educação formal, reforçando modos alternativos de aprendizagem. [...] A escola não pode estar apenas aberta para a comunidade. Ela deve estar em sintonia com ela».⁸⁴

⁸² *Ibidem*: [on-line].

⁸³ *Ibidem*: [on-line].

⁸⁴ *Ibidem*: [on-line].

BERNET (1998) é outro autor que distinguiu as três categorias da Educação. O acto educativo informal é o que acontece de forma indiferenciada a outros processos sociais. Quanto à Educação Formal:

« [...] é aquela que ocorre dentro do sistema educativo legal e a não formal é a que fica à margem desse organigrama. (...) O que fica claro é que a educação não acontece só na escola e não é um processo que recai exclusivamente sobre crianças e jovens. Na verdade, como já referimos, quer a educação não formal e a informal, quer a educação de adultos vêm assumindo cada vez maior notoriedade».⁸⁵

Actualmente, o aparecimento da área de Animação Sociocultural (principalmente das bibliotecas escolares) veio relançar o debate sobre a Educação como algo que não se limita a proporcionar conhecimentos. «Educar é ter em atenção os ritmos, a diversidade, a ligação do indivíduo à comunidade e, por isso, o acto de educar não deve estar confinado à oferta das instituições educativas formais»⁸⁶, referiu LOPES (2006), um dos investigadores mais recentes desta temática. Analisando o seu contributo, consideramos possível estabelecer um paralelo entre Serviços Educativos e Animação Sociocultural, áreas que, na génese, partilham a intenção de «coabitação» da Educação Formal, Não Formal e Informal, com o objectivo de « [...] humanizar e valorizar a referida ligação do ensino à vida».⁸⁷

LOPES é muito crítico do sistema de ensino português, que, ao valorizar a Educação Formal, aumentando a frequência de aulas na escola a sete horas diárias, retirou tempo e espaço às Educações Não Formal e Informal, sem resultados satisfatórios no rendimento dos alunos. Aliás, referiu, a Educação, num conceito caracterizado por FAURE, começou por ser Informal, no seio da família, através da interacção com os mais velhos. Posteriormente, desvalorizou-se o ensino pela experiência de vida, para optar por um ensino « [...] que assenta na cópia de modelos, desligados da vida “formando” os

⁸⁵ LOUREIRO, (s.d.): [on-line].

⁸⁶ LOPES, 2006: p. 395.

⁸⁷ *Ibidem*: p. 396.

jovens para uma ideia da realidade que não coincide com o mundo em que vivem». ⁸⁸ Este desfasamento, segundo LOPES, tem como principais razões uma formação demasiado teórica e com recurso exclusivo aos livros, uma pedagogia centrada na resposta em vez da pergunta, muito na linha da educação bancária de Paulo Freire. Um modelo de aprendizagem que não «ensina a aprender» e uma valorização da dimensão intelectual em detrimento da afectiva. ⁸⁹

TRILLA, citado por LOPES, caracteriza a Animação Sociocultural como espaço de Educação Não Formal, na medida que vai ao encontro de práticas realizadas fora da Escola. Os Serviços Educativos encontram-se no mesmo patamar ideológico. Esta categoria está também associada ao conceito de Educação Comunitária de GRÁCIO (1995), citado por LOPES. O autor considera que a maior parte dos fracassos em termos de Educação sucederam por falta de adaptação da Escola às necessidades da Comunidade. Conciliar os dois espaços, na sua perspectiva, não implica a mudança do sistema escolar, mas sim a implementação de estratégias que ajudem professores e alunos a pensar os programas curriculares e as actividades extra-escolares, numa óptica inspirada nas necessidades e características do meio envolvente.

2.5. Modelos e teorias da aprendizagem adaptadas à acção educativa em Arquivo

As teorias enunciadas acima surgem de uma preocupação com as filosofias da aprendizagem, uma busca de saber que inspirou investigações desde o início do século XX. Todas estas perspectivas são de extrema utilidade, não só para os docentes, como para todos aqueles que têm por missão a transmissão do saber ao outro, sejam pais ou técnicos de espaços de Educação Não Formal, como Museus, Bibliotecas e Arquivos. Por essa razão, perceber como se produz o conhecimento é fundamental para compreender a acção pedagógica destas Instituições.

⁸⁸ *Ibidem*: p. 397.

⁸⁹ Estas e outras razões são defendidas por LOPES, (2006).

Com o behaviorismo, assegurou-se que o comportamento humano é adquirido, podendo ser modificado através do recurso a determinadas técnicas. Partindo desta corrente, o formador conhece agora os quatro tipos de reforço (positivo, negativo, extinção e castigo) e apercebe-se das reacções que obterá mediante um reforço positivo, elogios, afectos ou boas classificações escolares. Por outro lado, sabe que quando o mau comportamento é ignorado, não terá nenhum reforço (extinção). Recorrendo ao castigo, conseguirá também uma diminuição da frequência de maus comportamentos. Das estratégias behavioristas, delinearam-se também algumas técnicas que ajudam a definir o ponto de partida do aluno, planificando tarefas, especificando reforços e materiais a utilizar, estabelecendo uma interacção professor/aluno.

Analisando a corrente cognitivista apercebemo-nos que, afinal, o Ser Humano é activo na procura da informação. Para os educadores, é importante reter a ideia que o conhecimento pode ser adquirido através da aprendizagem directa, mas também da aprendizagem mediante imitação de um modelo, ou com intervenção de um mediador. PIAGET foi um dos teóricos mais conhecidos desta corrente. Embora atribua uma importância secundária à Educação, afirmando que o conhecimento surge em interacção com o ambiente, através da sua perspectiva, os professores conseguem compreender como intervir nas diferentes idades da criança. Nesse sentido, constata-se, seguindo o esquema de PIAGET, que a partir dos 11 anos o pensamento será mais científico e notar-se-á um maior interesse pela identidade pessoal e pelos temas sociais (operações formais). Por essa razão, é possível assumir que as actividades educativas nos Arquivos, onde se apresentam novas perspectivas de conhecimento da História, serão mais bem apreendidas por indivíduos a partir destas faixas etárias.

Depois de PIAGET, a década de `80 trouxe outras alternativas. A teoria da aprendizagem por descoberta de BRUNER, por exemplo, distinguiu Educação e Escola, valorizando também a Cultura, onde se integram os Arquivos, como instrumento modelador das capacidades cognitivas.

O Construtivismo deixou a noção de que os conhecimentos adquiridos em qualquer área, potenciam-se quando relacionados com outras. Garante que toda a criação de conhecimento proporciona-se mediante a acção do educador, que deve orientar e guiar a aprendizagem do aluno. VIGOTSKY considerou

imprescindíveis as ajudas de professores, pais, irmãos, amigos e mesmo os meios de comunicação (televisão, rádio, imprensa ou informática). A introdução de jogos interactivos, recorrendo às novas tecnologias, o lançamento de jornais dos Serviços Educativos vêm encontrar eco nestas teorias.

A teoria do desenvolvimento educacional de EGAN também defende uma abordagem alternativa ao ensino, incentivando as competências práticas, o uso das histórias, dos jogos e das anedotas na planificação das actividades. «O que é realmente mais eficaz ao ensinar crianças é contar-lhes boas histórias acerca do seu mundo e da imensa variedade de experiências que aí têm acontecido ao longo dos tempos». ⁹⁰

FREINET veio contribuir com uma perspectiva de Educação Humanista, um método que valoriza o contacto entre Escolas e Comunidade. GRÁCIO foi mais longe, considerando que os fracassos na Educação resultam da falta de adaptação dos programas às necessidades e aspirações da Comunidade. GADOTTI propôs a interligação dos currículos escolares com as múltiplas ofertas de Educação Não Formal, proporcionadas por Instituições como os Museus, as Bibliotecas e os Arquivos. Conhecer as definições para as categorias de Educação permitiu-nos reflectir sobre onde enquadrar os Serviços Educativos, que são, sem dúvida, espaços de Educação Não Formal.

Com o contributo das teorias acima referenciadas de FREINET, GADOTTI, FAURE e, mais recentemente, LOPES, esperamos incentivar um processo de valorização dos Arquivos como locais de produção de conhecimento, mercedores do reconhecimento e apoio da Comunidade Educativa e do Poder Político. Incrementar o recurso a estas práticas de ensino multidisciplinar é abrir a Escola a novos espaços de Cultura, valorizando a formação dos alunos como pessoas integradas numa Comunidade, mas também Cidadãos do Mundo.

⁹⁰ EGAN, 1994: p. 131.

CAPÍTULO 3 – Arquivos e Educação: Experiências de implementação de Serviços Educativos (SE) em França, Brasil, Espanha e Portugal

3.1. Arquivos e Educação

Como já foi referido no Capítulo 1, foi uma nova abordagem do ensino da História que proporcionou a maior receptividade das Escolas ao trabalho dos arquivistas. Ao longo dos anos, segundo alguns autores,⁹¹ constatou-se que o ensino moderno tentou substituir os métodos obsoletos das exposições descritivas, uma forma tradicional de estudo, pelos manuais e pela participação dos alunos no processo de aprendizagem. Para a abordagem da História e das Ciências Sociais, tornou-se frequente e recomendável o recurso às fontes documentais.⁹² O objectivo, além de facilitar a compreensão dos acontecimentos, seria treinar as capacidades críticas dos estudantes convidando-os a comparar, avaliar e interpretar documentos históricos.

Embora os docentes tivessem há muitos anos acesso às reproduções de documentação, poderiam agora utilizar os recursos dos Arquivos para dar aos alunos algumas noções da aparência dos documentos e das suas formas de preservação. Quando se estuda História local, o uso do acervo dos Arquivos assume um valor acrescido. Cientes deste facto, os professores compreenderam que certos acontecimentos históricos eram apreendidos com maior facilidade pelos alunos quando apresentados num contexto que lhes é próximo, recorrendo a exemplos concretos.⁹³ Os currículos escolares de países como a Alemanha e a Inglaterra, por exemplo, dão muito valor à História local e aos factos extraídos de documentos originais.

⁹¹ FRANZ, 1986: p. 10.

⁹² *Ibidem*: p. 10.

⁹³ *Ibidem*: p. 10.

3.1.1. Experiências de implementação de SE: O caso francês

Foi em França que nasceram os primeiros Serviços Educativos em Arquivos. Essas experiências pioneiras, lideradas por Charles Braibant em 1950, foram seguidas pela Alemanha, Bélgica, Estados Unidos e mais tarde pelo Brasil, Espanha e outros países europeus.

Uma circular datada de Outubro de 1950, assinada por Braibant, director dos Arquivos Nacionais franceses, resumiu a finalidade dos recém-criados Serviços Educativos. Adaptando livremente do francês, podemos traduzir desta forma as intenções de Braibant:

«O Serviço Educativo tem por objectivo colocar os alunos de diferentes níveis de ensino em contacto com os documentos históricos, através de visitas orientadas ao Museu de História da França. Este serviço, correspondendo às preocupações do ensino actual, obteve um sucesso completo. A equipa de trabalho colocada à minha disposição é composta exclusivamente por professores, sob a orientação de um arquivista dos Arquivos Nacionais».⁹⁴

Mais de quarenta anos depois da implementação destes serviços, primeiro em 1989, e novamente em 2004, a direcção dos Arquivos franceses elaborou uma pesquisa junto dos centros de documentação do país, a fim de reunir informações precisas sobre as actividades educativas e culturais desenvolvidas, bem como os recursos materiais e humanos disponibilizados. O objectivo foi conhecer a acção dos Serviços Educativos junto dos públicos mais jovens e da Comunidade. Este trabalho proporcionou uma visão pormenorizada do ponto de situação em que se encontram os franceses em termos de dinamização dos seus Arquivos.

A primeira investigação foi apresentada pelo então director dos Arquivos de França, Jean Favier. Na altura, salientou-se a grande adesão dos professores às actividades de SE. No final da década de `80, os Arquivos

⁹⁴ Tradução livre do francês. BENXAYER, 2004: p. 5.

franceses analisados tinham criado 32 publicações científicas e pedagógicas e organizado 55 exposições. Mediante os resultados da investigação de 1989, os autores aperceberam-se de dois factores essenciais à evolução dos Serviços Educativos em Arquivos:

1. A urgência de uma maior cooperação com todas as instâncias regionais e departamentais dos Ministérios da Cultura e da Educação.

2. A necessidade de transformar os Serviços Educativos em espaços de acção cultural.

Com estes objectivos, a colaboração de apenas um professor nas actividades revelava-se insuficiente. A evolução, na perspectiva dos franceses, estaria no ajustamento da equipa de trabalho dos Serviços Educativos, que deveria ser multidisciplinar, composta por um docente, mas também por um arquivista.

Em Maio de 2003, foi assinada uma Convenção entre os Ministérios da Cultura e da Educação. No ano seguinte, saíram os resultados da segunda pesquisa sobre os Serviços Educativos em França. O projecto dividiu-se em três áreas de estudo: Funcionamento do SE (recursos físicos e humanos); Política dos públicos (oferta cultural, pedagógica e conhecimento do público-alvo); Análises dos Arquivos que não dispõem de SE. Os resultados consideraram as respostas de 243 Instituições.

Foram contabilizados 88 SE a funcionar nos Arquivos «départementales»⁹⁵ e 11 nos Arquivos «communales».⁹⁶ Se, inicialmente, as Escolas limitavam a sua acção às visitas orientadas aos Arquivos, com a evolução dos Serviços Educativos, as actividades tornaram-se muito diversificadas. O relatório final assegurou que os professores escolhem e preparam os documentos, organizam publicações e exposições com os Arquivos, dinamizam dossiês e maletas pedagógicas e inscrevem-se em formações na área.

Quanto às formas de divulgação das actividades, o estudo concluiu que mais de 80% dos Arquivos utilizam maioritariamente a imprensa escrita, a

⁹⁵ Os Arquivos «départementales» referenciados no estudo citado, salvaguardando as diferenças na divisão administrativa francesa, poderão corresponder aos Arquivos Distritais em Portugal, salvaguardando as diferenças na divisão administrativa francesa.

⁹⁶ Os Arquivos «communales» franceses, tal como referido no ponto anterior, poderão corresponder aos Arquivos Municipais portugueses.

rádio, as televisões locais e a Internet como veículos de informação. Constatou-se que 59 dos Arquivos que responderam ao questionário mantinham um sítio na Internet, enquanto 56 tinham preferência pela divulgação dos seus projectos com recurso à mesma tecnologia.

Quanto a materiais de apoio colocados à disposição dos visitantes, os Arquivos franceses indicaram as brochuras, folhetos e prospectos em mais de 70% das respostas. Foram também criados marcadores de livros, programas de actividades e guias práticos. A grande lacuna revelada pelo inquérito referiu-se à ausência de materiais destinados a portadores de deficiência.

Nas questões relacionadas com a difusão cultural, o questionário não considerou os instrumentos produzidos habitualmente pelos Arquivos (inventários, catálogos, guias ou artigos científicos) mas os materiais pedagógicos criados exclusivamente para o SE. Constatou-se que as estratégias de dinamização privilegiaram a produção de dossiês pedagógicos, em 92% e 68,4% dos casos, seguindo-se os catálogos de exposições. Os Serviços Educativos evidenciaram ainda o recurso a jogos interactivos, reproduções iconográficas e materiais em suporte multimédia.

A frequência de estudantes presentes nos Arquivos em 2000, 2001 e 2002, foi outra das variáveis consideradas. A presença de públicos escolares registou um aumento significativo. Quanto ao nível de ensino dos jovens que passaram pelos Arquivos, a maioria era originária do 1.º ciclo e do ensino secundário.

A pesquisa francesa reservou ainda um espaço dedicado às Instituições sem Serviço Educativo. Foram validados 136 questionários junto dos Arquivos “communales”. Ainda assim, verificou-se que estes Arquivos sem SE realizaram algumas actividades. As exposições temporárias (53,3%) e visitas orientadas (20,5%) constituíram as principais ofertas. As restantes acções foram esporádicas e organizadas em datas específicas (jornadas do património, por exemplo). As exposições, os projectos educativos, organizados em parceria com colectividades locais e Escolas, e a participação em exposições de outros organismos foram alguns dos exemplos apresentados. Apesar da falta de um Serviço para o efeito, notou-se uma preocupação destes Arquivos relativamente à dinamização do seu acervo, através de parcerias com Bibliotecas Públicas e Serviços Municipais, Museus, outros Arquivos ou

organizações ligadas à História, caso das Sociedades de Genealogia. Apesar das limitações, os autores do relatório ressaltaram que muito trabalho tem vindo a ser feito. O estudo constatou que 40,4% destes Arquivos ambicionam ter um SE, com os recursos humanos e materiais necessários.

Algumas conclusões importantes podem ser retiradas do estudo francês. Foram apresentadas no relatório final as seguintes constatações e sugestões:⁹⁷

1. O número de professores em alguns Serviços Educativos (1,58 em média por SE) ainda é insuficiente, uma carência compensada pela presença de arquivistas, com a missão de apoiar os docentes nas acções implementadas;

2. Têm sido desenvolvidos esforços consideráveis para criar actividades destinadas a portadores de deficiência;

3. Apenas metade dos Arquivos inquiridos dispõem de espaços reservados exclusivamente às actividades de Serviço Educativo. Os restantes utilizam átrios ou espaços junto às Salas de Leitura;

4. A oferta dos Arquivos franceses concentra-se nas exposições temporárias ou itinerantes (cerca de 75%) e nas visitas orientadas (entre 60,6% e 76,3%). As actividades vocacionadas para os estudantes (87,8% e 78,9%) são também maioritárias, sendo que as principais estão ligadas a projectos de iniciação às práticas da Arquivística e apenas algumas relacionadas com parcerias junto das Universidades;

5. Das actividades dinamizadas, há muito poucas direccionadas a jovens em risco, reclusos, emigrantes, doentes;

6. Os estudantes são os destinatários preferenciais dos SE;

7. Dinamizam-se muitas actividades recorrendo a parcerias;

8. Uma das queixas comuns é a falta de recursos materiais e humanos para aumentar a oferta de actividades às Escolas e Comunidade;

9. O recurso às novas tecnologias é uma forma de trabalho recorrente. Nas páginas da Internet divulgam-se os acervos e as acções promovidas pelos Arquivos, mas são também introduzidos dossiês pedagógicos, jogos interactivos e jornais dos Serviços Educativos;

⁹⁷ Estas e outras informações estão disponíveis no relatório da investigação francesa. BENXAYER, 2004.

10. O aumento de visitantes oriundos das Escolas foi notório nos anos em análise. As Instituições que dispunham de SE duplicaram a presença de alunos.

Tendo em conta os resultados das pesquisas elaboradas (1989 e 2004), a direcção dos Arquivos de França propôs ainda algumas linhas de orientação e reflexão para o futuro.

1. Dada a falta de disponibilidade dos professores para assumir a coordenação dos Serviços Educativos (em virtude de uma reforma do ensino) recomendou-se uma aposta em recursos humanos especializados na Arquivística;

2. Verificando-se que era predominante a participação dos níveis mais baixos de escolaridade nas actividades de SE, solicitou-se uma maior atenção aos alunos finalistas do secundário.

3. Por ter sido muitas vezes referenciado por docentes, salientou-se a necessidade de adaptar as acções do SE aos currículos escolares (com recurso às novas tecnologias e a suportes digitais), mas também de alargar as actividades a outras disciplinas (Geografia, Francês, Artes);

4. Na opinião dos autores do relatório, as parcerias institucionais (Arquivos/Escolas) deveriam ser revistas;

5. Os Serviços Educativos teriam de ser mais divulgados e valorizados.

Com estes objectivos em vista, a direcção dos Arquivos de França anunciou a intenção lançar um guia, contendo informações sobre todos os SE (horários, equipamentos, serviços disponibilizados e oferta de actividades às Escolas e Comunidade). Pretendiam também, através de um questionário lançado a nível nacional, reunir testemunhos de experiências realizadas nos Arquivos, tendo por objectivo a elaboração e publicação de um manual metodológico destinado a todos os Serviços Educativos.

3.1.2. Experiências de implementação de SE: O caso espanhol

A Espanha iniciou a sua experiência nas acções de SE em Arquivo seguindo a tendência francesa. Contudo, apenas na década de `90 verificou-se um aumento da oferta de actividades a públicos diferenciados.

Analisando a obra de FUGUERAS e outros, *Archivos e Cultura: Manual de dinamización*, constatou-se, segundo os seus autores, algum descontentamento dos espanhóis relativamente à criação e divulgação dos Serviços Educativos nos Arquivos. Criticou-se fortemente a falta de apoios estatais, como sucedeu no caso do Reino Unido, da Alemanha e da França, esta última com referências a programas específicos, caso dos Projectos de Acção Educativa, dinamizados numa parceria entre a rede de Arquivos e o Ministério da Educação.⁹⁸

Na Espanha, segundo FUGUERAS, desenvolveram-se actividades de SE interessantes, embora pontuais. Sem programas educativos e com recursos insuficientes, estas experiências prevaleceram graças à boa-vontade dos arquivistas e docentes. O acréscimo exponencial de utilizadores e de projectos dos Arquivos espanhóis na segunda metade do século XX aumentou as transferências de documentação e, conseqüentemente, o trabalho dos técnicos. Esta evolução prejudicou as acções educativas, que, consideradas menos prioritárias, acabaram relegadas para segundo plano. A oferta deste tipo de actividades ficou também condicionada por uma diminuição das horas disponibilizadas aos professores e pela diversidade de Instituições que implementaram novos Serviços Educativos, caso de monumentos e centros arqueológicos. Ainda segundo FUGUERAS, o investimento neste tipo de espaços foi considerado mais atractivo pelo poder político, tornando-se uma concorrência desleal à evolução dos Serviços Educativos nos Arquivos.⁹⁹

Os problemas relacionados com o acesso do público aos Arquivos espanhóis foram tema central de muitas comunicações nos anos 90, quer durante o V Congresso Nacional da ANABAD, realizado em Saragoça, quer nas III Jornadas de Arquivística da Catalunha. Contudo, apesar da produção de alguma bibliografia, faltam registos das acções pedagógicas desenvolvidas pelos Arquivos espanhóis, exceptuando alguns catálogos de exposições da década de 90 e informações pontuais sobre actividades.¹⁰⁰ Por essa mesma razão, o nosso trabalho não inclui dados mais aprofundados acerca da experiência espanhola.

⁹⁸ FUGUERAS, LLONCH, SASTRE et al., 2001: p. 58.

⁹⁹ *Ibidem*: p. 61.

¹⁰⁰ GÓMEZ, 1994: pp. 87-91.

3.1.3. Experiências de implementação de SE: O caso brasileiro

Os arquivistas brasileiros também seguiram a influência francesa, mas aumentaram as actividades de Serviço Educativo em Arquivo só a partir de 1990. Esta fase foi, para o Brasil, a década de evolução das leis de incentivo cultural, quer ao nível municipal, quer estadual. A produção cultural, anteriormente dependente da iniciativa privada, passou a contar com o apoio do sector público. Até essa altura, as investigações brasileiras salientam a quase inexistência de projectos na área dos Museus, Bibliotecas e Arquivos.

Com o passar dos anos, as acções pedagógicas desenvolveram-se. Essa evolução foi mais rápida nos Museus e Bibliotecas. Segundo a investigadora brasileira Heloísa BELLOTTO foi necessária a transposição das metodologias e práticas para os Arquivos, bem como a cooperação entre Instituições.

Actualmente, encontra-se muita bibliografia e registo de algumas experiências nos Arquivos do Brasil. As principais actividades dos Serviços Educativos são as visitas, as aulas de História no Arquivo, os laboratórios de pesquisa histórica, os concursos, os pacotes pedagógicos, as exposições e as campanhas de recolha de documentos privados. Na animação cultural organizam-se também eventos, publicações e parcerias com Museus, Bibliotecas, Universidades ou Centros Culturais.

O projecto educativo do Arquivo Histórico de Juíz de Fora, que une arquivistas e professores, foi uma das experiências de SE apresentadas recentemente no Brasil. Designado Arquivo-Escola, o projecto recebe, desde 1996, cerca de 1067 visitantes por ano. As actividades funcionam numa sala de aula no Arquivo, antecidas por uma palestra de apresentação da Instituição. Seleccionam-se documentos sobre temas da História local, que são apresentados aos alunos. Esta disponibilização de materiais é acompanhada por uma explicação dos coordenadores do Arquivo-Escola. O professor, auxiliado pelos técnicos, pode optar por dar a sua aula no Arquivo, com recurso aos documentos seleccionados, ou solicitar o apoio dos arquivistas para assumirem toda a apresentação.

3.1.4. Experiências de implementação de SE: O caso português

Em Portugal, a implementação e desenvolvimento de Serviços Educativos em Arquivo é um processo de expansão lenta. A primeira dificuldade encontrada na análise da situação actual portuguesa foi, sem dúvida, a escassez de bibliografia sobre o assunto. Verifica-se que a Museologia e a Biblioteconomia lideram as investigações publicadas. É, aliás, na Museologia, que o desenvolvimento e estudo sobre SE parece estar mais bem fundamentado, encontrando alguns apoios, recursos humanos e materiais, bem como um espaço de debate em constante evolução. A multiplicidade de colóquios e encontros sobre o assunto revelam o interesse e a prioridade que as actividades educativas e culturais alcançaram nos Museus e Bibliotecas um pouco por todo o país.

Quanto aos Arquivos portugueses¹⁰¹ e para citar alguns exemplos, conhecem-se as experiências do Serviço Educativo do Arquivo Histórico Municipal do Porto, criado na década de noventa, dentro da orgânica do Departamento de Arquivos da autarquia local. O Arquivo Municipal de Lisboa também dispõe um Serviço Educativo, ainda com poucos anos de actividade, com acções desenvolvidas no âmbito do Arquivo Histórico e do Arquivo Fotográfico. A Direcção-Geral de Arquivos (DGARQ) não contemplou a criação de um SE, mas proporciona visitas orientadas ao Arquivo Nacional português na Torre do Tombo, destinadas às Escolas ou a grupos e organizações que o solicitem. No Arquivo Municipal de Penafiel, responsável pela organização periódica de um Encontro sobre Serviços Culturais e Educativos em Arquivos e Bibliotecas, existem actividades de SE desde 2003. O Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim, o Arquivo Municipal de Lagoa, o Arquivo Municipal de Torres Vedras e o Arquivo Distrital de Aveiro são outras Instituições portuguesas com Serviços Educativos criados recentemente. O mesmo acontece com o nosso Estudo de Caso, o Arquivo Regional da Madeira, cujo Serviço Educativo foi implementado em Fevereiro de 2005.

¹⁰¹ IV Jornadas Serviços Culturais e Educativos em Arquivos e Bibliotecas, Penafiel (2006). Resumo das Comunicações.

Analisando alguns artigos de arquivistas portugueses, verificamos que, na generalidade dos casos, a criação de Serviços Educativos não é prioritária. Tal como sucedeu na vizinha Espanha, ou mesmo no Brasil, as actividades educativas e culturais serão um projecto sucessivamente adiado, enquanto não se melhorarem os recursos físicos e humanos dos Arquivos, a braços com espaços pouco adaptados, com falta de pessoal e necessidades urgentes de tratamento documental dos seus acervos.

3.2. Actividades e metodologias sugeridas aos Arquivos interessados em iniciar um Serviço Educativo

Concluída uma breve análise à experiência de implementação de Serviços Educativos francesa, espanhola, brasileira e portuguesa, julgámos importante enunciar, em síntese, algumas acções e actividades recomendadas pelos especialistas destes países, para os Arquivos interessados em iniciar um projecto desta natureza.

FUGUERAS apresenta várias propostas, algumas repetidas por outros autores, das quais seleccionamos:¹⁰²

1. «Archivobús»¹⁰³ : Modalidade inspirada nas Bibliotecas e Museus, que foi dinamizada pela primeira vez em França (Marselha), com o objectivo de tornar itinerante qualquer actividade dos Serviços Educativos (acção pedagógica, exposição, entre outras).

2. Arquivo interactivo: Aplicação multimédia (divulgada na Internet, em CD-ROM ou DVD) que permita ao utilizador aceder às informações desejadas.

3. Arquivo virtual: Ferramenta da Internet que permite a consulta presencial dos acervos, através de bases de dados, catálogos, inventários e índices digitais, com acesso directo aos documentos (textuais, sonoros ou audiovisuais).

4. Recursos audiovisuais: Vídeos sobre os fundos e o funcionamento dos Arquivos, como forma de familiarizar os alunos e público em geral.

¹⁰² Veja-se FUGUERAS, LLONCH, SASTRE et al., 2001: pp. 159-163.

¹⁰³ Optamos por não traduzir para o português.

5. Congressos, jornadas e colóquios: Actividades de difusão cultural sobre temas de interesse para os Arquivos e os seus utilizadores.

6. Concursos: Dinamização que dependerá do programa definido pelos Arquivos. Pode ser dado como exemplo o concurso “Historiadores do amanhã”, organizado pelo Ministério de Educação francês. Preparado inicialmente para alunos do 2.º ciclo, propagou-se a todos os níveis de ensino.

7. Cadernos ou dossiês temáticos: Materiais pedagógicos, contendo orientações para dinamizar as actividades, informações sobre o tema em análise, reprodução de documentos originais, transcrições (totais ou parciais), questionários, informações complementares (como glossários) e orientações bibliográficas.

8. Cursos gerais ou específicos: Actividades de animação cultural e/ou formação que possam ser consideradas cursos de iniciação ou especialização em diversas áreas (estudo das fontes, iniciação à paleografia, iniciação à genealogia, ou introdução a temas da História local).

9. Dramatizações e recriação de eventos: Propõe-se a elaboração de um texto sobre determinado facto histórico, que será depois representado pelos alunos. A técnica pode também ser usada para recriar um acontecimento local relevante. Esta experiência de dramatização foi seguida em vários Arquivos municipais espanhóis.

10. Exposições: Podem ser permanentes, temporárias ou itinerantes. Actualmente, começam a desenvolver-se as exposições virtuais, organizadas em suporte digital e difundidas através da Internet.

11. Itinerários: Consiste na dinamização de trajectos de carácter histórico e cultural. Um estudo de campo, que pode ser complementado com documentação dos Arquivos.

12. “Dias Abertos”: Actividade dirigida a um público adulto, realizada em um ou vários dias, destinada a dar a conhecer as instalações, funções e actividades dos Arquivos. FUGUERAS propõe a criação de um Dia Internacional dos Arquivos, tal como é feito para os Museus.

13. Jogos e desafios: Propostas diversas que estimulem os alunos para a resolução de enigmas, recorrendo a questionários e à análise de documentos de Arquivo.

14. Maletas pedagógicas: Material didáctico composto por um conjunto de reproduções de documentos devidamente transcritos, acompanhado por fotografias, vídeos ou reproduções de objectos, que ilustram determinado tema. FUGUERAS considera-o um sistema mais simples que as exposições itinerantes, dirigido especificamente ao público escolar e permitindo a montagem de uma pequena exposição, seguida da dinamização de debates e trabalhos práticos.

15. “Museu dos Arquivos”: Exposições permanentes que mostram os documentos mais importantes dos Arquivos, relativos à História local ou Nacional.

16. Visitas: Podem ser dirigidas ao público escolar ou público em geral, com o objectivo de introdução ao conhecimento da Arquivística.

17. Projectos de implementação de Sistemas de Qualidade: Registo de indicadores que nos possibilitem medir a eficácia e eficiência dos serviços, fundamentados em princípios de satisfação de clientes externos/internos, planificação e gestão de processos.

Também é possível enunciar algumas sugestões e experiências que nos chegam do Brasil. Os investigadores brasileiros entendem que a abertura dos Arquivos ao público é um trabalho que exige paciência, dedicação e, acima de tudo, criatividade¹⁰⁴. Recomendam, entre outras o recurso às seguintes actividades: Cursos de Iniciação à Paleografia, à Diplomática e à Heráldica; Exposições e debates nos auditórios dos Arquivos, à semelhança do que se faz na França e na Hungria; Aulas de História, ministradas nos Arquivos ou nas salas de aula por professores e arquivistas, recorrendo à selecção e reprodução de documentos (exemplo já referido do Arquivo-Escola).

Além de uma listagem de possíveis actividades, julgámos oportuno deixar aos futuros técnicos de Serviço Educativo em Arquivo algumas propostas de métodos e técnicas de divulgação dos seus acervos.

FUGUERAS¹⁰⁵ assegura que o êxito de um SE só é possível com recurso a apoios financeiros previamente estabelecidos. O sucesso do projecto, segundo este autor, está dependente da possibilidade de oferecer materiais

¹⁰⁴ JÚNIOR, 1994: p. 100.

¹⁰⁵ FUGUERAS, LLONCH, SASTRE et al., 2001: p. 63-64.

didáticos atractivos, da existência de boas infra-estruturas, meios audiovisuais e recursos humanos, vocacionados para as actividades pedagógicas. O autor espanhol sugere aos arquivistas um procedimento simples destinado à preparação de futuras acções: Ao descrever um fundo documental, e sempre que seja encontrado um documento passível de ser utilizado pelo SE, deverá ser inserido num ficheiro ou catálogo. A documentação escolhida deve ter conteúdo histórico e valor pedagógico, possibilitando aos alunos compreender os conceitos que lhes são transmitidos. É conveniente reunir documentos com uma diversidade significativa de datas, mas também de suportes (manuscritos, mapas, fotografias, microfilmes). Caso optem por exposições documentais, os materiais devem ser apresentados em vitrinas, acompanhados de notas explicativas. A manipulação directa não é recomendável, por isso devem ser utilizadas técnicas de conservação e reprodução adequadas.

FUGUERAS sublinha também que o SE deve ter um espaço polivalente dedicado às actividades, diferente do utilizado pelos investigadores, onde se possam dinamizar acções, palestras ou exposições. Se o Arquivo ou centro de documentação tiver limitações na utilização do acervo (disperso em vários locais) ou falta de espaço para acolher os alunos, pode sempre optar pela reprodução de documentos, fotografias, deslocação às salas de aula, organização de exposições ou criação de vídeos que ilustrem os objectivos e funções da Instituição.

Finalmente, no aspecto da planificação, os brasileiros JÚNIOR e BELLOTTO deixam alguns conselhos. Recomendam, além da presença do arquivista e do professor, o apoio de um profissional de comunicação social, familiarizado com os conceitos de marketing e relações públicas. Uma equipa multidisciplinar, com formações diversificadas é considerada uma mais-valia para estas Instituições. A constante actualização de conhecimentos também permitirá uma maior adaptação às necessidades do público/ cliente dos Arquivos. JÚNIOR divide os destinatários dos Serviços Educativos em alvos internos e alvos externos. Os primeiros são a própria Administração Pública, que deve ser sensibilizada para a importância de se implementar uma gestão de documentos eficiente. Os segundos são o público em geral, que, conhecendo a missão dos Arquivos, terá novos hábitos de pesquisa e visita a este tipo de Instituições.

CAPÍTULO 4 – Apresentação do Arquivo Regional da Madeira (ARM) e génese do Serviço Educativo



Antigas instalações no Palácio de São Pedro e novo edifício do Arquivo Regional da Madeira. ¹⁰⁶

4.1. Breve apresentação do Arquivo Regional da Madeira: História, estrutura orgânica, acervo, funções e serviços dirigidos ao público

O Arquivo Regional da Madeira tornou-se, desde 1998, o órgão de gestão da Política Arquivística Regional, do Arquivo Histórico Público da Região Autónoma da Madeira (RAM) e da Administração Regional. Tem como principais funções recolher, tratar, conservar, avaliar e difundir o seu acervo, que documenta a História do arquipélago da Madeira desde o início do povoamento até ao século XX. Segundo o artigo 25.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 2/2005/M, de 10 de Fevereiro de 2005, é obrigatoriamente incorporada nos seus depósitos a documentação dos serviços do Governo Regional e das autarquias locais da RAM. Recebe ainda documentos com valor histórico das conservatórias do registo civil e paróquias, das conservatórias dos registos e do notariado, dos tribunais, serviços estatais cessantes, ou qualquer outra documentação, cuja incorporação seja prescrita por disposição legal.

A História da Instituição remonta a 1931, data em que foi criado o Arquivo Distrital do Funchal, no contexto de uma ampla reforma do Sistema Arquivístico Português. Este organismo surgiu pelo decreto n.º 19.952, de 27 de Junho de 1931, com rectificação publicada em 30 de Julho, sendo as suas principais

¹⁰⁶ Imagens 1 e 2.

funções recolher, instalar, inventariar e facultar à consulta dos estudiosos os núcleos documentais dispersos no respectivo distrito. Posteriormente, o decreto nº 20.690, de 30 de Dezembro de 1931, estabeleceu as condições para o funcionamento do Arquivo madeirense, passando a administração financeira para a Junta Geral do Distrito do Funchal, embora tecnicamente dependente da Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos, integrada na Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes do Ministério da Instrução Pública. Nesta fase, parte do acervo da Instituição tinha sido transferido para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, por imposição de um decreto de 2 de Outubro de 1862 e posterior portaria do Reino, datada de 9 de Junho de 1886. Desses valiosos fundos documentais transferidos para Lisboa constam: a Provedoria e Junta da Real Fazenda, a Alfândega do Funchal, o Cabido da Sé e o Convento de Nossa Senhora da Encarnação. O Arquivo Nacional guarda também os documentos do Convento de Santa Clara, onde se inclui um diploma de 1447, o mais antigo produzido na Madeira. Em Janeiro de 1932, o Arquivo Distrital foi instalado em dependências do Palácio da Encarnação. No ano seguinte, passou para o Palácio de São Pedro, em pleno centro histórico do Funchal, ocupando também dois anexos situados nas proximidades. Aí permaneceu durante mais de 60 anos, até à inauguração do novo edifício.

A década de oitenta marcou uma nova fase, na sequência da publicação do Decreto-Lei n.º 287/80, de 16 de Agosto, que criou a designação Arquivo Regional da Madeira (ARM), um organismo dependente da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, no âmbito da Direcção Regional dos Assuntos Culturais. A alteração implicou um acréscimo de responsabilidades no desenvolvimento da Política Arquivística Regional. Em 1999, publicou-se o *Relatório do Inquérito aos Arquivos Públicos da Região Autónoma da Madeira*, que teve como principal objectivo conhecer a realidade dos fundos documentais arquivados nos serviços da Administração Regional Autónoma. Analisados os resultados, chegaram-se às seguintes conclusões: a falta de espaço, que impedia a boa organização e preservação dos documentos, justificava a centralização da documentação de conservação permanente no Arquivo Regional da Madeira. Face à situação revelada pelo inquérito, revelava-se urgente a construção de um novo edifício para o ARM. O recrutamento e formação de pessoal especializado, a elaboração de portarias de gestão de documentos, o

aperfeiçoamento das práticas de gestão dos Arquivos Administrativos, o levantamento sobre a situação dos Arquivos Privados na Região e a valorização do papel do ARM foram outros tópicos para reflexão sugeridos pelos autores do inquérito.

Na sequência do relatório e de uma política de abertura e valorização do Arquivo Regional concretizou-se, em Setembro de 2004, um dos grandes momentos da História recente desta Instituição madeirense - a inauguração do novo edifício integrado no Madeira Tecnopólo, um espaço de urbanização da cidade do Funchal que promove a investigação científica e tecnológica. Na edição que assinalou a abertura, destacamos as palavras da directora, Fátima Barros, que considerou um momento histórico a criação de uma morada definitiva e digna para o ARM.

O edifício que junta o Arquivo Regional da Madeira (ARM) e Biblioteca Pública Regional (BPR) ¹⁰⁷ está dividido em duas grandes áreas: uma reservada ao trabalho técnico e aos depósitos (inacessível ao público) e outra composta pelo átrio, auditório, cafetaria, Salas de Leitura, Serviço de Certidões e Sala dos Serviços Educativos.

As áreas técnicas incluem os depósitos (sete pisos com elevadores e monta-cargas, em 4690 m² capazes de comportar 32.000 metros lineares de documentação), uma casa forte destinada a guardar a documentação mais importante e a sala de convívio dos funcionários. Nas áreas públicas está o átrio, o auditório e a cafetaria. Incluem-se também as Salas de Leitura da BPR no piso 1 (com uma Sala de Leitura Geral, Sala Infanto-Juvenil e Sala de Leitura Especial) a Sala de Leitura do ARM, no piso 2, e o espaço criado para os Serviços Educativos de ambas as instituições. O edifício possui ainda os sectores de Recepção e Triagem, Higienização e Expurgo de documentos, no piso 1, bem como um espaço de Preservação, Conservação, Restauro e Encadernação no piso 0, onde também se encontram as áreas de Fotografia, Microfilmagem Reprografia e Digitalização. Nos pisos 1 e 2 está instalada uma Sala de Formação, os gabinetes de trabalho dos técnicos e o gabinete da Direcção. Os serviços de segurança, os postos de instalações eléctricas, de instalação de ar condicionado e ventilação fazem parte das áreas técnicas de

¹⁰⁷ Anexo 1.

manutenção. Foi também criado um sector destinado ao projecto de informática.

A preparação para a mudança de instalações implicou o desenvolvimento de vários projectos, designadamente:

« [...] a higienização, acondicionamento, tratamento e informatização dos fundos documentais por tratar e daqueles cuja assiduidade de consulta, estado de conservação e previsão de futuras incorporações inspiravam maiores cuidados, como os Arquivos Paroquiais, Judiciais e Notariais». ¹⁰⁸

Apoiado num reforço e formação de novos técnicos iniciou-se o levantamento, organização e inventariação dos documentos da Junta Geral do Distrito do Funchal, ainda na posse de diversos serviços do Governo Regional. Em 2005, começou a transferência do acervo do ARM, um trabalho que durou cerca de um ano e meio.

Na opinião da actual directora, Fátima Barros, o edifício:

« [...] marca o início de uma nova era para o Arquivo Regional e para a qualidade dos Arquivos da Região, permitindo, finalmente, proceder à incorporação da volumosa documentação que há muito deveria estar sob a sua custódia». ¹⁰⁹

Dos organismos e Instituições representadas no acervo do Arquivo Regional da Madeira destacam-se os Arquivos das Câmaras Municipais, designadamente a série de vereações do fundo da Câmara Municipal do Funchal, datadas entre 1470 e 1975, as mais antigas do espaço atlântico. Estão também à guarda do ARM os fundos dos Capitães-Gerais e do Governo Civil, da Alfândega do Funchal, da Junta Geral do Distrito do Funchal, do Juízo

¹⁰⁸ ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, BIBLIOTECA PÚBLICA REGIONAL, 2004: p. 16.

¹⁰⁹ *Ibidem*: p. 17.

dos Resíduos e Provedoria das Capelas. Os Arquivos Judiciais, Notariais e Paroquiais (que incluem registos de baptismos, casamentos e óbitos entre 1538-1911). Os Arquivos de Família e Pessoais, Colecções de Legislação e de Jornais (onde se inclui o *Patriota Funchalense*, primeiro periódico publicado na Madeira). A Biblioteca Nuno Porto e as Colecções de Postais e Fotografias, contendo imagens do património urbano e artístico dos séculos XIX e XX.

O ARM fornece aos seus utilizadores os seguintes serviços:

1. Consultoria e apoio técnico a serviços da Administração Pública Regional;
2. Apoio técnico a privados detentores de documentação de valor histórico e cultural reconhecido;
3. Pesquisa e leitura pública, emissão de certidões, transcrições paleográficas e reprodução de documentos;
5. Serviços de Preservação, Conservação e Restauro.
6. Visitas orientadas e actividades educativas e culturais, dinamizadas pelo seu Serviço Educativo.
7. Aluguer do auditório e da sala de formação.

Em 2007, decorreu o Projecto de Certificação do Sistema de Gestão da Qualidade do ARM, de acordo com a norma NP EN ISO 9001:2000. A distinção foi obtida em Janeiro de 2008. A direcção do Arquivo Regional da Madeira apresentou três grandes linhas orientadoras da sua Política de Qualidade.

1. Assegurar a salvaguarda, valorização e divulgação dos documentos arquivísticos e bibliográficos, na perspectiva dos interesses e das necessidades dos Cidadãos e no cumprimento dos requisitos legais aplicáveis às actividades da Organização;
2. Afirmar o Arquivo Regional da Madeira como instituição de referência na gestão e organização de Arquivos, assegurando para tal a manutenção de elevadas competências dos colaboradores através da formação, da partilha de experiências e soluções, do trabalho em grupo e da comunicação;
3. Assegurar a melhoria contínua do desempenho dos processos de prestação de serviço do Arquivo Regional da Madeira, através da utilização dos

Indicadores de Desempenho e da sua conjugação com a realização de acções correctivas e preventivas adequadas.¹¹⁰

Neste breve apresentação do ARM, pretendemos demonstrar o longo caminho percorrido pela Instituição, que culminou em 2008, com a obtenção da Certificação de Qualidade. O projecto visou a melhoria da qualidade das prestações de serviços e da apresentação dos produtos do ARM, bem como o reconhecimento externo de que o Arquivo Regional da Madeira é uma organismo que trabalha para a melhoria contínua, preocupando-se com todas as partes envolvidas (Clientes, Fornecedores e Sociedade).

4.2. A criação do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira: Projecto educativo e formação da equipa de trabalho

Comunicar e valorizar o património arquivístico da Região Autónoma da Madeira foram desde sempre objectivos primordiais da Instituição. Segundo os dados da edição comemorativa da inauguração do edifício, a informação de alguns folhetos informativos do ARM e a página da Internet – em www.arquivo-madeira.org – o Arquivo Regional tem por missão, entre outros aspectos, a função Comunicação.

Nesse âmbito pretende:

1. Garantir o acesso aos documentos por meio de diversos instrumentos, resultantes de um trabalho de identificação e classificação;
2. Divulgar a sua missão, as suas funções, o seu acervo, bem como contribuir para divulgar a História Regional e Local, por meio de exposições e de acções informativas e formativas (exposições, palestras, cadernos pedagógicos, visitas orientadas);
3. Renovar a imagem do ARM, o que passa pelo incremento do Serviço Educativo/ Extensão Cultural, a publicação de fontes, artigos e trabalhos dos arquivistas e a edição do sítio na Internet.

Segundo a directora do Arquivo Regional da Madeira, já em 1997 tinham sido desenvolvidas acções junto da comunidade escolar. Organizaram-se

¹¹⁰ Veja-se ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, *Manual da Qualidade do Arquivo Regional da Madeira*, 2007.

visitas ao edifício e dinamizaram-se algumas palestras, destinadas a divulgar o acervo e funções da Instituição. A falta de recursos humanos e os espaços exíguos das antigas instalações obrigaram ao adiamento do projecto.

Em 2004, de acordo com a alínea s) do DRR n.º 13/2004/M, tornou-se atribuição do ARM:

« [...] promover e participar em acções de âmbito cultural ou científico, de forma a divulgar o seu acervo documental, especialmente edições, exposições, visitas de estudo, serviços educativos e outros».

Nessa altura, iniciaram-se as reuniões destinadas à planificação das actividades. Mais tarde, enquadrado na reestruturação e qualificação dos serviços do ARM, nasceu o Serviço Educativo, que pretendia:

« [...] cativar um público mais vasto e alargado, mas também promover o gosto pela conhecimento da História Regional e Local, incentivando o contacto com as fontes primárias e estimulando hábitos de pesquisa e visita ao Arquivo». ¹¹¹

Em 2005, foi designada pela actual directora uma responsável pelo Serviço Educativo e Extensão Cultural do Arquivo Regional. Essa função coube a uma arquivista do ARM. Na mesma altura, foi contratada uma professora, à época responsável pelo Serviço Educativo do Núcleo Museológico A Cidade do Açúcar e uma técnica profissional de Arquivo, destacada para prestar apoio nas actividades práticas a serem desenvolvidas pelo novo Serviço.

¹¹¹ ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA *Relatório do Serviço Educativo/ Extensão Cultural*, (2006).

4.2.1. Objectivos e elaboração do Plano de Actividades

Em 2006, a responsável do SE do ARM esteve presente em Penafiel nas IV Jornadas de Estudo Serviços Culturais e Educativos em Arquivos e Bibliotecas, apresentando uma comunicação relacionada com as actividades do Serviço Educativo criado num Arquivo madeirense. São objectivos gerais do SE do ARM, segundo essa apresentação:

1. Qualificar e valorizar o espólio do Arquivo Regional da Madeira;
2. Divulgar a História Regional e Local;
3. Alertar para a necessidade de conservação e preservação da memória da Região Autónoma da Madeira;
4. Renovar a imagem do Arquivo Regional da Madeira junto da Comunidade;
5. Contribuir, a longo prazo, para o aumento do número de interessados em estudos na área das Ciências Sociais;
6. Desenvolver hábitos de pesquisa, captação e formação de novos leitores.¹¹²

As actividades do SE do ARM dividiram-se, inicialmente, em dois tipos de intervenções. As actividades permanentes e as actividades temporárias, estas últimas em articulação com exposições, mostras, ou lançamento de novos instrumentos descritivos. Passados alguns anos, verificou-se uma evolução nestes conceitos. O programa tornou-se mais complexo e passou a distinguir acções dirigidas a públicos diferenciados, casos da comunidade escolar e público em geral, das comunidades madeirenses espalhadas pelo Mundo e do público sénior.

A planificação começou a ser delineada meses antes da primeira intervenção junto da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de São Roque. Exigiu-se a preocupação com alguns aspectos, conforme se pode ler no Relatório de Actividades do Serviço Educativo do ARM 2004/05:

1. Todas as actividades devem ser antecedidas por uma apresentação do Arquivo Regional da Madeira, um objectivo concretizado com a elaboração de uma palestra introdutória;

¹¹² Veja-se SANTOS, 2006.

2. As actividades que implicassem a participação e visita a áreas técnicas do ARM seriam em número reduzido, de forma a não interferir com o funcionamento dos Serviços;

3. Pela mesma razão, as acções de extensão cultural, organizadas em paralelo com exposições, decorreriam sempre em espaços públicos: Hall, auditório e Sala do Serviço Educativo;

4. As visitas orientadas abertas à Comunidade efectuavam-se trimestralmente, mediante inscrição. Esta intenção veio a ser cumprida, com excepção de algumas solicitações de visitas extraordinárias destinadas, por exemplo, aos colegas arquivistas;

5. Visitas técnicas solicitadas por outras Instituições, públicas ou privadas, obrigam a um agendamento prévio;

7. Podem ser realizadas acções a pedido das escolas, no âmbito dos respectivos programas curriculares. Contudo, a resposta dependerá sempre da disponibilidade do Serviço Educativo;

8. As actividades serão preferencialmente dirigidas a alunos a partir do 2º ciclo;

9. No final de cada acção deverá ser sempre preenchido pelo responsável da turma um inquérito de satisfação, destinado à avaliação da actividade.

A criação do Serviço Educativo do ARM dá a conhecer a Instituição, rentabilizando e valorizando o seu trabalho de recolha e tratamento dos fundos documentais, bem como os serviços de apoio técnico proporcionados ao sector público e privado. A responsável do SE do ARM salienta no relatório que qualquer actividade desenvolvida pelo Serviço Educativo não é extemporânea ao Arquivo.

«Por esse motivo, estas actividades são cuidadosamente planeadas e antecedidas de uma visita às escolas, onde se apresenta a instituição e se preparam as acções a desenvolver posteriormente. Não se trata, pois, de uma ocupação de tempos livres, pois as actividades assumem um carácter pedagógico e didáctico».¹¹³

¹¹³ ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, *Relatório do Serviço Educativo/ Extensão Cultural*, 2005: p. 4.

Feita a elaboração do Plano de Actividades iniciou-se o desenvolvimento de uma linha gráfica destinada ao novo Serviço. ¹¹⁴ Um desdobrável, um marcador e o logótipo – o Aprendiz de Arquivo – uma ilustração com cores apelativas e elementos identificativos, foram os primeiros símbolos do Serviço Educativo do ARM. O “Aprendiz”, que representa um escrivão, teve patente registada em Maio de 2005.



O “Aprendiz de Arquivo”, logótipo do Serviço Educativo do ARM.

¹¹⁴ Anexo 2.

4.2.2. Projectos desenvolvidos: 2005/2006



Palestra apresentada na Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos de São Roque em Fevereiro de 2005, que marcou o início das actividades do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira. ¹¹⁵

4.2.2.1. *Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira*

Esta é uma das actividades permanentes do Serviço Educativo do ARM. No 1.º ano da sua implementação, destinou-se a alunos do 6.º e 8.º ano de escolaridade. A finalidade – que se manteve ao longo de todas as edições posteriores – é divulgar os recursos documentais e promover hábitos de pesquisa, ajudando à descoberta das funções e serviços da Instituição, bem como das suas áreas técnicas, de modo a estreitar a relação da população estudantil com o Arquivo Regional.

Em 2005, por ser um ano experimental, optou-se por endereçar um convite directo a dois estabelecimentos de ensino situados nas proximidades do novo edifício do Arquivo. Tal opção também se baseou num princípio básico de qualquer Instituição que explora a função Comunicação: começar por tentar “fidelizar” a comunidade envolvente. Foi entregue a cada uma dessas escolas um dossiê de apresentação da actividade, mas somente a Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de São Roque (a freguesia de São Roque é adjacente à de Santo António, onde se localiza o ARM), aceitou o convite.

A 1.ª edição de “Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...” realizou-se no dia 15 de Fevereiro, com uma palestra no auditório da Escola de São Roque. Por ser uma “estreia” do Serviço Educativo, esteve presente a própria directora do ARM, além da responsável pelo SE.

¹¹⁵ Imagens 3 e 4.

Esta palestra constitui a primeira etapa da actividade, sendo que as três seguintes têm lugar no próprio edifício do Arquivo: duas visitas orientadas à área de Preservação, Conservação e Restauro (por regra, inacessível ao público) e uma no Serviço de Leitura e Certidões.

Ao longo das suas vindas ao Arquivo, os alunos da Escola de São Roque inauguraram um vasto leque de experiências ligadas à área da Arquivística e da Conservação e Restauro:

1. Efectuaram trabalhos de limpeza mecânica e acondicionamento da documentação e conheceram as funções de Recolha, Higienização, Expurgo e Acondicionamento dos documentos;

2. Contactaram com as funções de Encadernação, Conservação, Restauro, Microfilmagem e Fotografia. Nessas acções, procederam à limpeza mecânica e reintegração manual de um documento e fizeram testes de solubilidade das tintas. Na área de Encadernação foi-lhes dada a oportunidade de coserem manualmente fólhos (folhas). Nas áreas de Microfilmagem e Fotografia, sempre auxiliados pelos técnicos, criaram um microfilme e revelaram um negativo.

3. Finalmente, conheceram as funções de Comunicação e Difusão, identificando documentos e explorando o Serviço de Leitura e Certidões. Na Sala de Leitura do ARM (na altura ainda encerrada ao público) aprenderam a colocar e a visionar um microfilme, pesquisaram nas bases de dados de registos de baptismos, casamentos e passaportes e tentaram ler documentos antigos a partir de noções básicas de paleografia.

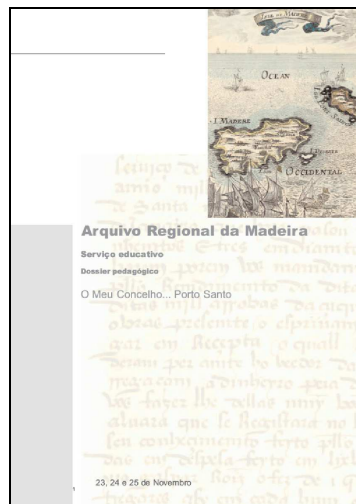
No final do ano lectivo, os participantes na actividade «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira», em conjunto com a equipa do Serviço Educativo, docentes e os técnicos do ARM envolvidos no processo, conviveram numa festa final. Houve também entrega de certificados, o visionamento de registos fotográficos de todas as visitas e uma oficina de expressão plástica no exterior do edifício, em que foram pintados três painéis colectivos.

Cabe-nos ainda salientar que, em 2007, por ocasião das entrevistas que elaborámos junto daqueles alunos, no âmbito desta nossa dissertação de mestrado, todos recordavam as experiências que desenvolveram durante as fases da actividade.



Aspectos da actividade “Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...”. ¹¹⁶

4.2.2.2. O Meu Concelho...



Foram criados dois dossiês pedagógicos para o 6.º e o 12.º ano de escolaridade. ¹¹⁷

O conjunto de actividades permanentes do Serviço Educativo do ARM inclui “O Meu Concelho...”, uma actividade anual vocacionada para a

¹¹⁶ Imagens 5 a 8.

¹¹⁷ Imagens 9 e 10.

divulgação e dinamização de aspectos relacionados com os concelhos da Região. Um dos seus principais objectivos é efectuar uma educação patrimonial baseada na sensibilização para a preservação do património arquivístico e histórico, sendo desenvolvida em colaboração com as escolas básicas e secundárias. A sua planificação inclui a ida da equipa do Serviço Educativo às salas de aula, com o objectivo de dinamizar dossiês pedagógicos, um para o 6.º e outro para o 10.º ano. Embora o tema adoptado seja comum a ambos os níveis de ensino, os conteúdos são devidamente adaptados e separadamente desenvolvidos. Até hoje foram realizadas três edições, sempre com base na documentação existente no ARM. Naqueles três casos, as escolas foram directamente contactadas e convidadas a acolher o projecto.

“O Meu Concelho...” iniciou-se em Novembro de 2005, com o concelho do Porto Santo,¹¹⁸ tendo sido organizado em articulação com o lançamento de duas edições do ARM: *Índice dos Registos de Casamentos e de Baptismos do Concelho do Porto Santo (1572 – 1911)* e *Documentos Históricos da Ilha do Porto Santo*. O dossiê pedagógico dedicado ao 6.º ano de escolaridade teve como ponto de partida o saque levado a cabo por corsários marroquinos, em 1617, ao qual sobreviveram apenas dezoito habitantes daquela Ilha. Teve a particularidade de ter sido um ataque que destruiu, através de um incêndio, os registos paroquiais assentados desde o início do povoamento. A partir deste facto histórico desenvolveu-se um texto dramático, de conteúdo e personagens ficcionadas, mas que tornaram possível reavivar e reflectir sobre os acontecimentos daquela data. Os alunos foram convidados a ler e interpretar e a realizar uma série de actividades que sensibilizavam para a importância de tais registos para a História da Família.

O segundo dossiê dedicado, excepcionalmente em 2005, ao 12.º ano de escolaridade, apresentou uma outra perspectiva sobre os registos paroquiais do Porto Santo. A partir da obra, *Documentos Históricos da Ilha do Porto Santo*, fez-se salientar um documento, *Notisias da Família de Cristina Dias*, o qual tem a particularidade de descrever a história familiar de uma antiga escrava moura (Cristina Dias), cuja descendência incluiu vários clérigos. Outra característica do documento, segundo os autores do dossiê, é a sua difícil leitura – mesmo transcrito, a sua linguagem transmite-nos a sensação de

¹¹⁸ Anexos 3 e 4.

estarmos perante uma autêntica charada. Depois da leitura, os alunos interpretaram o texto e realizaram, em grande formato, a complexa árvore genealógica de Cristina Dias. No final e como complemento foram apresentadas algumas regras e sugestões para construírem as suas próprias árvores genealógicas.

4.2.2.3. *Genealogia e História da Família*



A dinamização do caderno pedagógico *Genealogia e História da Família* e a encenação de uma peça de teatro fizeram parte desta actividade dedicada aos alunos de 6.º ano. ¹¹⁹

O Arquivo Regional inaugurou, a 10 de Novembro de 2005, a exposição «Luiz Peter Clode e o Espólio Legado ao Arquivo Regional da Madeira». Além de se ter notabilizado como genealogista, criou a Sociedade de Concertos da Madeira (1943) e a Academia de Música (1946) Belas-Artes (1955) e Línguas da Madeira (1963), promoveu um variado leque de actividades culturais (destaque-se a revista *Das Artes e da História da Madeira*) e impulsionou a fundação de uma importante rádio local (Posto Emissor do Funchal).

¹¹⁹ Imagens 11 a 14.

O recém-criado Serviço Educativo fez-se incluir na dinâmica da exposição com um projecto ligado à temática e direccionado a alunos a partir do 2.º ciclo. Para além de guiões específicos, destinados a apoiar as visitas orientadas à referida exposição, foi criado o Caderno Pedagógico, *Luiz Peter Clode o Genealogista*,¹²⁰ cujas finalidades foram despertar o gosto pela genealogia e desenvolver o interesse pelo conhecimento e preservação do património arquivístico e histórico da Região. Duas turmas e respectivos directores de turmas da Escola Salesiana de Artes e Ofícios disponibilizaram-se para adaptar para teatro o conto «A Árvore Mágica», incluso naquele mesmo caderno. Cada turma apresentou a sua dramatização no auditório do ARM, no contexto de uma formação sobre Heráldica, aberta ao público em geral.

Baseado no Caderno *Luiz Peter Clode o Genealogista*, aproveitaram-se os seus conteúdos para criar um outro, igualmente destinado à camada mais jovem, com a diferença de estar acessível ao público por meio da sua aquisição na Loja do ARM: *Genealogia e História da Família*. Além do mesmo conto (“A Árvore Mágica”), disponibiliza informações genéricas sobre o tema da genealogia, divulgando genealogistas madeirenses e dando a conhecer os Arquivos particulares e pessoais existentes no ARM, intercalados com jogos e actividades que incluem a realização de uma árvore de costados. Começou a ser dinamizado em Abril de 2006, em moldes semelhantes do primeiro Caderno.

4.2.2.4. *Jornal Aprendiz de Arquivo*

Foi lançado no início do 3.º período escolar do ano lectivo 2005/2006.¹²¹ Trata-se de uma publicação semestral, destinada a alunos e professores, que pretende divulgar o Arquivo Regional da Madeira e as actividades desenvolvidas pelo seu Serviço Educativo. As edições são distribuídas gratuitamente em todas as escolas dos ensinos básico (2.º e 3.º ciclos) e ensino secundário da Região. A consulta on-line do “Aprendiz de Arquivo” pode ser feita através do sítio na Internet do ARM, em www.arquivo-madeira.org.

¹²⁰ Anexo 5.

¹²¹ Anexo 6.

Esta publicação tem por objectivo perpetuar o trabalho que o Serviço Educativo tem vindo a desenvolver com a comunidade escolar, mas também dar a conhecer as funções e fundos do Arquivo Regional, enquanto detentor de uma parcela importante da memória colectiva da Região Autónoma da Madeira. Destacam-se secções como «Tema Central», dedicado aos novos projectos do Serviço Educativo, «Serviços Técnicos», com o propósito de dar a conhecer as áreas de trabalho do Arquivo Regional e «Guia do ARM», onde se apresentam sucintamente os fundos documentais. Há também espaços dedicados à opinião dos alunos, professores e comunidade. Sugerem-se também actividades e desafios, apresentam-se secções de curiosidades e sugestões, sempre numa perspectiva de divulgar aos mais jovens algumas das perspectivas de trabalho da Arquivística. Finalmente, fornecem-se informações sobre como participar nas actividades do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira.



Aspecto das primeiras páginas do jornal Aprendiz de Arquivo n.º 0, (Abril 2006) e Aprendiz de Arquivo n.º 1, (Novembro 2006). Em Maio de 2008 publica-se a edição n.º 4.¹²²

¹²² Imagens 15 e 16.

4.2.2.5. Visitas orientadas

O primeiro ano de actividade do Serviço Educativo do ARM ficou igualmente marcado pelo início das visitas orientadas ao novo edifício. Também aqui se optou por endereçar convites directos às escolas. Segundo o relatório em que nos baseámos, estiveram presentes alunos do 5.º, 6.º e 10.º ano de escolaridade. As visitas iniciavam-se com a habitual palestra de apresentação do ARM, seguida pelo trajecto pelas áreas técnicas.



Alunos da Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclo Bartolomeu Perestrelo e da Escola Secundária Jaime Moniz foram alguns dos participantes nas primeiras visitas orientadas.¹²³

¹²³ Imagens 17 e 18.

CAPÍTULO 5 – A perspectiva dos coordenadores, professores e alunos

5.1. Introdução e Metodologia adoptada

Terminada a apresentação do Arquivo Regional da Madeira e conhecido o processo de criação do seu Serviço Educativo, pretende-se registar os testemunhos da responsável, equipa de trabalho e de alguns intervenientes nas primeiras acções, dinamizadas em 2005 e 2006.

Seguindo a metodologia qualitativa do presente estudo optou-se pela análise de relatórios internos do Serviço e pela realização de entrevistas junto dos elementos que compunham a equipa de trabalho do SE: a responsável, licenciada em Ciências Históricas e Pós-graduada em Ciências Documentais, uma professora de Artes Visuais e mestre em Museologia, com experiência em Serviços Educativos nos Museus e, finalmente, uma técnica profissional de Arquivo. Apesar de terem decorrido dois anos, foi também possível organizar um encontro com o professor e alguns alunos da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de São Roque, participantes na primeira edição da actividade «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...», entre Fevereiro e Maio de 2005.

Nas várias entrevistas, cujo resultado é sintetizado neste capítulo, apercebemo-nos como tudo começou, quais as dificuldades sentidas, aspectos positivos, negativos e expectativas de futuro.

Durante a realização do nosso Estudo de Caso privilegiou-se o método de entrevista livre e exploratória, guiada apenas por tópicos gerais.¹²⁴ Nas conversas prévias e entrevistas foi solicitada autorização para reproduzir os conteúdos abordados, utilizando-se o gravador como instrumento de trabalho.

¹²⁴ BOGDAN e BIKLEN, 1994: p. 135-136.

5.2. Um olhar interno: A equipa do SE do ARM

5.2.1. Uma arquivista como coordenadora do Serviço Educativo

O trabalho do Serviço Educativo do ARM começou efectivamente em 2004, mas a planificação, pesquisa bibliográfica e conhecimento de outras realidades esteve em curso desde 2002. Segundo a responsável do SE do ARM, a primeira dificuldade foi encontrar bibliografia sobre o assunto. Para se documentar, optou pela pesquisa na Internet e pelo envio de pedidos para os Arquivos de Espanha e do Rio de Janeiro. Houve colaboração destas Instituições e foram enviados dados sobre o tipo de actividades que estavam a desenvolver. Recorreu ainda à bibliografia espanhola e à informação existente sobre Serviços Educativos em França. «Foi aí que aprendi o conceito de “valise pédagogique”, as maletas pedagógicas que ainda não sabia bem o que eram», referiu. O contacto com o Serviço Educativo do Museu Frederico de Freitas, no Funchal, foi também importante na procura de contextualização teórica e prática: «Mostraram-nos o trabalho desenvolvido, tinham inclusive uma maleta pedagógica, composta por um bule com saquetas de chá representativas de cada actividade», explicou.

Depois de estar familiarizada com os conceitos de dinamização de um Serviço Educativo, verificou que nos Museus da Região Autónoma da Madeira e do Continente requisitavam-se professores ou técnicos de outras áreas, mas nunca pessoas que trabalhassem directamente com as colecções/acervos documentais. Ficou imediatamente decidido que o SE do ARM teria como responsável um arquivista, alguém que tivesse conhecimento da terminologia e dos fundos documentais. Nessa fase, tinha sido criado um primeiro esboço das actividades a desenvolver até 2008 e foi pedida a colaboração de uma professora com experiência na criação e desenvolvimento de acções educativas e pedagógicas.

Nos meses de preparação, segundo explicou a arquivista responsável pelo SE, surgiu a ideia de um jornal.

«Podia ser o *Arquivista Júnior*, mas decidimos pelo *Aprendiz de Arquivo*. Começamos pelo nome e pelo logótipo do Serviço Educativo. Ainda não havia a ideia do Dia Aberto à Comunidade, mas de visitas orientadas. O tema da Genealogia e História da Família surgiu logo, ainda sem sabermos como dinamizá-lo. Pegamos em temas do Arquivo que pudessem interessar às pessoas. Definimos como prioridade a realização de uma palestra de apresentação da Instituição, no início de todas as actividades».

A definição do público-alvo foi uma das primeiras preocupações. Seleccionou-se para a primeira actividade o 6.º e o 8.º ano de escolaridade, com o objectivo de testar a receptividade dos alunos. Segundo a responsável, só em 2007 foram definidos os principais destinatários do SE do ARM: o 3.º ciclo, secundário e público universitário.

Na opinião desta arquivista, definir um Serviço Educativo «é complicado». Em termos práticos:

« [...] trata-se do desenvolvimento de um conjunto de actividades lúdico pedagógicas que tem por intuito formar cidadãos e desenvolver hábitos de pesquisa, de conservação e preservação dos documentos pessoais. Porque um cidadão informado, consegue interpretar melhor aquilo que o rodeia. [...] Acima de tudo, o que tento transmitir é que um Serviço Educativo de um Arquivo não é um Atelier de Tempos Livres».

Quanto a modelos de inspiração para o SE do ARM, não destacou nenhum em específico. Talvez o modelo francês e o brasileiro. Mas salientou que a intenção foi colmatar lacunas. E explicou: «Aqui na Madeira há Serviços Educativos de Museus muito bons, mas não trabalham com o ensino secundário e universitário. Estamos a tentar uma aproximação a esses públicos».

Salvaguardando as diferenças entre um Serviço Educativo de um Museu e de um Arquivo, não concorda com a ideia que é impossível dinamizar projectos educativos e culturais nos Arquivos.

«Há quem diga que é impensável, impraticável, que trazer pessoas a um Arquivo não interessa. Mas temos que ter em conta a realidade de cada localidade. Na Madeira, o estudo das ciências sociais praticamente não existe. Os cursos de Línguas acabaram. Se o Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira não funcionar, daqui a dez ou quinze anos não teremos leitores. Temos de tentar criar hábitos de vinda à Sala de Leitura, nem que seja, como dizemos na palestra, para ver um documento que nos diga o que aconteceu neste dia há vinte anos!».

Questionada relativamente a aspectos positivos e negativos destes serviços salientou como o mais gratificante a aceitação do público.

«As pessoas virem ter connosco e dizerem que fazemos um trabalho maravilhoso. Que não tinham ideia do que era um Arquivo e que os ajudámos a compreender. É também óptimo trabalhar com turmas que têm poucas oportunidades de sair da escola. Nota-se uma grande receptividade e apreensão rápida dos conteúdos».

Pelo contrário, torna-se desmotivante « [...] quando os alunos não prestam atenção ao que estamos a dizer ou quando os professores ficam insatisfeitos e vemos que não compreendem a nossa forma de trabalhar».

Durante a entrevista, apercebemo-nos que o SE do ARM privilegia o recurso aos documentos da Instituição para desenvolver os seus materiais de intervenção pedagógica. Por isso, conforme nos foi explicado, torna-se difícil comemorar um Dia da Floresta, por exemplo.

«O professor podia nesse caso deslocar-se à Sala de Leitura e fazer uma recolha de materiais. Temos outro papel. Formar utilizadores, ajudar à consulta de instrumentos descritivos, à pesquisa de fundos documentais, um trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, mas do qual veremos resultados apenas dentro de dez ou quinze anos».

A falta de transportes para chegar ao Arquivo Regional é uma dificuldade salientada frequentemente pelas escolas. «Foi por isso que foi criada a maleta pedagógica, para que possamos ensinar o professor a manuseá-la e emprestá-la às escolas», sublinhou a responsável do SE. Aos interessados em iniciar um Serviço Educativo, a arquivista deixou os seguintes conselhos:

«Primeiro, é necessário pesquisar. Ver os que os outros fazem. Delinear os objectivos do novo Serviço Educativo, analisando as potencialidades de utilização do acervo documental. Depois, é preciso criar hábitos. Dinamizar actividades contínuas. Contactar insistentemente os professores para “vender o produto”, caso contrário, ninguém vem ter connosco. Segundo a minha experiência, devemos tentar insistir com os docentes na preparação prévia de algumas das actividades e na escolha das datas, que devem ser marcadas com antecedência».

Os instrumentos de divulgação criados pelo SE do ARM são diversificados. Procura-se o contacto directo com as escolas, com a entrega aos professores de um dossiê de apresentação das actividades. Este documento contém um resumo dos objectivos do serviço, a forma de dinamização das acções, a classe de destinatários e uma possível calendarização. Elaboram-se também desdobráveis informativos, enviados por ofício às Direcções Executivas.

Em Março de 2006, na primeira edição do «Dia Aberto à Comunidade», surgiu o Inquérito de Satisfação do Serviço Educativo. A avaliação interna (entre os elementos da equipa) e externa das acções (recorrendo aos inquéritos) é considerada fundamental pela equipa de trabalho. Na perspectiva da arquivista responsável pelo SE do ARM torna-se mais fácil evoluir conhecendo a opinião dos visitantes.

Cativar o público foi outra das recomendações que nos deixou:

«Contando histórias, apontando pormenores da documentação. As pessoas querem saber esse lado da descrição. Como o caso do bebé que foi encontrado com uma lua tatuada no braço, ou a senhora que foi presa por usar um saiote vermelho. Há também a história dos rapazes que foram tomar banho sem roupa ao rio e as senhoras ficaram muito escandalizadas. As cartas de chamada são outro exemplo que utilizamos. Todas as estratégias são válidas para ajudar os alunos a compreender que as fontes da História não são maçadas».

Quanto ao futuro do Serviço Educativo do ARM, o objectivo é «crescer, apostar num público diversificado e desenvolver cada vez mais projectos».

5.2.2. Contributos de uma professora com experiência em Museologia

Uma mestre em Museologia foi outro dos elementos que acompanhou o processo de criação do SE do ARM. Licenciada em Belas Artes – Pintura, tem no currículo, além da experiência da docência, algum trabalho junto de Instituições ligadas à cultura. No Núcleo Museológico A Cidade do Açúcar, no Funchal, esteve integrada na gestão interna do Museu e tinha a responsabilidade de coordenação do Serviço Educativo. A colaboração com o Arquivo Regional da Madeira surgiu na sequência desse projecto. Relativamente à preparação de técnicos para esta área, destacou a falta de formação específica em Portugal.

«A experiência pedagógica é extremamente importante e são normalmente os professores que assumem a responsabilidade destes Serviços nos Museus. Ainda não há um curso destinado a técnicos de Serviço Educativo, excepto na Fundação Gulbenkian, que dinamizou formações nos anos 80. Não conheço ninguém com especialidade na área. A maioria são professores destacados ou requisitados a exercerem funções técnico-pedagógicas».

Na sua opinião, a contextualização teórica é essencial ao desenvolvimento dos Serviços Educativos. «Temos que interligar o triângulo Educação Formal, Não Formal e Informal. A Educação Formal é dada pela Escola e a Não Formal pela Instituição cultural, que tem esses objectivos».

A colaboração com o Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira iniciou-se depois de três anos lectivos de experiência num Núcleo Museológico:

«Comecei a dar apoio esporádico. Reuniões com a Sofia (coordenadora do serviço) mostrando materiais no Museu ou dirigindo-me ao Arquivo Regional, pelo menos durante um ano. Houve muita planificação, porque um Serviço Educativo num Arquivo é raro. Para mim era uma experiência completamente nova, porque eu não sabia o que era um Arquivo. Tive que investigar e descobrir. O primeiro passo foi conhecer a colecção/acervo da Instituição. Depois de estudar as potencialidades, há que estabelecer uma ligação com a comunidade, partindo do que o público espera de nós».

Na opinião desta professora, «uma Instituição que não tenha em conta o meio em que se insere, não tem futuro. Por isso a ligação à Escola de São Roque, a funcionar muito perto do Arquivo Regional, foi importantíssima».

Para iniciar um Serviço Educativo destacou várias fases:

«Primeiro planificar, ver que actividades desenvolver. Perceber o que as pessoas precisam, o que a cidade/bairro precisa, o que as escolas e os professores querem, auscultando expectativas. Sem isso, não teremos um Serviço Educativo. Segue-se uma fase de dinamização das actividades, assumindo um ano zero. Aqui define-se o que é mais importante, deixando tudo em aberto e, finalmente, escolhendo os melhores projectos».

Quanto aos recursos necessários, além dos financeiros, sem os quais se torna difícil trabalhar, salientou os humanos e materiais. Sem condições, referiu, « [...] conseguimos fazer visitas orientadas, fotocopiar e elaborar umas

fichas, mandar os miúdos fazer desenhos. Isso é o básico. Mas um Serviço Educativo é muito mais do que isso». O sucesso da actividade pedagógica, bem como a eficácia das suas actividades, será comprovado pela fidelização. «Uma escola que goste de um Museu, de um Arquivo, há de voltar sempre que possível». Neste processo de aproximação ao público, os contactos que se estabelecem são, na sua opinião, essenciais:

«Antes das actividades/visitas deve ser convocada uma reunião preparatória, em que os técnicos do Serviço Educativo dirigem-se à escola e o professor desloca-se à Instituição, de forma a conhecer o acervo e o tipo de acção que aquele espaço tem para oferecer».

Conforme referido, em 2005 decidiu-se formalizar convites directos às escolas mais próximas do ARM. Posteriormente, vieram as seguintes. Para conseguir a adesão dos alunos e professores, aquela técnica reiterou:

« [...] é preciso insistir, deslocarmo-nos às escolas e mostrar os dossiês de apresentação. São também essenciais os materiais informativos, enviados no início do ano lectivo a todas as direcções executivas. Mas não ficamos por aqui. Temos de telefonar a confirmar se receberam. Em alguns casos poderá existir o risco de má divulgação, por isso adopta-se a estratégia de enviar a departamentos específicos, por exemplo o da disciplina de História».

E acrescentou:

«Há uma coisa que funciona muito bem, que é o “boca a boca”. Os professores falam entre si e já não precisamos fazer muito. Os pedidos chegam naturalmente. (...) Não é preciso envolver muitas escolas. Interessa sim o tipo de “feed-back” e a fidelização de cada estabelecimento de ensino».

Assumir um projecto desta natureza revelou-se um desafio. Como elemento do primeiro Serviço Educativo de um Arquivo na Região Autónoma da Madeira, confessou algum receio face às suas capacidades de concretizar os objectivos:

«Vendo que não sabia o que era realmente um Arquivo, perguntei-me se seria possível. Mas falando com a Sofia e vendo que ela estava tão entusiasmada e com tantas ideias foi fácil. Não se pode pensar e fazer. É necessário que a pessoa já tenha dentro de si o “bichinho” da comunicação. A euforia dela contagiou-me. Uma pessoa entusiasmada vale por vinte desmotivadas! Quando a planificação começou imediatamente a funcionar, vi que era possível».

Depois do primeiro ano de actividades, ficou claro que eram necessárias mais pessoas no SE do ARM. O trabalho avolumou-se e a procura das escolas tornou-se cada vez maior. O balanço é positivo, mas assumem-se erros. As parcerias podem ser difíceis. Nem sempre tudo corre como planeado. Mas isso, nunca é motivo para desistir, mas sim incentivo a evoluir, garantiu.

«Ainda há muito para fazer. Estamos a evoluir bem. Temos uma melhor percepção do que as pessoas precisam, o que conseguimos por experiência empírica, observando as reacções das pessoas, mas também recorrendo aos inquéritos de satisfação».

O processo de criação de um Serviço Educativo passou também pela escolha da faixa etária do público-alvo. Em virtude do tipo de acervo, optou-se pelo 3.º ciclo, ensino secundário e universitário.

«Estamos a falar de documentos e áreas técnicas. Não sei que interesse poderá ter levar crianças pequenas a esse tipo de espaços. Como podemos mostrar-lhes que aquilo que estão a ver tem interesse? Primeiro, fizemos a experiência com os mais velhos. Claro que agora estamos em condições de pensar numa actividade dedicada a um 4.º ano de escolaridade».

Outro obstáculo aos mais novos é o tamanho do edifício:

«Nada está à escala deles. É como levá-los ao Louvre. Há que motivá-los a ver, a sentir, num Arquivo não podem tocar em nada. Eles devem ter uma experiência táctil, através de uma maleta pedagógica, réplicas, palestras. Seria importante que percebessem a importância de preservar documentos deles, compreendendo que esses documentos podem ser preservados numa perspectiva histórica».

A experiência do ARM tornou claro que o objectivo de um SE é valorizar a actividade educativa e não apenas a vertente lúdica. «Isso não é levá-los ao conhecimento. É brincar no espaço como se fosse um parque. Não fica nada. Saem sem informações. Transforma-se num Atelier de Tempos Livres e por isso não começamos com o 1.º ciclo», sublinhou a professora.

Como pontos positivos do SE do ARM destacou a abertura à Comunidade.

«São as pessoas que fazem o Arquivo. A missão da Instituição não se esgota no tratamento e guarda da documentação. É como um Museu, que fechado sobre si não serve de nada. As pessoas pensam que não tem a ver com elas, que aquelas peças/documentos não lhes pertencem. Temos de trabalhar de maneira a alertar para a preservação do património, de uma forma em que as pessoas se identifiquem».

Os aspectos menos positivos começaram pela sensação de que se pode fazer mais e melhor, mas, no aspecto prático, a distância e a falta de transportes das escolas foi a principal dificuldade. Por outro lado, a sensibilização dos professores é essencial, realçou. Esta professora elegeu como actividade preferida «O Meu Concelho...»:

«Relaciona-se com o teatro, que é a minha área. A base dessa actividade é fazer ver ao público escolar do concelho que eles fazem parte da História. O seu apelido, a sua casa, o espaço da escola, a vila, todo o ambiente é o património deles. Incutimos um sentimento de pertença. São parte da História e estão a construí-la. Estão ali porque houve um passado que os envolve, o presente e o futuro. Queremos dizer aos alunos que fazem parte da História, podem vivê-la e senti-la».

Relativamente ao grupo de trabalho, defendeu que deverá ser feito um esforço para que os técnicos escolhidos estejam dedicados exclusivamente ao Serviço Educativo. Finalmente, definiu como prioridades a procura da fidelização das escolas. «Arranjar mais estratégias de comunicação, para que os professores se envolvam. Alargar a rede de parcerias e arranjar mais alternativas de trabalho».

5.2.3. O apoio de uma técnica profissional de Arquivo

Foi o interesse nos conceitos de dinamização e comunicação, mas também a capacidade de interacção com o público que motivaram a escolha desta técnica profissional de Arquivo pela direcção do ARM e pela coordenadora do Serviço Educativo. Em 2005, participou na primeira actividade do SE do ARM, acompanhando a partir dessa data a dinamização de todas as actividades. Começou à experiência. Antes de integrar a equipa do SE fazia descrição documental.

Tal como os outros elementos da equipa de trabalho, tinha apenas algumas noções da área da Comunicação, na sequência de um curso profissional de Arquivo:

«Tinha algumas bases da formação, mas não sabia nada na prática. Observei pela primeira vez o trabalho na palestra de São Roque. Utilizou-se mais ou menos os métodos que usamos hoje, mostrando imagens dos documentos, exemplos de como funcionava o Arquivo Regional. A receptividade dos miúdos foi muito boa. Até há pouco tempo a ideia do Arquivo era de um espaço muito fechado aos públicos mais jovens. Foi agradável ver aquela abertura».

Depois da palestra, os discentes (que conseguimos entrevistar para o nosso Estudo de Caso) estiveram várias vezes no ARM. Segundo a própria testemunhou: «Os alunos evoluíram, o que foi reconhecido pelos professores, criamos uma empatia, ficaram familiarizados connosco». Passados três anos notou muitas diferenças, quer ao nível das técnicas utilizadas, quer na planificação. Na sua opinião, o primeiro ano de experiência foi essencial.

A técnica que entrevistamos considerou muito viável a implementação de um projecto desta natureza, que, conforme acentuou, cumpre uma função de abertura da Instituição às Escolas e à Comunidade. «Notava-se que havia um grande desconhecimento das funções do Arquivo Regional, excepto dos investigadores, que procuravam a Sala de Leitura para as suas pesquisas». Com o tempo, reconheceu que o Serviço Educativo ajudou a mudar mentalidades. «As pessoas comentam que existe um Arquivo, sabem aquilo que guarda, que não é uma biblioteca, que preserva a História da Madeira».

Aos Arquivos e Centros de Documentação portugueses, aconselhou a não descurar a função Comunicação, mesmo com poucos recursos:

«Acho que as pessoas têm de trabalhar de acordo com os recursos que têm. Nem que comecem pelo mais básico. Mostrando reproduções de documentos nas escolas, iniciando a divulgação de forma simples. O Arquivo, acima de tudo, deve ser um espaço aberto ao público. Sem divulgação será apenas um espaço vazio».

Não é assim tão difícil concretizar estes projectos, pois tudo pode ser interessante, garantiu. «Depende de como apresentamos, como falamos, como agimos. Actualmente, vemos que as pessoas gostam do que vêm e os professores pedem-nos para voltar».

5.3. Um olhar externo: Professor e alunos participantes na primeira actividade

Além do testemunho dos elementos do SE do ARM, pareceu-nos importante registar a opinião dos alunos e professores que participaram no «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...» a primeira acção educativa dinamizada pelo SE. Dois anos depois da presença de uma turma da Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos de São Roque conseguimos contactar os alunos e observar o que ficou do projecto que os levou a conhecer as funções e serviços da Instituição. Ao chegar à escola, foi interessante verificar que o Arquivo Regional da Madeira era um espaço ainda bem presente na memória dos alunos. Apesar de quase todos os elementos da turma quererem participar na entrevista, foram seleccionados oito discentes, acompanhados pelo docente responsável pela turma nesse ano lectivo.

No dia 11 de Junho de 2007, enquanto os restantes colegas ouviam uma palestra sobre o Arquivo Regional da Madeira, estiveram reunidos na biblioteca da escola alguns dos jovens participantes na acção. Quando ouviram falar do ARM pela primeira vez, a maior parte destes alunos não conhecia a Instituição. Uma das adolescentes, embora tímida em situação de entrevista, lembrava-se bem das actividades práticas desenvolvidas. «Gostei mais da parte de restauro, quando recuperamos documentos que tinham sido rasgados», explicou-nos. Admitiu ter aprendido coisas novas e não considerou difícil a forma de transmissão dos conhecimentos. Tanto essa aluna, como os outros colegas, revelaram interesse em regressar ao ARM. Durante a entrevista, um dos discentes destacou-se dos restantes, revelando-se o mais interessado e

conhecedor do percurso exacto das visitas. «Lembro-me de várias salas, da Sala de Quarentena, da Sala de Recepção e Triagem da Câmara de Expurgo, mas também dos bichinhos, acho que são os bibliófagos (insectos que os alunos viram na palestra)», disse. Passados dois anos, estes alunos também destacaram o espaço onde higienizaram os documentos, lembraram-se dos instrumentos de Preservação, Conservação e Restauro, além da necessidade de utilizar luvas para efectuar determinados procedimentos. Ao longo da entrevista ainda mencionaram os documentos antigos que podiam ser lidos (actividade na Sala de Leitura, onde tentaram ler pequenos excertos da documentação). Os restantes destacaram a pesquisa nas bases de dados, onde poderiam encontrar os registos de baptismos dos avós. Todos sabiam que este é um dos mecanismos para a elaboração da árvore genealógica. Como aspectos menos positivos, as opiniões divergiram entre tempos de espera e a impossibilidade de experimentarem todas as actividades práticas. No final, ninguém admitiu querer seguir a profissão, mas todos pediram para regressar e repetir todas as fases do projecto «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira». Numa análise geral ao resultado da entrevista, notamos algumas dificuldades no recurso aos termos mais técnicos da Arquivística, mas confirmou-se a pertinência daquela acção educativa, como forma de transmissão de novos conhecimentos.

O professor de História acompanhou o desenvolvimento do projecto desde os primeiros contactos. Tomou conhecimento desta actividade através das acções de divulgação promovidas pelo Serviço Educativo. Inicialmente, admitiu que não sabia bem o que iria encontrar. «Pensei que fosse algo ligado aos documentos e à sua conservação», explicou. Quanto ao desenvolvimento da actividade destacou a eficácia da palestra. «Foi o suficiente para eu e os alunos ficarmos motivados». Durante as visitas considerou os resultados positivos. «Havia dois ou três alunos que não estavam motivados. Notou-se uma maior dispersão na Microfilmagem, uma área muito técnica, onde foram dadas explicações que eles não compreendiam bem». Pelo contrário, « [...] nas fases mais práticas isso não aconteceu, eles lembram-se de tudo. Gostaram muito da área de Restauro e não queriam sair de lá». Na visita mais dedicada à Arquivística, as reacções foram boas:

«Inicialmente, não percebiam o que estava escrito nos documentos. Mas, depois, alguns começaram a entrar no tipo de letra e a achar interessante a linguagem usada. O que os entusiasmou mais foi a forma como é tratado o texto. É muito diferente de hoje».

Em traços gerais, o professor concordou com a escolha da faixa etária e recomendou o regresso dos alunos. Deixou também a sugestão de aplicação do projecto ao 3.º ciclo (uma ideia já desenvolvida pelo SE). No final, segundo testemunhou, « [...] todos ficaram com a ideia que o Arquivo é um lugar onde se guardam documentos do passado, importantes. Perceberam também a importância do restauro e da recuperação dos documentos». Posteriormente, foi abordada na sala de aula a importância dos documentos não escritos. «Uma igreja, ou as pinturas pré-históricas, por exemplo. As próprias ossadas, utensílios em pedra [...] Conseguimos entrar pelos conceitos do património cultural e natural, que aproveitei para desenvolver», sublinhou. Quanto à linguagem adoptada, o docente que entrevistamos sugeriu a criação de um glossário destinado a familiarizar os alunos com a linguagem técnica dos Arquivos. Durante as visitas sentiu a falta de um pequeno guia, que facilitasse a elaboração de um relatório final. A divisão dos alunos em pequenos grupos de quatro ou cinco também seria vantajosa.

Depois das visitas, verificou que os alunos falavam muito entre eles:

«Ficavam uns tempos a falar dos termos que se lembravam, mas às vezes não sabiam bem o que eram. Se tivéssemos pensado de outra forma até podíamos ter integrado o Arquivo numa Área de Projecto. Também podia ser uma actividade que envolvesse outras disciplinas».

Realçou-se também o efeito positivo que a experiência teve nos alunos menos motivados, que alcançaram bons resultados nos desafios propostos. «Só tenho pena que a partir daí não tenham existido mais acções do género.

Só trabalhamos currículo, conteúdo, não temos tempo para mais», acrescentou. Mas os objectivos da visita foram cumpridos.

«Conheceram o que era o Arquivo e ficaram sensibilizados para a conservação dos documentos. Quase todos conseguiram desenvolver o relatório. Apercebi-me que, se fossem feitos por visita e com um glossário vosso teria sido melhor. Mas o resultado final foi muito bom».

Com este capítulo, recorrendo às entrevistas, foi possível apresentar testemunhos de proveniências distintas. As perspectivas dos elementos do SE do ARM pretendem registar algumas estratégias úteis à criação de novos Serviços Educativos em Arquivos. Por outro lado, a opinião de um professor e dos seus discentes revelam os resultados que uma acção educativa poderá ter junto da Comunidade Escolar.

5.4. As Estatísticas do SE entre 2005 e 2007

O recurso a estatísticas oficiais e outros dados quantitativos é uma das opções reconhecidas na investigação qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Segundo os autores, podem ter «utilizações convencionais», sugerindo tendências, ou fornecendo informação expositiva. Esses dados « [...] são muitas vezes incluídos na escrita qualitativa sob a forma de estatística descritiva».¹²⁵

As estatísticas anuais do Serviço Educativo,¹²⁶ disponíveis nos Relatórios de Actividades do ARM de 2005 e 2006, bem como os dados preliminares de 2007, aos quais tivemos acesso, complementam as informações qualitativas referenciadas ao longo do nosso Estudo de Caso. Disponibilizam dados relativos ao número de escolas e alunos participantes, concelhos envolvidos e actividades propostas. No final, optamos por apresentar uma análise comparativa. Com uma breve apresentação desses resultados, pretendemos dar a conhecer a evolução do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, desde a implementação em Fevereiro de 2005, até Dezembro de 2007.

¹²⁵ BOGDAN e BIKLEN, 1994: p. 194.

¹²⁶ As estatísticas do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira são elaboradas por ano civil.

5.4.1. Estatísticas 2005

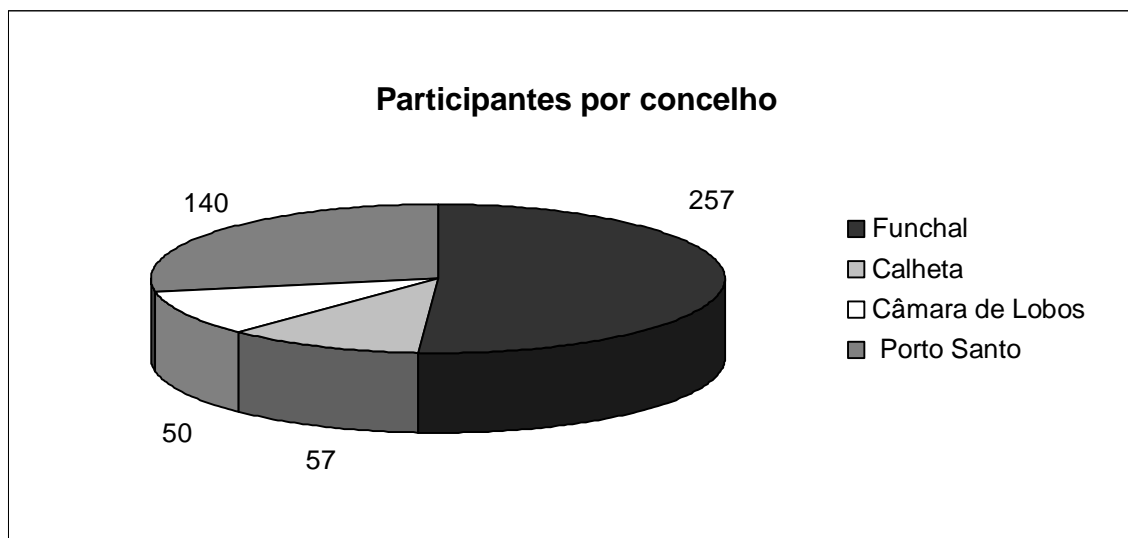
Durante o primeiro ano, estiveram envolvidas sete escolas da Região Autónoma da Madeira, em três actividades que marcaram o início do projecto: as acções permanentes «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...», «O Meu Concelho...Porto Santo» e a acção temporária de dinamização da Exposição «Luiz Peter Clode e o Espólio Legado ao Arquivo Regional da Madeira». Também em 2005 proporcionaram-se visitas técnicas a turmas do 5.º ao 11.º ano de escolaridade. Estiveram no ARM alunos e professores representantes de quatro concelhos, num total de 581 participantes. Com a inauguração e dinamização da exposição dedicada a Luiz Peter Clode foram recebidas mais 565 pessoas (tabela 1).

Data	Total de participantes
2005	1146

Em Novembro de 2005, o lançamento de duas publicações do ARM proporcionou a deslocação do SE à ilha do Porto Santo, onde foi apresentada a actividade «O Meu Concelho... Porto Santo».

Segundo os dados que consultamos, o contacto com os alunos daquela ilha marcou as acções desenvolvidas em 2005, contudo, mais de 50% das actividades foram dinamizadas com escolas do concelho do Funchal. Os concelhos da Calheta e de Câmara de Lobos foram outros locais abrangidos no programa de actividades do SE do ARM (gráfico A).

Gráfico A

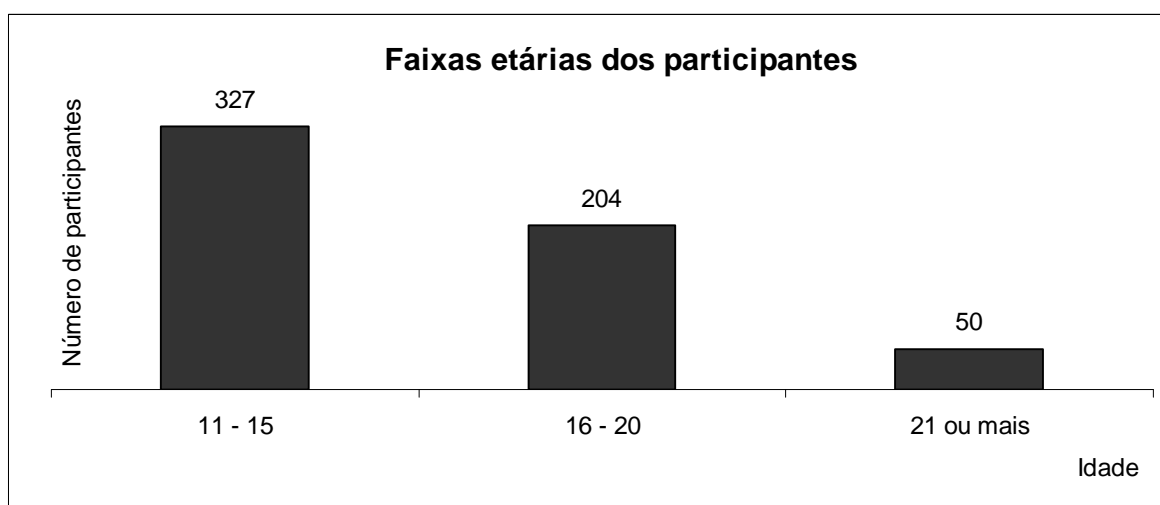


Em percentagem:

Concelho	Percentagem
Funchal	51%
Calheta	11%
Câmara de Lobos	10%
Porto Santo	28%

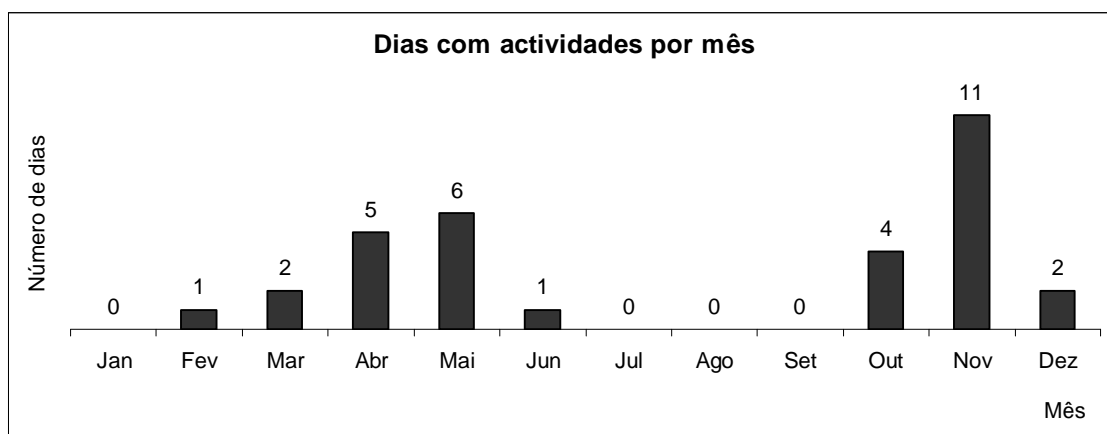
Analisando as faixas etárias dos participantes nas acções educativas do SE do ARM é notória a predominância de alunos até ao 3.º ciclo.

Gráfico B



Os meses lectivos, principalmente o mês de Novembro, data da inauguração da exposição «Luiz Peter Clode e o Espólio Legado ao Arquivo Regional da Madeira», foram os períodos que registaram mais actividades (gráfico C).

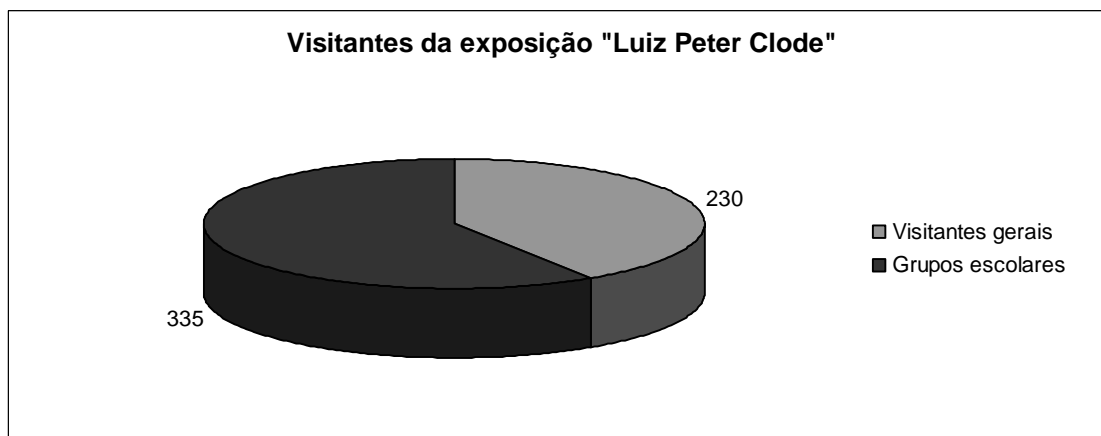
Gráfico C



Data	Dias com actividades (total)
2005	32

Na primeira exposição do ARM, dinamizada com o apoio do Serviço Educativo (Novembro e Dezembro de 2005) verificou-se a predominância de visitantes oriundos das escolas, num total de 335 alunos e professores acompanhantes, cerca de 59% (gráfico D).

Gráfico D



5.4.2. Estatísticas 2006

Em 2006, o número de escolas participantes aumentou para catorze. Foram recebidas 32 turmas do 2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário, 4 do ensino universitário, e 4 de Escolas Profissionais.

Estiveram envolvidos 1076 indivíduos, entre alunos, professores e elementos da Comunidade.

Data	Total de participantes
2006	1076

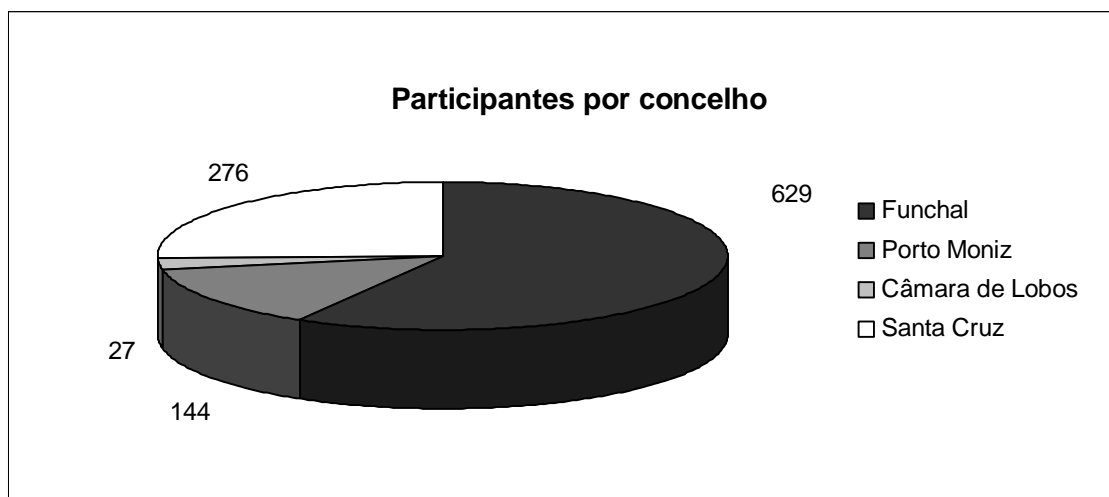
Foram desenvolvidas durante o ano civil quatro actividades: «Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...», «O Meu Concelho...Porto Santo», «O Meu Concelho...Porto do Moniz» e «Genealogia e História da Família», sendo as duas últimas novidades. Com a mesma estrutura do primeiro dossiê pedagógico, a acção «O Meu Concelho...» dedicada ao Porto Moniz privilegiou o tema da emigração, recorrendo a documentos do Arquivo Regional da Madeira e explorando com os alunos os destinos dos emigrantes madeirenses. O caderno de genealogia permitiu o desenvolvimento do tema História da Família, cuja exploração iniciara no ano anterior.

A exposição «Luiz Peter Clode e o Espólio Legado ao Arquivo Regional da Madeira» inaugurada em Novembro de 2005, esteve no edifício do ARM até 28 de Fevereiro do ano seguinte. Durante os meses de Janeiro e Fevereiro foram recebidas pelo Serviço Educativo quatro turmas do 3.º ciclo. Em 2006, a direcção optou pela itinerância da mostra dedicada aquele engenheiro e genealogista madeirense. A Casa da Cultura do concelho de Santa Cruz foi o local escolhido. O Serviço Educativo foi chamado a intervir, desenvolvendo um trabalho com alunos do 6.º ano da escola básica e secundária local. Nesta acção, além da palestra sobre o Arquivo Regional da Madeira, dinamizou-se o caderno pedagógico «Luiz Peter Clode o genealogista». Para finalizar, as turmas visitaram a exposição e participaram numa actividade prática, onde pesquisaram as bases de dados de baptismos, casamentos e passaportes.

No total, à semelhança de 2005, estiveram envolvidos quatro concelhos. Funchal, Câmara de Lobos, Santa Cruz (inclui freguesia da Camacha) e Porto

Moniz. O Funchal volta a estar em destaque, com mais de 58% dos participantes. Seguiu-se Santa Cruz, Porto Moniz e, finalmente, o concelho de Câmara de Lobos, que contribuiu apenas com um grupo de alunos. (gráfico E).

Gráfico E

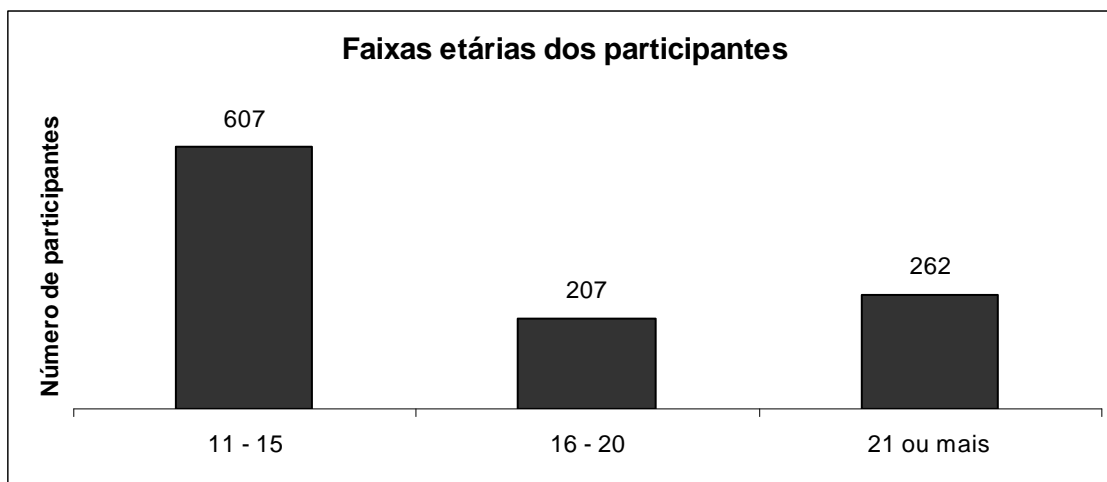


Em percentagem:

Concelho	Percentagem
Funchal	58 %
Porto Moniz	13 %
Câmara de Lobos	3 %
Santa Cruz	26 %

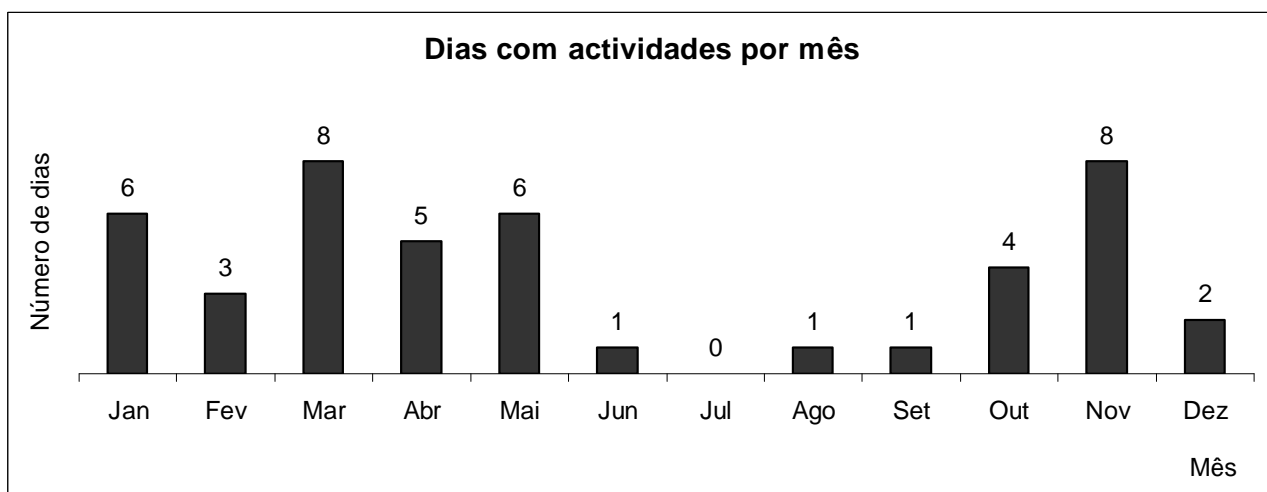
As faixas etárias predominantes em 2006 são novamente dos alunos de 2.º e 3.º ciclo, seguidos pelo público universitário, que iniciou neste ano um processo de aproximação ao Arquivo Regional da Madeira (gráfico F).

Gráfico F



O número de dias com actividades aumentou para 45, verificando-se um decréscimo nos meses de Verão. Este período não lectivo é normalmente dedicado à preparação de novas actividades.

Gráfico G



Data	Dias com actividades (total)
2006	45

5.4.3. Estatísticas 2007

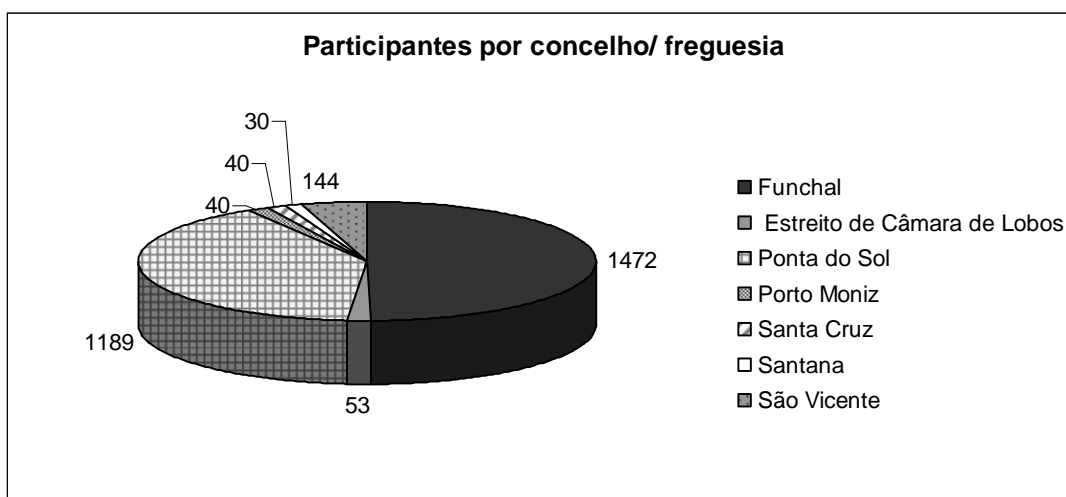
O ano de 2007 destacou-se por um aumento significativo no número de visitantes. O Serviço Educativo criou novas actividades e dinamizou uma exposição na Ponta do Sol, no âmbito do projecto «Município da Cultura», uma iniciativa da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC).

No total, foram contabilizados 2968 participantes, entre alunos, professores e comunidade.

Data	Total de participantes
2007	2968

Estiveram envolvidos sete concelhos, novamente com predominância para o Funchal (gráfico H).

Gráfico H



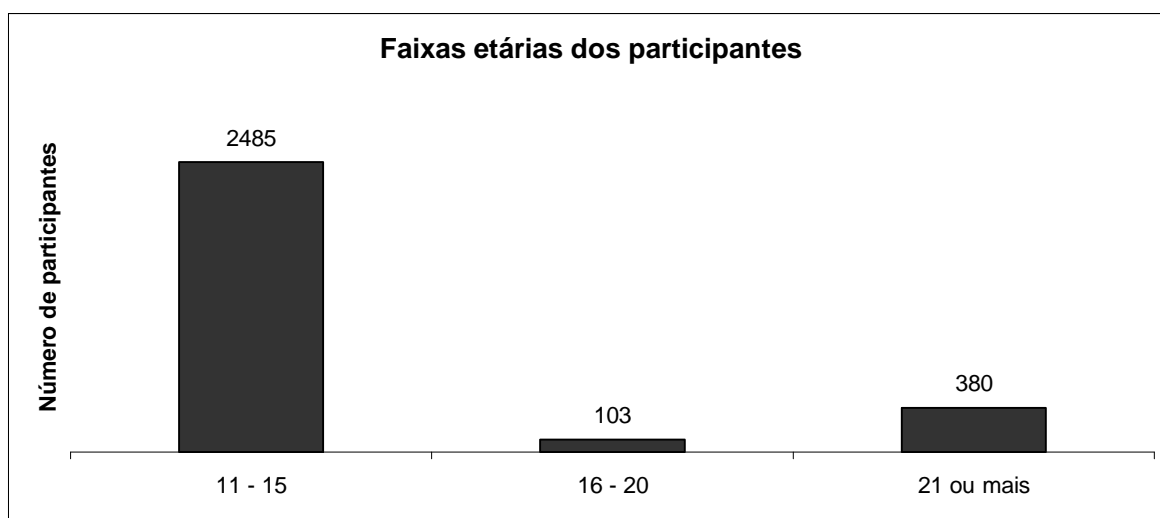
Em percentagem:

Concelho/ freguesia	Percentagem
Funchal	50%
Estreito de Câmara de Lobos	2%
Ponta de Sol	40%

Porto Moniz	1%
Santa Cruz	1%
Santana	1%
São Vicente	5%

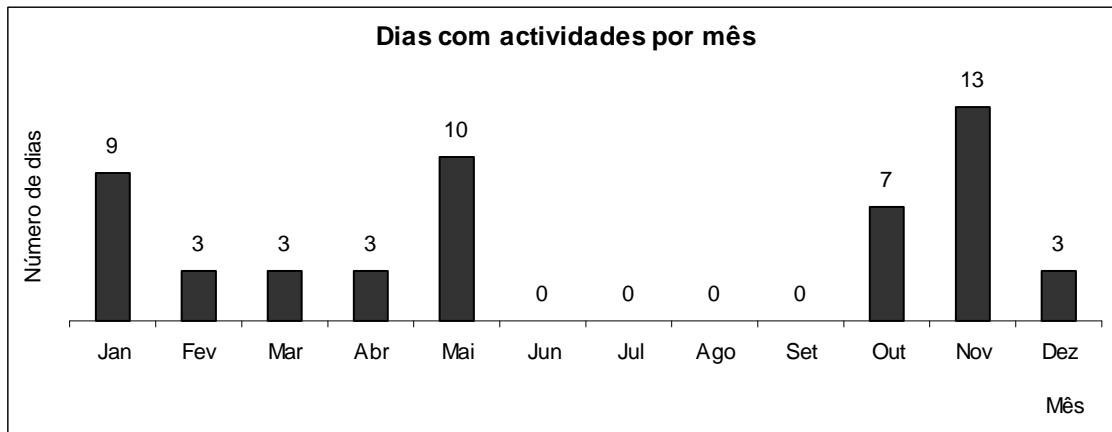
As faixas etárias mantiveram a tendência dos anos anteriores, mantendo como predominante a frequência de alunos de 2.º e 3.º ciclo. Os idosos foram outra camada da população que, pela primeira vez, teve contacto com o Arquivo Regional da Madeira. Esta interacção foi proporcionada pela exposição «Terra de Jornais: a imprensa pontassolense (1909 e 1923)», que juntou no Centro Cultural John dos Passos vários grupos da Fundação João Pereira (gráfico I).

Gráfico I



Tal como em anos anteriores, os meses lectivos, principalmente o mês de Maio (Exposição «Box Parade», uma parceria com a Universidade da Madeira) e o mês de Novembro (O Meu Concelho...Ponta do Sol e exposição «Terra de Jornais: a imprensa pontassolense (1909 e 1923)») foram as datas nas quais se registaram maior número de actividades (gráfico J).

Gráfico J



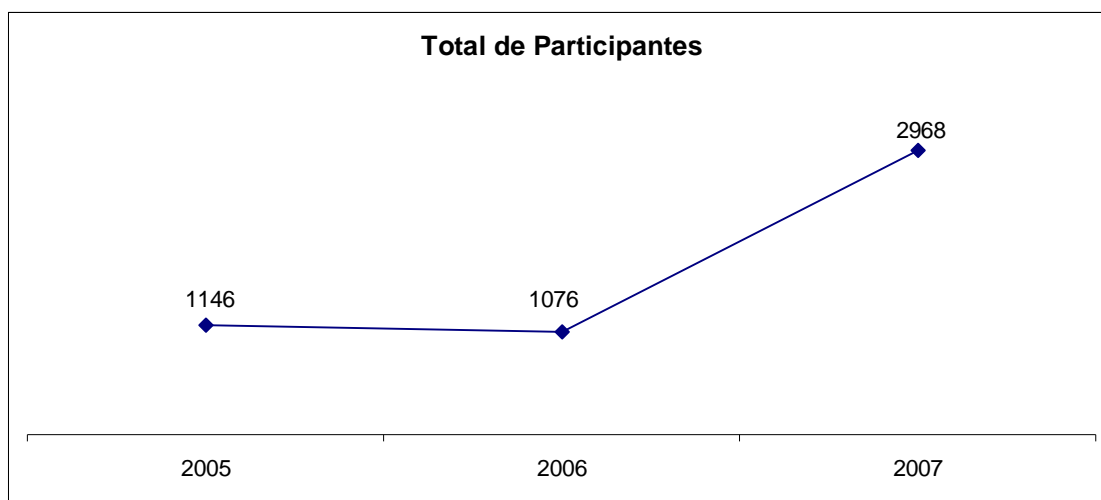
Data	Dias com actividades (total)
2007	51

5.4.4. Evolução e análise comparativa

Com três anos de actividade, é possível fazer uma retrospectiva da experiência do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira. Recorrendo a alguns gráficos comparativos, decidimos apresentar uma síntese do total de participantes, número de actividades desenvolvidas (por localidade), total de concelhos abrangidos, dias com acções educativas e faixas etárias do público-alvo.

O número de participantes manteve-se próximo nos dois primeiros anos, verificando-se um acréscimo significativo em 2007 (gráfico K).

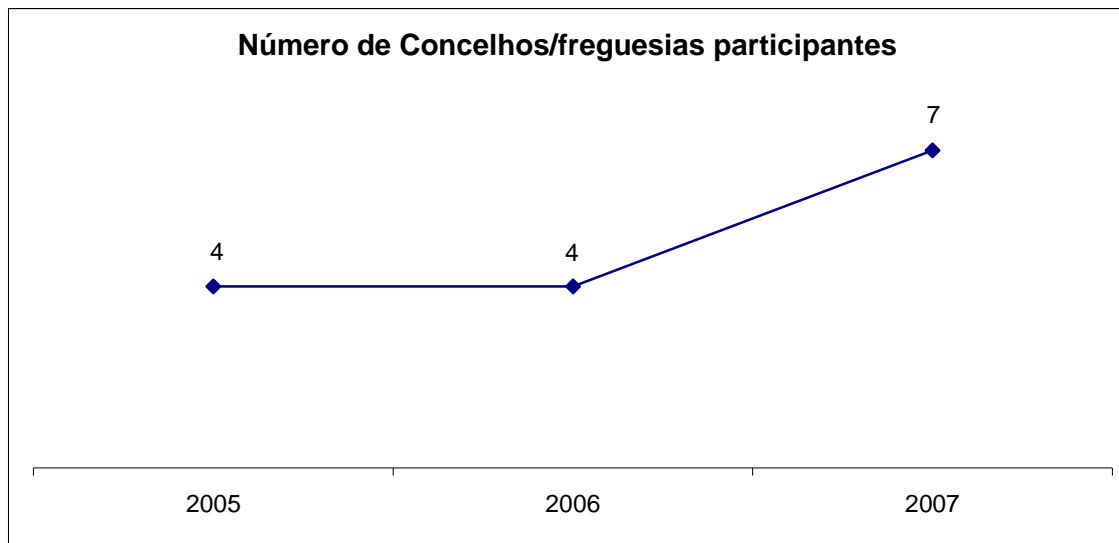
Gráfico K



O aumento do número de visitantes foi acompanhado por uma tentativa de chegar a cada vez mais escolas, independentemente da proximidade ao edifício do Arquivo Regional da Madeira.

Se, em 2005 e 2006, o SE do ARM manteve as intervenções em quatro concelhos, em 2007, o número de localidades abrangidas aumentou para sete (gráfico L).

Gráfico L



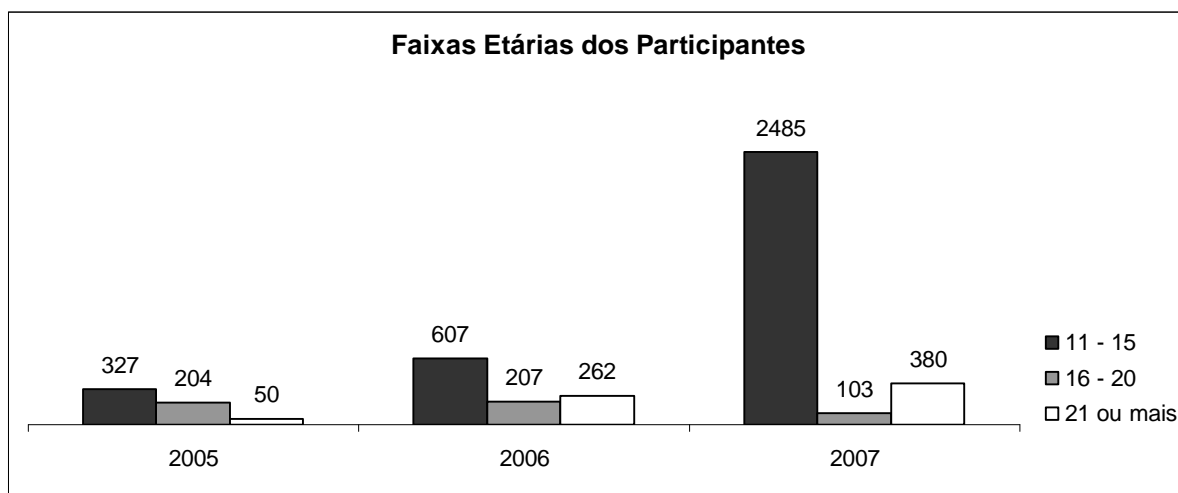
Noutra perspectiva, analisando a tabela 2, torna-se fácil constatar a frequência de acções no concelho do Funchal. Por ser o local onde estão concentrados o maior número de estabelecimentos de ensino da Região, esteve sempre presente nas actividades do Serviço Educativo, contribuindo com a maior fatia de alunos e escolas participantes.

	2005	2006	2007	Total
Calheta	57			57
Câmara de Lobos	50	27		77
Estreito de Câmara de Lobos			53	53
Funchal	257	629	1472	2358
Ponta do Sol			1189	1189
Porto Moniz		144	40	184
Porto Santo	140			140
Santa Cruz		276	40	316
Santana			30	30
São Vicente			144	144

As faixas etárias do público-alvo foram outro dado estatístico relevante, que vem confirmar as intenções demonstradas pela equipa de trabalho na fase de criação do novo Serviço, conforme se pode ler nos testemunhos apresentados no início deste capítulo.

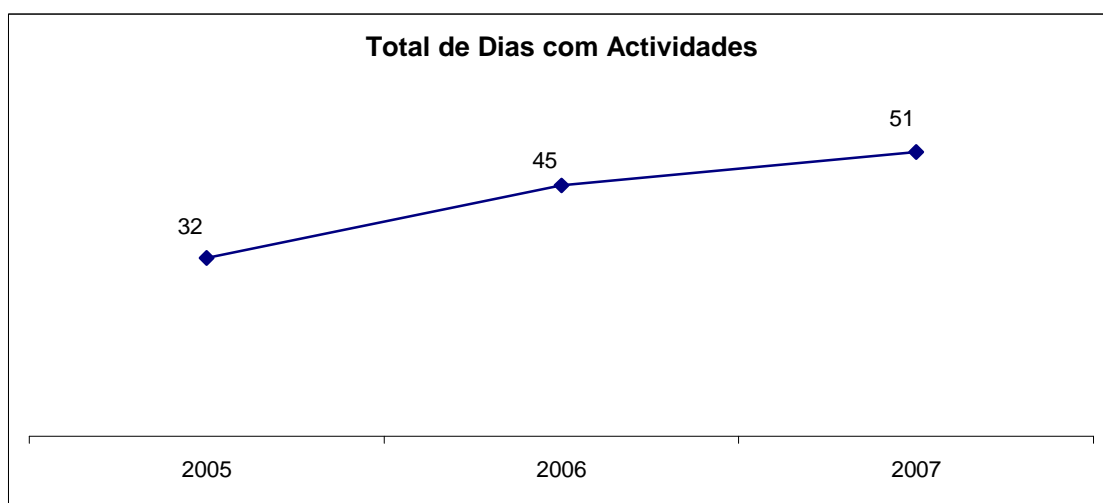
Desde 2005 a 2007, predomina nas estatísticas do SE do ARM a presença dos alunos entre os 11 e os 15 anos, assumindo uma larga distância em relação ao ensino secundário e universitário. A participação do grupo etário a partir dos 21 anos tem evoluído lentamente ao longo dos anos, sempre numa escala ascendente (gráfico M).

Gráfico M



O número de dias com actividades tem vindo a aumentar, acompanhando a tendência de expansão verificada em todas as variáveis analisadas.

Gráfico N



Constatámos neste Estudo de Caso que as estatísticas são um instrumento de trabalho que assume cada vez mais importância para o SE do ARM. Até Setembro de 2007, os resultados eram apresentados anualmente. Com a elaboração do Manual de Procedimentos do Serviço Educativo, associado à implementação do Sistema de Gestão de Qualidade do Arquivo Regional da Madeira, o balanço passou a ser efectuado mensalmente. As estatísticas recolhidas pretendem controlar o número de visitantes, contribuindo para uma análise do público-alvo da Instituição. Os responsáveis esperam também constatar os níveis de fidelização das Escolas intervenientes nas acções, as principais parceiras no processo de evolução deste Serviço Educativo.

Desde 2007, segundo a directora do ARM, foram definidos objectivos estratégicos e operacionais para o SE, no âmbito do Sistema de Gestão de Qualidade. Estabeleceram-se metas e indicadores de medição e controlo de execução. A partir de agora, são estipuladas taxas de crescimento para o número de visitantes do ARM. Assim, o programa de actividades do SE deve ser orientado para cumprir ou superar esses níveis de crescimento. Mensalmente, a direcção e a responsável do SE verificam as estatísticas e controlam a taxa de sucesso na execução dos projectos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente dissertação teve como principal objectivo ajudar a clarificar junto da Comunidade Arquivística o conceito, metodologia e finalidades do Serviço Educativo em Arquivo. Recorremos à apresentação de casos de sucesso a nível internacional, mas também destacamos como exemplo a experiência recente do Arquivo Regional da Madeira. Concluída a investigação, gostaríamos de deixar algumas conclusões e recomendações.

Os conceitos de Educação e Comunicação estiveram sempre associados à concepção de Arquivo que nos propusemos apresentar. Ao longo da fundamentação teórica, a função pedagógica destas Instituições revelou-se indiscutível, bem como a importância da parceria entre os Arquivos e as Escolas. Consideramos importante ressaltar a perspectiva de GRÁCIO, segundo a qual conciliar estes dois espaços não implica a mudança do sistema actual, mas sim a implementação de estratégias, que ajudem docentes e discentes a pensar os programas curriculares e as actividades extra-escolares, numa perspectiva inspirada nas necessidades e características do meio envolvente.

No Capítulo II, dedicado à Educação, evidenciamos o contributo de pedagogos e investigadores das teorias da aprendizagem, como FREINET, GADOTTI, FAURE ou LOPES. Nas suas perspectivas, evidenciam a acção dos espaços de Educação Não Formal, onde se incluem os Museus, as Bibliotecas e os Arquivos, locais de produção de conhecimento de suma importância. Por essa razão, é premente a sua valorização junto da Comunidade Arquivística, da Comunidade Educativa e do Poder Político, responsável pelos apoios financeiros, materiais e humanos, essenciais à sua evolução.

Constatámos que as acções de divulgação dos Arquivos têm mais de 50 anos de História. Concluída essa análise, entendemos que algumas das opções tomadas pelos países enunciados no nosso estudo constituem recomendações pertinentes aos arquivistas portugueses. Em França, por exemplo, dinamizam-se muitas actividades de SE recorrendo a parcerias. Aproveitando as potencialidades das novas tecnologias, divulgam-se os acervos documentais e as acções promovidas pelos Arquivos nas páginas da

Internet, uma estratégia que aconselhamos aos colegas interessados em dar a conhecer novos projectos. São também disponibilizados dossiês pedagógicos, jogos interactivos e jornais dos Serviços Educativos. Outra intenção dos Arquivos Nacionais franceses é reunir, através de um questionário, testemunhos de experiências realizadas em todo o país, tendo por objectivo a apresentação de um manual metodológico de orientação para todos os Serviços Educativos. Consideramos a publicação de um estudo deste género muito útil aos Arquivos, constituindo uma proposta aplicável ao caso português.

Com a investigação desenvolvida pretendemos também acentuar que a Comunicação é considerada uma das funções primordiais do Arquivo e os conceitos que lhe estão associados fazem parte das normas da Arquivística, em França, na Espanha, no Brasil e em Portugal.

Mas passar da teoria à prática tem sido um processo lento e as problemáticas sentidas pelos Arquivos também foram abordadas neste estudo. A falta de apoios estatais referida por autores espanhóis, associada à necessidade de tratamento documental dos acervos e à escassez de recursos físicos e humanos nos Arquivos, tornou as actividades dos Serviços Educativos pouco prioritárias. O mesmo acontece em Portugal, com registos escassos de projectos educativos e culturais em Arquivos e ausência de produção bibliográfica significativa. A evolução conceptual e a criação de novos Serviços Educativos constituirão um desafio aos arquivistas portugueses, mas nunca uma impossibilidade. Se um Arquivo ou Centro de Documentação tiver limitações na utilização do acervo, ou falta de espaço para acolher os alunos, FUGUERAS incentiva a procura de alternativas. Este investigador espanhol lembra aos arquivistas que podem sempre optar pela reprodução de documentos, fotografias, deslocação às salas de aula, organização de exposições ou criação de vídeos que ilustrem os objectivos e funções da Instituição. O mesmo autor propõe a criação de um Dia Internacional dos Arquivos, tal como é feito para os Museus. No Capítulo III, apresentamos outras sugestões de metodologia e actividades de SE, perspectivas que constituem, no nosso entender, boas propostas para a evolução dos Serviços Educativos dos Arquivos portugueses.

A criação de uma equipa multidisciplinar, com formações diversificadas, e uma actualização constante dos conhecimentos são mais-valias que

gostaríamos de realçar. No Brasil recomenda-se, além da presença do arquivista e do professor, o apoio de um profissional de comunicação social nos Serviços Educativos, familiarizado com os conceitos de marketing e relações públicas. O contributo de técnicos destas áreas poderá revelar-se igualmente importante na divulgação dos Arquivos e na dinamização das suas Salas de Leitura.

O Estudo de Caso apresentado pretende dar algumas pistas aos arquivistas interessados em iniciar novos Serviços Educativos. O objectivo destes projectos é dar a conhecer a Instituição junto das Escolas e da Comunidade, promovendo hábitos de leitura e consulta dos Arquivos. Segundo os testemunhos da equipa de trabalho do SE do ARM deve-se planificar, auscultar expectativas, sempre com atenção ao meio em que a Organização está inserida. Sugere-se o contacto directo com as Escolas, a criação de materiais informativos, dossiês de apresentação das actividades e instrumentos pedagógicos baseados nos documentos da Instituição. Consideramos a experiência do Arquivo Regional da Madeira um exemplo de boas práticas, que poderá ser seguido em todo o país.

Em conclusão, gostaríamos de ressaltar uma das principais Missões dos Arquivos, que motivou a realização desta dissertação: O dever de proporcionar a Educação Não Formal, recorrendo a todos os meios possíveis para atrair novos públicos às Salas de Leitura. Apenas conscientes dessa responsabilidade, como afirma JÚNIOR, os profissionais das Ciências Documentais terão a oportunidade de expandir a sua criatividade, abrindo horizontes à Arquivística como Ciência.

BIBLIOGRAFIA

ALBERCH I FUGUERAS, Ramón e BOADAS, Joan (1991). *La función cultural de los archivos*. Euskadi: Gobierno Vasco, Departamento de Cultura.

ALBERCH I FUGUERAS, Ramón, BOIX LLONCH, Lurdes, NAVARRO SASTRE, Natalia, et al. (2001). *Archivos y cultura: manual de dinamización*. Gijó: TREA.

ALVES, Ivone, RAMOS, Margarida M. Ortigão, GARCIA, Maria Madalena, et al. (1993). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

ANDER-EGG, Ezequiel e IDÁÑEZ, Maria José Aguilar (1999). *Como elaborar um projecto: guia para desenhar projectos sociais e culturais*. Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social, Projecto Atlântida.

ARAS, Lina Maria Brandão de e TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza (s.d.). *Os Museus e o Ensino da História*. Disponível na Internet em <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1603.htm>. Consultado a 10 de Abril de 2007.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, BIBLIOTECA PÚBLICA REGIONAL DA MADEIRA (2004). *Edição Comemorativa da inauguração do edifício*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, Serviço Educativo (2005). *Dossier pedagógico: O Meu Concelho...Porto Santo*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, Serviço Educativo (2005). *Genealogia e História da Família: caderno pedagógico*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, Serviço Educativo (2005). *Luiz Peter Clode o genealogista: caderno pedagógico*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2005). *Relatório de Actividades*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2005). *Relatório do Serviço Educativo/ Extensão Cultural*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, Serviço Educativo (2005). *Proposta de Actividades*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2006). *Jornal Aprendiz de Arquivo n.º 0*. Abril 2006. Acessível na Sala de Leitura do Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2006). *Jornal Aprendiz de Arquivo n.º 1*. Novembro 2006. Acessível na Sala de Leitura do Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2006). *Relatório do Serviço Educativo/ Extensão Cultural*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2007). *Jornal Aprendiz de Arquivo n.º 2*. Maio 2007. Acessível na Sala de Leitura do Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2007). *Jornal Aprendiz de Arquivo nº 3*. Novembro 2007. Acessível na Sala de Leitura do Arquivo Regional da Madeira.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA (2007). *Manual da Qualidade do Arquivo Regional da Madeira*. Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

BARBOSA, Joaquim (org.), BORBA, Sérgio, MARTINS, João et al. (1998). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos.

BARROS, Fátima, GUERRA, Jorge Valdemar, SUMARES, Vanda et al. (2005). *Índice dos Registos de Casamentos e de Baptismos do Concelho do Porto Santo (1572 – 1911)*, (Boletim do Arquivo Regional da Madeira), Série Índices dos Registos Paroquiais 16. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

BELL, Judith (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Gradiva.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli (1980). «Assistência educativa em arquivos». *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, (n.º 43), pp. 9-24.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli (1991). «Difusão editorial, cultural e educativa em arquivos». *Arquivos permanentes: tratamento documental*, São Paulo, T.A. Queiroz, pp. 147-163.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli (2000). «Patrimônio documental e ação educativa nos arquivos». *Ciências & Letras*, Porto Alegre, (n.º 27 - Jan.-Jun.), pp. 151-166.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli (2002). «Política de ação cultural e educativa nos arquivos municipais». *Registro - Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba*, Indaiatuba, ano 1, (n.º 1 - Jul.), pp. 14-27.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli (2005). «Acervo documental como patrimônio histórico-cultural». *Semana dos 150 anos do Arquivo Público do Estado do Paraná (1855-2005)* Curitiba, Paraná. Citação de texto electrónico. [on-line] Mensagem pessoal enviada para o autor. 6 de Novembro de 2007.

BENXAYER, Morrad (2004). *L'action éducative et culturelle des archives: Enquête sur les services éducatifs*. Disponível na Internet em <http://www.archivesdefrance.culture.gouv.fr/fr/politique%20des%20publics/EnqueteEducatives.pdf> . Consultado a 18 de Dezembro de 2007.

BERCHE, Claire (1982). «L''utilisation des archives par le grand public». *Archivum*, (München), (n.º 29), pp. 113-123.

BERCHE, Claire (1986). «El uso popular de los archivos». *Rev. Arch. Gen. Nac.* (Argentina), (n.º 9).

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BRUNER, Jerome S. (1999). *Para uma Teoria da Educação*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

CANAVARRO, José Manuel (1999). *Ciência e Sociedade*. Coimbra: Quarteto Editora.

CAV, Christian (1981). «Le service éducatif des archives: porte ouverte au grand public». *Bulletin d'Information des Archives de la Haute-Garonne*, Toulouse, (n.º 1), pp. 32-35.

CHAVES, Joana (trad.), (1999). *Jean Piaget: Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget.

COLL, César, MARTÍN, Elena, MAURI, Teresa et al. (2001). *O construtivismo na sala de aula: novas perspectivas para a acção pedagógica*. Lisboa: Edições Asa.

ECO, Umberto (1998). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

EGAN, Kieran (1992). *O desenvolvimento educacional*. Lisboa: Dom Quixote.

EGAN, Kieran (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino: uma abordagem alternativa ao ensino e ao currículo na escolaridade básica*. Lisboa: D. Quixote.

EGAN, Kieran (2001). *Mente de criança: coelhos falantes & laranjas mecânicas: ensaios sobre educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Enciclopédia Arquivística, disponível na Internet em <http://www.arquivologiaosite.com.br/modules/jargon/jargonaff.php?rechercher&entre=S&debut=10>. Consultado a 12 de Dezembro de 2007.

FERREIRA, Maria F. A. de Barros, JARDIM, Gastão, GUERRA, Jorge Valdemar (1997). *Guia do Arquivo Regional da Madeira* (Boletim do Arquivo Regional da Madeira), vol. XX. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

FRANÇOISE, Raynal e RIUNIER, Alan (1997). *Pédagogie: Dictionnaire des concepts clés*. Paris: ESF Éditeur.

FRANZ, Eckhart G. (1986). *Archives and education: RAMP study with guidelines*. Paris: UNESCO.

FREIRE, Paulo (s.d.). *Carta de Paulo Freire aos professores*. Disponível na Internet em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013. Consultado a 18 de Dezembro de 2007.

GADOTTI, Moacir (2005). *A Questão da Educação Formal/ Não Formal*. Disponível na Internet em http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Educacao_formal_nao_formal_2005.pdf. Consultado a 12 de Dezembro de 2007.

GARANDERIE, Antoine de La. (1989). *Pedagogia dos Processos de Aprendizagem*. Porto: Edições Asa.

GARCIA, Madalena (coord), LIMA, Maria João Pires de, HENRIQUES, Cecília, et al. (1998). *Manual para a Gestão de Documentos*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo.

GÓMEZ, Pedro López (1994). «Los Archivos Municipales Españoles Finalizado en 92». *Comunicações: Arquivos*. 5.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa, (n.º II).

GOUGET, Alba Gisele, MONTEIRO, Beatriz Moreira, SANTOS, Cristina Ruth et al. (2004). *Subsídios para um Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Disponível na Internet em http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf. Consultado em 10 de Abril de 2007.

GRACY, Karen F. (2004). «Documenting Communities of Practice: Making the Case for Archival Ethnography». *Archival Science*, Springer, (n.º 4), pp. 335-365.

GROUX, Dominique (dir), PEREZ, Soledad, PORCHER, Louis et al. (2002). *Dictionnaire d'éducation comparée*. Paris: L'Harmattan.

GUIMARÃES, Elione Silva e PINHEIRO, Francisco Carlos Limp (s.d.). *O potencial pedagógico dos Arquivos Históricos: relato da experiência do Arquivo Histórico da cidade de Juiz de Fora*. Disponível na Internet em <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1602.htm>. Consulta a 10 de Abril de 2007.

IV Jornadas Serviços Culturais e Educativos em Arquivos e Bibliotecas, Penafiel (2006). Resumo das Comunicações. Versão acessível no Arquivo Regional da Madeira.

JARDIM, Gastão, PAREDES, Maria F. V. da Cunha, GUERRA, Jorge Valdemar (1999). *Relatório do Inquérito aos Arquivos Públicos da RAM* (Boletim do Arquivo Regional da Madeira), vol. XXII. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

JÚNIOR, Inaldo Barbosa Marinho (1994). «O Arquivo: uma Fonte de Cultura». *Comunicações: Arquivos*. Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa, (n.º II), pp. 93-105.

LAPASSADE, George (1991). *L'Éthnosociologie: Les sources anglo-saxonnes*. Paris: Méridiens Klincksiek.

LOPES, Marcelino de Sousa (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção-Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

LOUREIRO, Armando (s.d.). *As Práticas de Educação de Adultos no Contexto do Desenvolvimento Local: para uma análise do uso do conhecimento abstracto pelos profissionais das associações de desenvolvimento local. Um Estudo Comparativo de Casos*. Disponível na Internet em <http://home.utad.pt/~des/cer/CER/DOWNLOAD/4016.PDF>. Consultado a 12 de Dezembro de 2007.

MATTOS, Andreza Alves da Silva (s.d.). *Ser humanista segundo Célestin Freinet*. Disponível na Internet em http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_lista.asp?artigo=artigo0028. Consultado a 18 de Dezembro de 2007.

MIALARET, Gaston (1991). *Pédagogie générale*. Paris: Presses Universitaires de France.

MOIGNE, Jean-Louis Le. (1999). *O Construtivismo: Dos Fundamentos*. (Volume I). Lisboa: Instituto Piaget.

MORIN, Edgar (1996). *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESF Éditeur.

NP 4041 - *Informação e Documentação. Terminologia Arquivística. Conceitos Básicos* (2005). Disponível no Instituto Português da Qualidade.

NUNES, António (2002). *Freinet: Actualidade pedagógica de uma obra*. Porto: Edições Asa, (1.ª ed.).

PAREDES, Maria F. V. da Cunha, MELLO, Luís de Sousa (2005). *Documentos Históricos da Ilha do Porto Santo* (Boletim do Arquivo Regional da Madeira), Série Transcrições Documentais 2. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura.

PEROZO, Mário Briceño (s.d.). *Función cultural y docente de los archivos históricos*. Caracas: Venegráfica.

PIRES, Ana Luísa de Oliveira (2007). *Reconhecimento e Validação das Aprendizagens Experienciais. Uma problemática educativa*. Disponível na Internet em <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo0201.pdf>. Consultado em 18 de Dezembro de 2007.

REIS, Luís (2006). *O arquivo e arquivística: evolução histórica*. Disponível na Internet em http://www.bibliosperu.com/articulos/24/2006_07.pdf. Consultado a 7 de Janeiro de 2008.

SANTOS, Sofia. (2006). *O Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira*, IV Jornadas Serviços Culturais e Educativos em Arquivos e Bibliotecas, (Penafiel). Acessível no Arquivo Regional da Madeira.

Sobre o Behaviorismo (s.d.). Disponível na Internet em <http://www.ufrgs.br/faced/slomp/edu01135/skinner-sobre.htm>. Consultado a 5 de Outubro de 2008.

SPRINTHALL, Norman A. e SPRINTHALL, Richard C. (1993). *Psicologia Educacional: Uma Abordagem Desenvolvimentista*, Lisboa: McGraw-Hill.

VIDAL, José A. (org), (s.d.). *Enciclopédia Geral da Educação*. (s.l.): Oceano.

Wikipedia (Behaviorismo), disponível na Internet em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Behaviorismo>. Consultado a 10 de Abril de 2007.

ÍNDICE DE IMAGENS E GRÁFICOS

Imagem 1: Antigas instalações do Arquivo Regional da Madeira no Palácio de São Pedro.....	59
Imagem 2: Novo edifício do Arquivo Regional da Madeira.....	59
Imagens 3 e 4: Palestra apresentada na Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos de São Roque em Fevereiro de 2005 que marcou o início das actividades do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira.....	69
Imagens 5 a 8: Aspectos da actividade “Vamos Conhecer o Arquivo Regional da Madeira...”	71
Imagens 9 e 10: Dois dossiês pedagógicos para o 6.º e o 12.º ano de escolaridade.....	71
Imagens 10 a 14: A dinamização do caderno pedagógico Genealogia e História da Família e a encenação de uma peça de teatro fizeram parte desta actividade dedicada aos alunos de 6.º ano.....	73
Imagens 15 e 16: Aspecto das primeiras páginas do jornal Aprendiz de Arquivo n.º 0, (Abril 2006) e Aprendiz de Arquivo n.º 1, (Novembro 2006). Em Maio de 2008 publica-se a edição n.º 4.....	75
Imagens 17 e 18: Alunos da Escola Básica de 2.º e 3.º Ciclo Bartolomeu Perestrelo e da Escola Secundária Jaime Moniz que participaram nas primeiras visitas orientadas.....	76
Gráfico A: Participantes nas actividades do SE do ARM por concelho (2005).....	95
Gráfico B: Faixas etárias dos participantes nas actividades do SE do ARM (2005).....	95

Gráfico C: Dias com actividades por mês (2005).....	96
Gráfico D: Visitantes da exposição “Luiz Peter Clode” (2005).....	96
Gráfico E: Participantes nas actividades do SE do ARM por concelho (2006).....	98
Gráfico F: Faixas etárias dos participantes nas actividades do SE do ARM (2006).....	99
Gráfico G: Dias com actividades por mês (2006).....	99
Gráfico H: Participantes nas actividades do SE do ARM por concelho /freguesia (2007).....	100
Gráfico I: Faixas etárias dos participantes nas actividades do SE do ARM (2007).....	101
Gráfico J: Dias com actividades por mês (2007).....	102
Gráfico K: Total de participantes nas actividades do SE do ARM: 2005 a 2007.....	103
Gráfico L: Número total de concelhos/freguesias participantes nas actividades do SE do ARM: 2005 a 2007.....	104
Gráfico M: Faixa etária dos participantes nas actividades do SE do ARM: 2005 a 2007.....	105
Gráfico N: Total de dias com actividades: 2005 a 2007.....	105

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 – Planta do novo edifício do Arquivo Regional da Madeira;

ANEXO 2 – Materiais de divulgação produzidos pelo Serviço Educativo do ARM;

ANEXO 3 – Dossiê pedagógico *O Meu Concelho...Porto Santo*, 6.º ano de escolaridade, Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, 2005;

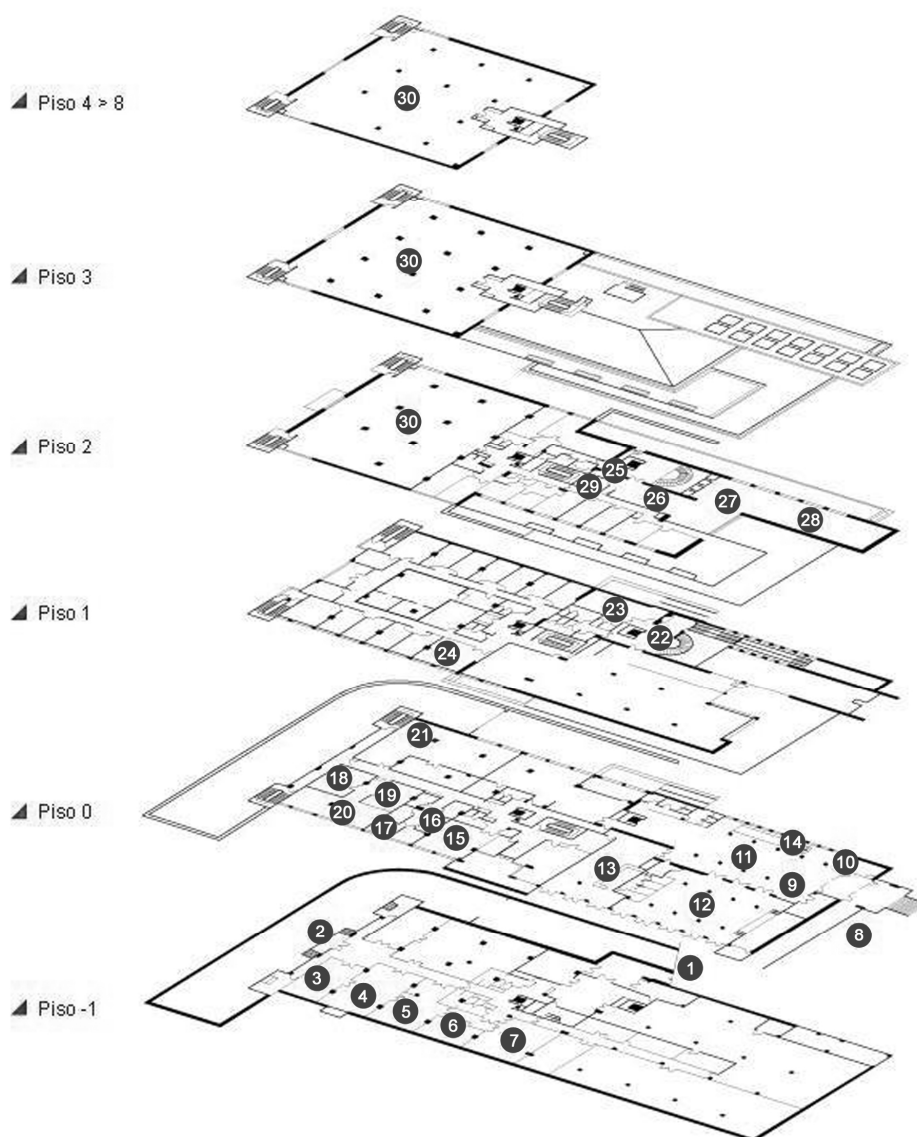
ANEXO 4 – Dossiê pedagógico *O Meu Concelho...Porto Santo*, 12.º ano de escolaridade, Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, 2005;

ANEXO 5 – Caderno pedagógico *Luiz Peter Clode o genealogista*, Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, 2005;

ANEXO 6 – Jornal *O Aprendiz de Arquivo n.º 0*, Novembro 2005, Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira.

ANEXO 1

Planta do edifício do Arquivo Regional da Madeira e Biblioteca Pública Regional, conforme apresentada no sítio da Internet, onde estão assinaladas as áreas públicas e áreas técnicas.



Legenda:

Piso - 1:

1 – Entrada na garagem; 2 – Cais de Descarga; 3 – Sala de Recepção e Triagem; 4 – Sala de Higienização; 5 – Câmaras de Expurgo; 6 – Sala de Quarentena; 7 – Sala de Pré-Arquivagem.

Piso 0:

8 – Entrada do edifício; 9 – Recepção; 10 – Loja; 11 – Hall de entrada; 12 – Auditório; 13 – Cafeteria; 14 – Escadaria; 15 – Digitalização; 16 e 17 – Microfilmagem; 18 – Laboratório; 19 – Acondicionamento; 20 – Restauro; 21 – Encadernação.

Piso 1:

22 – Sala de Formação; 23 – Escadaria; 24 – Sala do Serviço Educativo

Piso 2 e 3:

25 – Serviço de Certidões; 26 – Serviço de Referência; 27 – Espaço Informal da Sala de Leitura; 28 – Espaço de Leitura; 29 – Sala de Leitura de Microfilmes; 30 – Depósitos.

ANEXO 2

Desdobrável e marcador de divulgação do Serviço Educativo do ARM, inspirados no logótipo “O Aprendiz de Arquivo”.



Arquivo Regional da Madeira
Serviço Educativo

ACTIVIDADES

Actividades Permanentes

- Vamos conhecer o Arquivo Regional da Madeira...
- Genealogia e História da Família
- O meu Concelho ...
- Atelier de Verão O Aprendiz de Arquivo

Actividades Temporárias

- De acordo com as exposições e mostras em curso

Visitas Orientadas

Outras acções

Inscrições abertas à comunidade. As acções serão divulgadas ao longo do ano lectivo.

O ARM poderá convidar algumas escolas e outros grupos para participar nas suas actividades.

Arquivo Regional da Madeira
Serviço Educativo

Arquivo Regional da Madeira
Comitê dos Alamos, n.º 35
Santo António 9020-064 FUNCHAL
Telefone: 291 708 450/450 Fax: 291 708 402
Página Web: www.arquivo-madeira.org
E-mail: arm@arquivo-madeira.org
educ@arquivo-madeira.org
Transportes Públicos e Urbanos
Carreiras N.º 14, 15, 18 e 48
Director: Dr.ª Fátima Barros

ANEXO 3

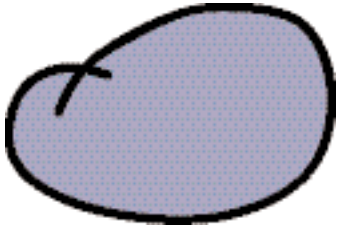


**SERVIÇO EDUCATIVO
ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA**

○ MEU CONCELHO PORTO SANTO

DOSSIER PEDAGÓGICO

23, 24 E 25 DE NOVEMBRO DE 2005

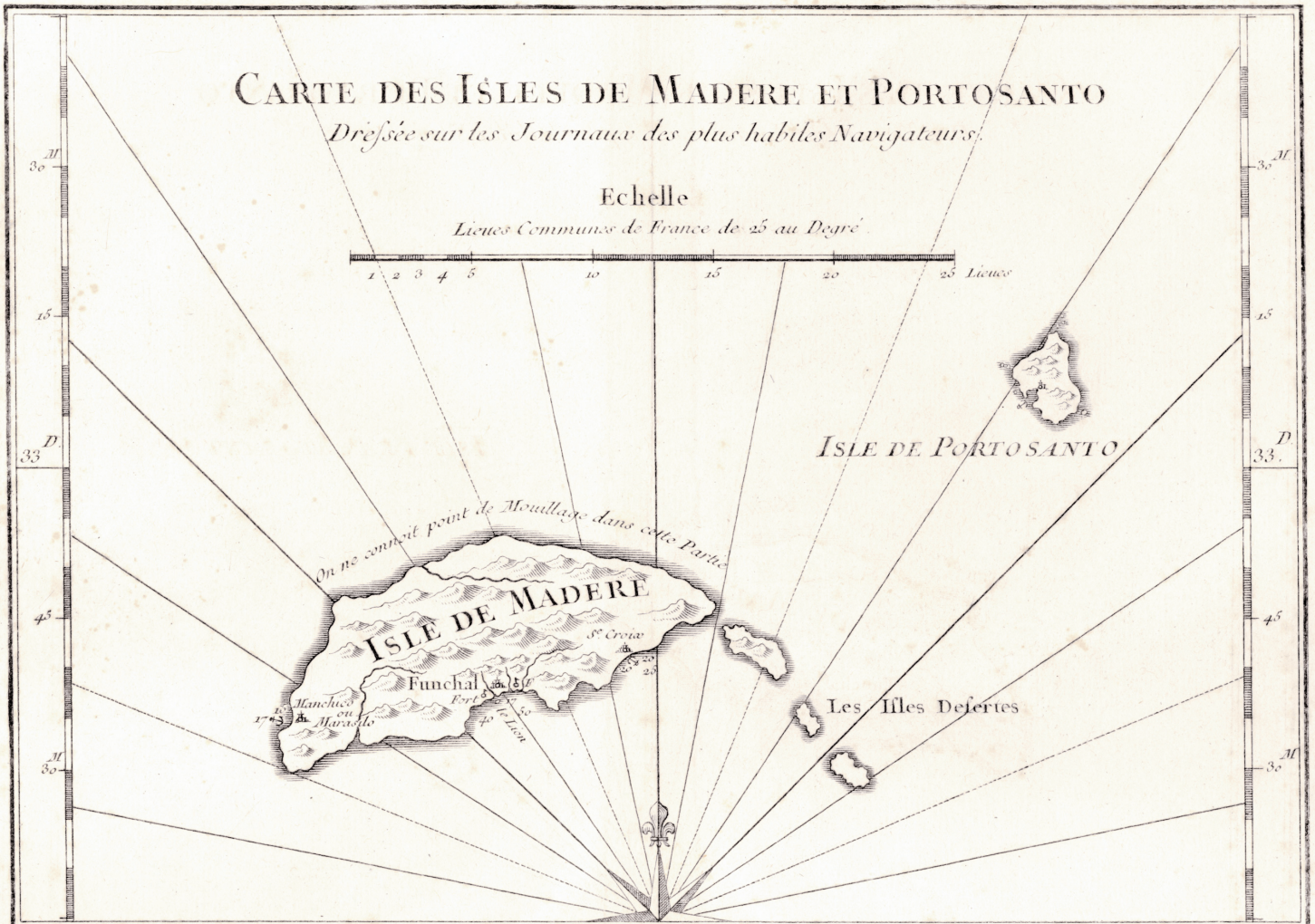
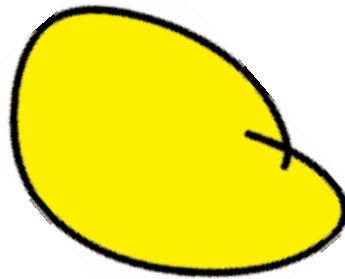


Nome:

Ano:

Turma:

N.º:





O MEU CONCELHO ...PORTO SANTO

OBJECTIVOS

MMOTIVAR PARA O CONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUIVÍSTICO E HISTÓRICO DA **R**AM, NOMEADAMENTE DE **P**ORTO **S**SANTO

DDIVULGAR AS BASES DE REGISTOS PAROQUIAIS EXISTENTES NO **A**RM.

DDIVULGAR OS REGISTOS PAROQUIAIS DO **P**ORTO **S**SANTO.

DESPERTAR O INTERESSE PELA GENEALOGIA E **H**HISTÓRIA DA **F**FAMÍLIA.

RREALIZAR ACTIVIDADES QUE VISEM A VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS.



O MEU CONCELHO ...PORTO SANTO



Pirata

1617: SAQUE DOS CORSÁRIOS MARROQUINOS

A Ilha de Porto Santo desde sempre foi alvo de sucessivos ataques de corsários e piratas devido à sua situação geográfica. Sem fortificações que a protegesse e defendesse, a população refugiava-se no Pico do Castelo, donde fazia rolar pedras como única arma. O ataque de 1617 causou a completa destruição dos arquivos da câmara e da igreja paroquial.

Propomos-te a leitura dramatizada do seguinte texto, para melhor compreenderes o que se passou nessa altura. A cada personagem corresponde um aluno.

JORNALISTA EM ESTÚDIO

Boa Tarde! Estão a assistir à TV ARM. A Televisão-Máquina-do-Tempo, que nos transporta ao Passado. Estamos no ano de 3005 e os meios de comunicação social já não são o que eram!

Percorremos séculos em MILÉSIMOS DE SEGUNDO para conhecer em directo os principais acontecimentos do Arquipélago da Madeira. Hoje, o jornalista Estêvão Ruas foi escolhido pelo Director do Jornal Aprendiz de Arquivo para cobrir um terrível acontecimento. Chamo Estêvão Ruas, correspondente no Porto Santo.

ESTÊVÃO

Estamos aqui em directo do Pico do Castelo, no longínquo ano de mil seiscentos e dezassete. Ano marcado pelo saque dos corsários marroquinos. Isto está tudo em alvoroço. Os únicos sobreviventes deste ataque, aterrorizados, correm de um lado para o outro em busca dos seus familiares, vizinhos, amigos! Aqui, este senhor...como conseguiu fugir àqueles sanguinários?

GONÇALO

Trepei, trepei, trepei até não mais poder! Mal me tenho nas pernas, ai de mim, ai que vi a minha mulher ser levada por aqueles malvados! Sabe-se lá quando voltará das Áfricas!

ESTÊVÃO

A sua mulher foi raptada?!





Gonçalo



GONÇALO

Ela e centenas doutras foram levadas cativas! Isto foi uma razia! Sobram sete fêmeas, sete, eu próprio as contei! Quando alguém do Reino for resgatar a minha Úrsula, já terei barbas pelos calcanhares! E ela já estará perdida para aqueles pecadores! Valha-me Nosso Senhor!

JORNALISTA EM ESTÚDIO

Estêvão Ruas, pela informação que aqui tenho, de seiscentos habitantes, Porto Santo ficou reduzido a dezoito pessoas. Os restantes foram mortos ou tornados cativos!

ESTÊVÃO

Realmente, como se não bastasse viverem na miséria e em constante sobressalto, ainda tiveram de suportar este e outros ataques. Ora aqui temos uma das sobreviventes. Diga-me, estamos em directo para a TV ARM, o que se passou?



Clementina

CLEMENTINA

Ai de mim, pobre, míngua e miserável, mataram-me o marido e raptaram as minhas cinco ricas filhinhas! Ai, que vai ser de mim?! Vou ter que pedir ajuda à Santa Casa da Misericórdia do Funchal!

ESTÊVÃO (para Gonçalo)

Acha que vem gente por mar em socorro de todos estes refugiados?

GONÇALO

Qual quê? Nós aqui somos menos que expostos, sem pai, nem mãe, nem morgados que nos dêem a mão. Já não basta a terra não dar frutos para acontecer mais esta desgraça!

ESTÊVÃO

Aproveito para esclarecer junto dos espectadores, que nesta e noutras épocas os expostos eram crianças abandonadas.

CLEMENTINA

Tenho pouco mais de dezoito anos e nada mais espero da vida. Ai de mim, pobre, míngua e miserável!



Padre





GONÇALO

Acalma-te, mulher. Somos da cepa dos primeiros que vieram em naus, com Bartolomeu Perestrelo. Não há corsários, nem piratas que nos tirem a valentia do sangue, por mais sangue nosso que derramem!

ESTÊVÃO

Os corsários marroquinos são conhecidos por não pouparem nada nem ninguém! Temos aqui, ao nosso lado, Manuel Pereira, Padre-cura da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade. Eminência, o que tem a dizer sobre esta catástrofe?

PADRE

Venha a nós a graça de Deus e D' El Rei, isto está tudo destruído. Desde as casas, aos arquivos da Câmara Municipal. Até incendiaram a igreja! Os Registos Paroquiais arderam que nem matos!

ESTEVÃO

Eminência, tenho comigo a informação de que dois livros paroquiais ainda foram salvos do incêndio!

PADRE

Não acredito, meu jovem! Não acredito. Nem os duplicados que tive o cuidado de copiar noites a fio à luz da vela, escaparam às chamas.

ESTÊVÃO

Olhe que sim, Eminência. Salvaram-se dois duplicados. Dois livros mistos contendo um deles assentos de matrimónios e baptismos. O que me diz?

PADRE

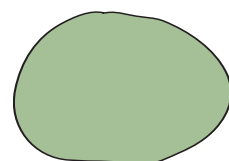
Nunca pensei que tal pudesse acontecer! O Reino da Terra pode abandonar-nos, mas o Reino dos Céus há-de sempre proteger-nos. Graças a Deus e a Nossa Senhora da Piedade!

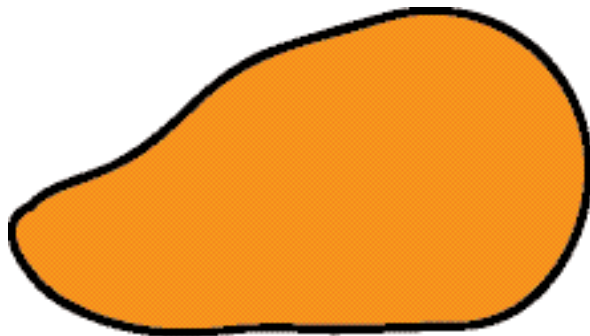
JORNALISTA EM ESTÚDIO

Estêvão Ruas, diga ao Senhor Padre-cura que desde o 2º Milénio as cópias deixaram de ser feitas à mão. Desde aí que temos a digitalização e a microfilmagem.



Estêvão





ESTÊVÃO

Eminência, o futuro irá salvaguardar esse e outros documentos históricos. Aliás, já não vai ser precisa tinta ferrogálica, tinteiro e pena para se escrever seja o que for.

GONÇALO

Mas isso só pode ser feitiçaria! Coisa de bruxos e de bruxedos!

PADRE

Tento na língua, Gonçalo Roaz. Interessa é que a MEMÓRIA dos nossos antepassados seja salvaguardada para todo o sempre. Os jovens de amanhã têm de saber quem são. E que o futuro está nas suas mãos. Amén.

JORNALISTA EM ESTÚDIO

Estêvão, recebemos informação da nossa correspondente em 2005, Sofia Santos, que o Arquivo Regional da Madeira publicou a Série de Índice de Registos Paroquiais de Porto Santo com todos os dados relativos aos descendentes desses dezoito sobreviventes, entre 1572 a 1911.

CLEMENTINA

Senhor Padre-Cura, venha, venha depressa! As gémeas filhas de Guiomar Vieira acabam agora mesmo de nascer!

PADRE

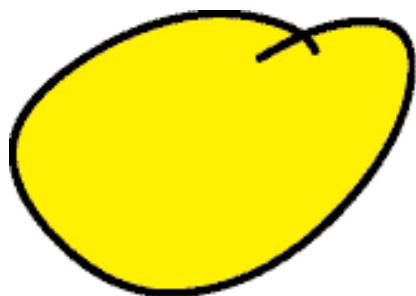
Milagre! Com licença, senhor jornalista. Tenho de proceder ao baptismo das meninas. Não venham elas a perecer antes de receber os santos sacramentos da Santa Madre Igreja.

ESTÊVÃO

Senhores telespectadores: em directo do Pico Castelo, no ano de 1617, horas depois do ataque dos corsários marroquinos, uma mulher dá à luz duas crianças saudáveis.

PADRE

No Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos e dezassete, eu, Cura Manuel Pereira, baptizo solenemente com os santos óleos as gémeas Maria, de primeiro nome, e Maria, de segundo nome, filhas de António Vasconcelos e Guiomar Vieira, de legítimo matrimónio. São padrinhos Gonçalo Roaz, caseiro e Clementina dos Santos, escrava.

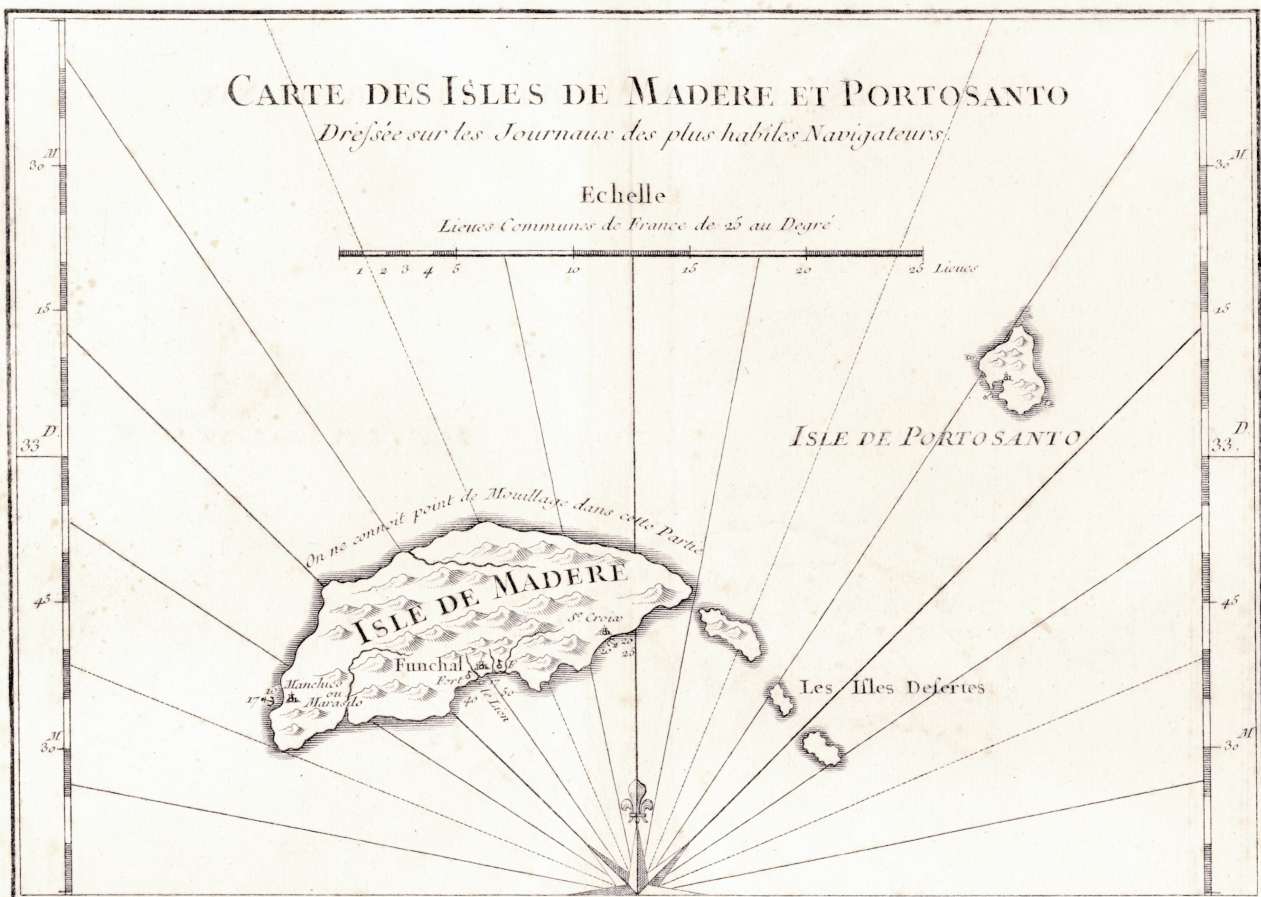
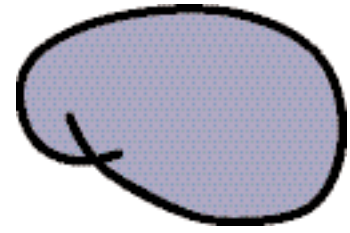


ESTÊVÃO

Estêvão Ruas em directo, lado a lado com um dos meus antepassados, Gonçalo Roaz, no Pico do Castelo no ano de mil seiscentos e dezassete para a para emissão da TV ARM Televisão-Máquina-do-Tempo. Estúdio aqui vou eu!

JORNALISTA EM ESTÚDIO

Estivemos uma vez mais em directo com história ao vivo. Prometemos voltar!

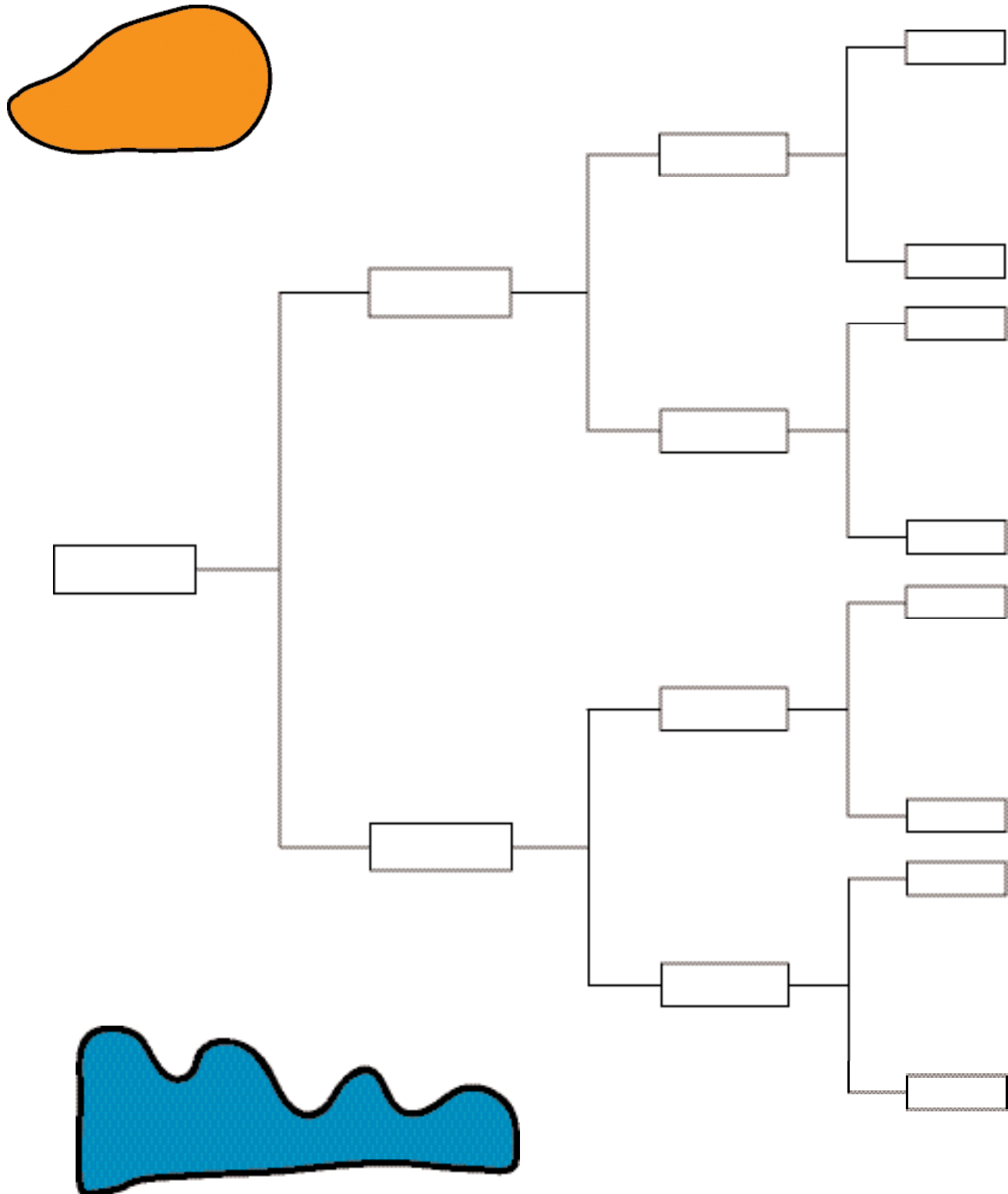


O MEU CONCELHO ...PORTO SANTO



Sugestão de actividade: *Árvore de Costado*

Depois de leres a entrevista certamente ficaste curioso para saber como é a História da tua Família. Para o efeito observa e preenche os espaços em branco desta *Árvore de Costado*.





Como fazer a História da tua Família

Como complemento da actividade anterior damos-te algumas ideias como podes completar a história da tua família.

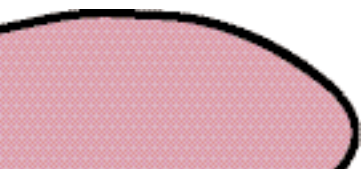
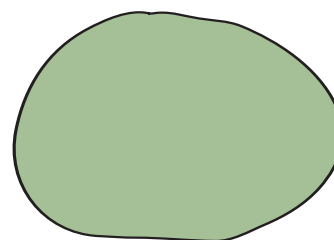
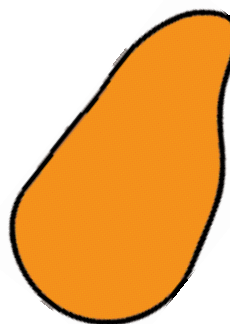
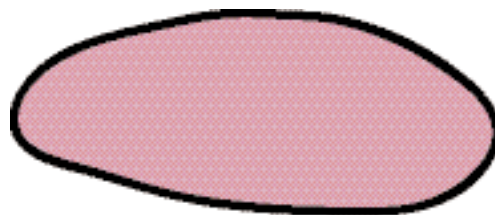
1. Tenta obter informações sobre a tua família junto de familiares e amigos.

2. Podes pesquisar nos Livros Paroquiais de Baptismos, Casamentos e Óbitos. Os livros paroquiais até 1911 encontram-se no Arquivo Regional da Madeira. A partir desta data estão nas Conservatórias do Registo Civil.

3. Podes também consultar outras fontes: passaportes, registos de passaportes e testamentos.

4. Se apenas conheces o nome dos teus avós, poderás obter uma certidão do registo de nascimento dos teus pais, dirigindo-te à respectiva Conservatória do Registo Civil. Através deste documento ficarás a conhecer o nome dos teus bisavós. O mesmo poderás fazer para os registos de nascimento dos teus avós, através dos quais ficarás a conhecer os teus trisavós.

5. Podes completar a genealogia, utilizando fotografias, retratos e dados biográficos.



O MEU CONCELHO ...PORTO SANTO

Como complemento da informação anterior propomos-te que consultes as bases de dados de Registos de Baptismo e de Casamento do Porto Santo que trouxemos para a tua sala de aula.



Morada: Caminho dos Álamos, n.º 35, Santo António, 9020-064 FUNCHAL

Transportes Públicos e Urbanos: Carreiras N.º 14, 15 e 48

Telefone: 291 708 400/410 **Fax:** 291 708 402

Endereços Electrónicos: arm@arquivo-madeira.org / ecultural.edu@arquivo-madeira.org

Página Web: www.arquivo-madeira.org

Director: Dr.ª Fátima Barros

Horário de Atendimento ao Público: todos os dias úteis, das 10.00 às 19.30 h.

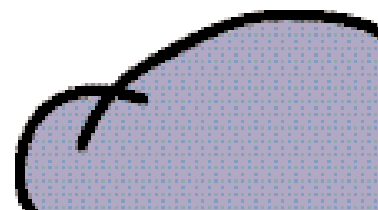
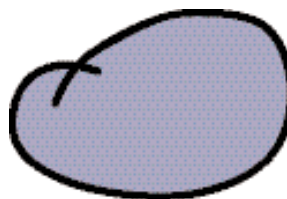
Coordenação: Sofia Santos e Marcela Costa - Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira

Textos e entrevista: Sofia Santos e Marcela Costa

Design gráfico e ilustrações: Pedro Clode

Encadernação: Dina Mendes, Luisa Spínola e Rute Rodrigues

2005



ANEXO 4



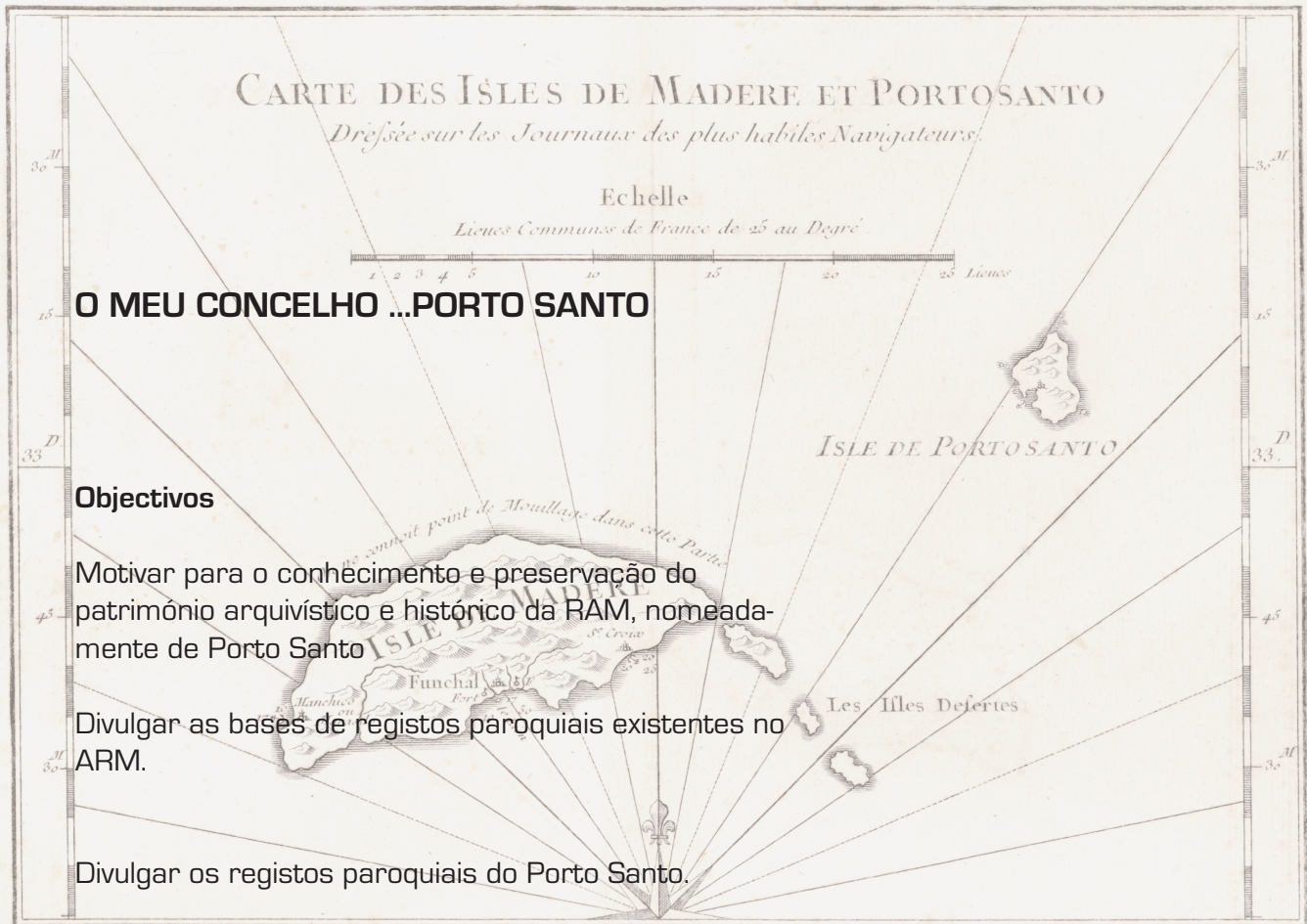
Arquivo Regional da Madeira

Serviço educativo

Dossier pedagógico

O Meu Concelho... Porto Santo

23, 24 e 25 de Novembro



Despertar o interesse pela genealogia e História da Família.

Realizar actividades que visem a valorização e conservação das fontes primárias.

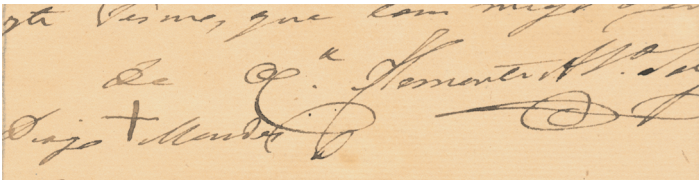


O Arquivo Regional da Madeira irá publicar no dia 25 de Novembro duas publicações referentes a Porto Santo e sua história: **Índice dos Registos de Casamentos e de Baptismo Porto Santo: 1572 -1911** e **Documentos Históricos do Porto Santo**.

Nesse sentido propomos-te a exploração de um desses documentos.¹

¹ Funchal, ARM, Arquivo da família Torre Bela, Cx. 34, n.º 14.





Reparaste como a caligrafia, bem como a linguagem e ortografia são diferentes de hoje. Verifica agora como é feita a transcrição deste documento.

Notisias da familia de Cristina Dias

// Fol. 39 //

Tradisam que nos abaixo asinados temos pelo ouvirmos dizer a pesoas antigas da emsendensia e desendensia de Cristina Dias he a seginte

No tempo de nosos bizauos costumaua o marques de Lansarote hir em carauelas dar saque haos moiros ha costa de Berberia e pera iso hia de caminho pela jlha do Porto Santo tomar algu?a jente que quizesse ir com ele ao mesmo saque e uinha pela mesma jlha a fazer repartisam do saque que traziam com as pesoas que com ele tinham ido e em hu?a ocaziam entre o mais que trouxeram foi hu?a moira que coube

[] esta tal moira indo hu? dia buscar agoa a seu senhor a hu? poso iunto a hu?a ermida de Nosa Senhora da Grasa cahio no poso e moreu afogada cujo poso ainda hoje se xama o Poso da Moira desta moira ficou hu?a filha a coal coando moreu emteraram em pe no Ribeiro do Coxinho e desta tambem ficou hu?a filha que xomauam [sic] Cristina Dias esta teue tres filha[s] de que nam sabemos os nomes de hu?a destas filhas naseram tambem tres filhas hu?a que xamauam Maria Gomes outra Felipa Gomes e outra que xamauam Catrina Gomes e de outra filha da dita Crestina Dias naseu Luzia Dias e Antonio Dias da outra filha de Cristina Dias naseu Maria Simoa e uinham a ser todos primos comirmãos Maria Simoa foi cazada com Baltezar Teixeira

Estes primos foram cazados a saber

Maria Gomes com Joam Rodrigues Noia que tiueram duas filhas e hu? filho a saber Afonso Rodrigues Zabel [sic] Prestela Breitis Fauela de Afonso Rodrigues foi cazado com Anna Soares tiueram tres filhas e dois filhos que anbos foram clerigos a saber o padre Baltezar de Memdosa e o padre Antonio de Memdosa as tres filhas hu?a se xama[ua] [] que cazou com loam de Coito filho de Esteuo



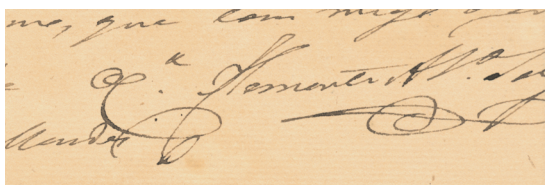
Calasa outra que cazou com Manoel Nunes Barreto filho de Niculau Nunes Barreto e outra que a[jn]da he solteira e de Zabel Prestela irmam de Afonso Rodrigues que foi cazada com Martim Mendes tiueram coatro filhos e hu?a filha a saber Manoel de Melim que moreu moso e Afonso Rodrigues que cazou na sidade com Anna Feia e [o]Jutro que cazou na vila de Santa Crus que xomam (sic) Bertolameu Prestelo e outro que xamam Sistodio Teixeira e a filha xomam Maria Ueloza que

//Fol. 39v.º// cazou com Manoel Escorse filho de Diogo Rodrigues Escorsio e a outra que xamauam Breitis Fauela foi cazada com Manoel de Memdosa Araias tiveram muitos filhos o padre Manoel de Memdosa o padre Luis de Memdosa Joam de Memdosa dAbreu Tome Araias Framcisquo de Memdosa Duarte de Mendosa e outro mais e duas filhas hu??a Maria de Gois que cazou na Ponta do Sol e Angela de Mendosa que nan cazou esta he a desendencia de Maria Gomes neta de Cristina Dias uamos agora a outra irmam de Maria Gomes que xomauam Felipa Gomes esta foi cazada com Framcisquo de Freitas a primeira ues de que teue hu? filho e hu?a filha o filho xamauam Manoel Simojs e a filha foi cazada com Joam Fereira Pinheiro da segu[n]da ues foi cazada com Martim Gomsalues a outra jrmam de Maria Gomes e de Felipa Gomes xomauam Catrina Gomes que foi cazada com hum fulanno esperto que moreu em Argel estas tres nomeadas asima sam irmãs filhas de hu?a filha de Cristina Dias e da outra filha de Cristina Dias naseu dois filhos a saber Antonio Dias que moreu no Brazil e hu?a filha que xomauam Luzia Dias que cazou com Manoel Fernandes o Ruiuo de que tiueram dois filhos e hu?a filha a saber Baltezar Fernandes Liam e Pero Fernandes e a filha que foi cazada com Antonio Prestelo de Brito estes sam os desendentes de outra filha de Cristina Dias e da outra filha de Cristina Dias naseu Maria Simoa e desta naseu Maria Baioa e desta Niculau Nunes e deste Manoel Nunes Maria Simoa foi cazada com Baltezar Teixeira

// Fol. 40//

em branco

[Fim do manuscrito]



1 Transcrição extraída do livro Documentos Históricos da Ilha do Porto Santo, p.99-101.

2 Título inscrito no verso do 40.º fol.

3 «quizesem» no ms.

4 «pouso» no ms.

5 Baltazar, filho de Afonso Rodrigues Favila e de Ana Soares, baptizou-se em 1641 (ARM, RP, L.º 991, fol. 16).

6 «caza» no ms.



O MEU CONCELHO ...PORTO SANTO

Como fazer a História da tua Família

Como complemento da actividade anterior damos-te algumas ideias como podes completar a história da tua família.

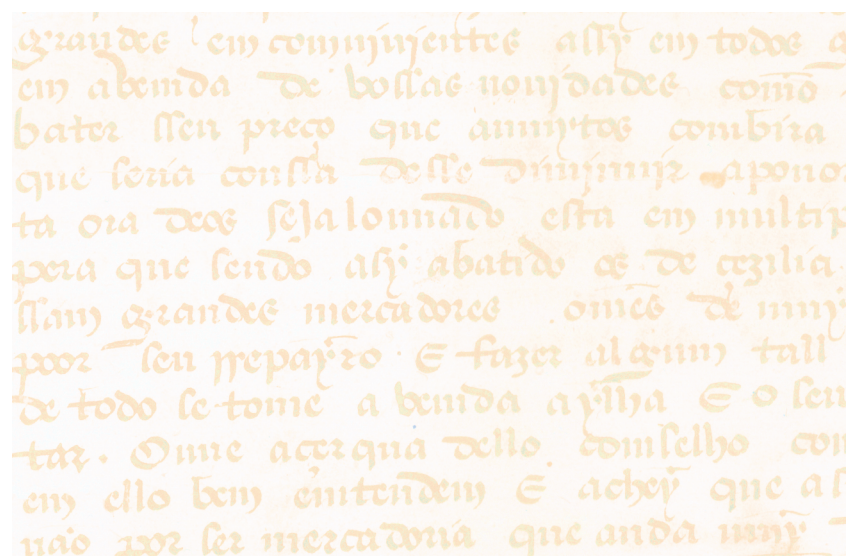
1. Tenta obter informações sobre a tua família junto de familiares e amigos.

2. Podes pesquisar nos Livros Paroquiais de Baptismos, Casamentos e Óbitos. Os livros paroquiais até 1911 encontram-se no Arquivo Regional da Madeira. A partir desta data estão nas Conservatórias do Registo Civil.

3. Podes também consultar outras fontes: passaportes, registos de passaportes e testamentos.

4. Se apenas conheces o nome dos teus avós, poderás obter uma certidão do registo de nascimento dos teus pais, dirigindo-te à respectiva Conservatória do Registo Civil. Através deste documento ficarás a conhecer o nome dos teus bisavós. O mesmo poderás fazer para os registos de nascimento dos teus avós, através dos quais ficarás a conhecer os teus trisavós.

5. Podes completar a genealogia, utilizando fotografias, retratos e dados biográficos.





Como complemento da informação anterior propomos-te que consultes as bases de dados de Registos de Baptismo e de Casamento do Porto Santo que trouxemos para a tua sala de aula.

Coordenação: Sofia Santos e Marcela Costa – Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira

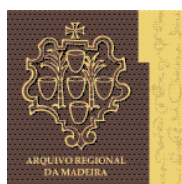
Textos: Sofia Santos

Colaboração: Regina Oliveira

Design gráfico: Pedro Clode

Encadernação: Dina Mendes, Luisa Spínola e Rute Rodrigues

2005



Morada: Caminho dos Álamos, n.º 35, Santo António, 9020-064 FUNCHAL

Transportes Públicos e Urbanos: Carreiras N.º 14, 15 e 48

Telefone: 291 708 400/410 **Fax:** 291 708 402

Endereços Electrónicos: arm@arquivo-madeira.org / ecultural.edu@arquivo-madeira.org

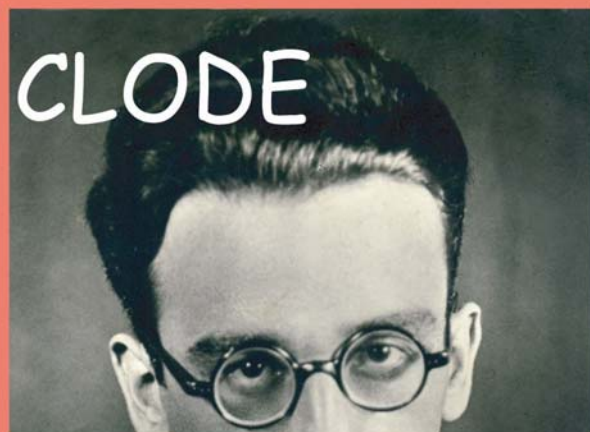
Página Web: www.arquivo-madeira.org

Director: Dr.ª Fátima Barros

Horário de Atendimento ao Público: todos os dias úteis, das 10.00 às 19.30 h.

ANEXO 5

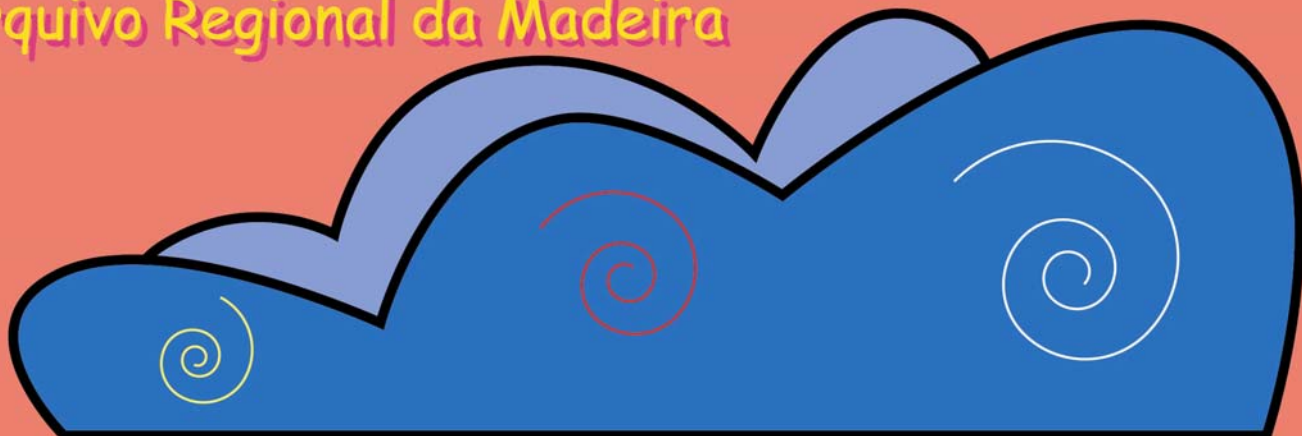
LUIZ PETER CLODE



O genealogista

Caderno pedagógico
2005

Serviço Educativo
Arquivo Regional da Madeira



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Os objetivos

Aproximar os estudantes do ARM

Dar a conhecer o ARM

Motivar para o conhecimento e preservação do património arquivístico e histórico da RAM

Despertar o interesse pela História da Família

Divulgar a vida e obra do Engenheiro Luiz Peter Clode

Habilitar para a pesquisa

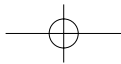
Sobre o Caderno Pedagógico

Um Caderno Pedagógico é suposto ajudar-te a conhecer algo de novo, de forma divertida e, sobretudo, interactiva.

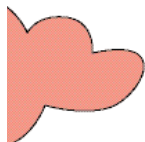
Por isso deves intervir com a tua criatividade nestas páginas!

Temos para ti algumas sugestões e actividades ao longo destas páginas, que podes desenvolver quer na sala de aula ou em casa, quer sozinho ou com amigos.

Entre as sugestões de trabalho está uma relacionada com a GENEALOGIA. Não sabes o que é? Lê então o conto A Árvore Mágica que está nas páginas seguintes!



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



A ÁRVORE MÁGICA

1. No Reino da Amnésia

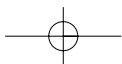
Era uma vez um Reino em que todos os habitantes estavam enfeitiçados. Sofriam de um tipo especial de AMNÉSIA: lembravam-se de tudo menos... de querer saber quem eram!

Nem as fotografias escapavam ao feitiço do Bruxo Ignomâncio. Como as pessoas haviam esquecido os álbuns, onde viviam os antepassados, deixavam-nos apodrecer nas caves ou desfazerem-se em pó nos sótãos.

Mesmo as crianças, que gostavam de ouvir histórias, quando pediam aos pais que lhes contassem as vidas dos avós, bisavós e trisavós, acabavam por desistir. Os pais só lhes diziam: «Esqueci-me, esqueci-me, esqueci-me...». Assim, aos poucos, as próprias crianças iam perdendo a curiosidade pela HISTÓRIA DA FAMÍLIA.

O sangue dos nossos antepassados corre no nosso próprio sangue. Os antepassados são uma viva parte de nós. Para os habitantes do Reino da Amnésia, porém, eram menos do que lágrimas perdidas no meio da chuva.

Ignomâncio, homem sem cabeça, autor de tal maldição, tendo tanto ódio à MEMÓRIA enfeitiçara de igual forma os lugares que ela costumava habitar. Não só os pensamentos das pessoas, como também os arquivos, bibliotecas, museus e lugares afins. Desta forma foi matando a sede de CONHECIMENTO. Às refeições falava-se apenas do tempo, da ida ao



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



dentista ou ao cabeleireiro, das aulas (a escola só era precisa para depois arranjar emprego), e pouco mais. E assim continuavam a viver os súbditos do Rei do Reino da Amnésia — ignorando o feitico e a forma de o desfazer. Bastava um deles desejar saber quem era! Enquanto tal não acontecia, viviam debaixo de um céu cinzento e de uma eterna chuva miudinha.

Ora, aconteceu a um rapaz bem parecido apaixonar-se pela filha do Rei. Mas este impediu o namoro por não saber quem era de facto aquele pretendente. Sabia o nome dele, Maximiniano. Mas tal não era o suficiente para deixar a filha ir com ele aos bailes nocturnos do Clube União dos Esquecidos. Precisava, antes de mais, saber tudo sobre aquele rapaz: quem teriam sido os avós? Caso tivessem emigrado, decerto Max provinha da cepa dos aventureiros e o Rei gostava especialmente desse género de pessoas. Mas onde estavam os passaportes para o comprovar? E quanto aos bisavós? E aos trisavós? Mistérios ainda maiores. O certo é que, quando Max regressou à sua presença, implorando-lhe outra vez que o deixasse namorar a Princesa Nemesíaca e que não o tratasse como a um vagabun-

do qualquer, disse-lhe friamente o monarca: «Não me interessa se és nobre ou filho de ninguém. Só me interessa saber QUEM ÉS!». Foi assim que Max iniciou a sua aventura. Enfiou alguma roupa no saco de desporto, despediu-se dos pais e meteu os ténis ao caminho. Não sabia para onde ia, mas sabia que ali, no Reino da Amnésia, lhe era impossível descobrir a sua IDENTIDADE.

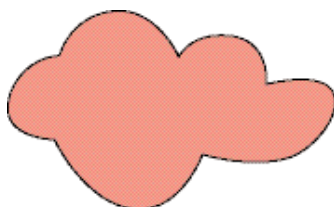


Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico

Luiz Peter Clode, o Genealogista



2. A casa cor-de-rosa



Por onde começaria Max a sua busca? Ao chegar ao Reino vizinho, logo se sentiu perdido e sem rumo. Foi então que, ao dobrar de uma esquina, chocou violentamente com uma espécie de gato com olhos de mocho e de casaco! Para seu grande espanto, o gato-mocho andava nas patas traseiras e levava nas da frente uma pilha de papéis. Estes espalharam -se todos no chão com o embate. O gato-mocho ficou furioso.

Enquanto ajudava o estranho animal a apanhá-los, Max reparou tratarem-se de jornais. Houve um deles que fez dar um grito de espanto. Informava o seguinte: «JOVEM DO REINO DA AMNÉSIA QUER SABER QUEM É!» E lá estava o seu nome, Maximiliano Tomás Lima... ao lado da sua fotografia!

Max pegou logo no recorte, mas o gato arrancou-lho à dentada. Seguiu-se uma louca perseguição, até o bicho e a sua pilha de notícias desaparecerem no interior de uma enorme casa cor-de-rosa. Max parou no alpendre sem saber o que fazer. Foi quando viu que o gato-mocho tinha deixado cair um pequeno e grosso



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



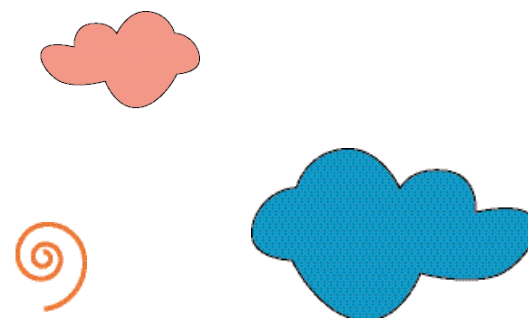
livro. Pegou nele e guardou-o num dos bolsos dos calções: ganhara um bom pretexto para bater à porta do casarão e desvendando aquele grande mistério.

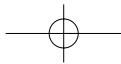
Enquanto isso, mais alguém lera a notícia acerca de Max e da sua busca pela história da família. Passado o acesso de fúria, o Bruxo Ignomâncio chamou os seus horríveis ajudantes, uma pequena tropa de Insectos Bibliófagos Gigantes. Às suas ordens puseram-se a voar em direcção à casa cor-de-rosa. Mal viram Max, caíram sobre ele tal e qual aviões de combate. Tinham de impedir que o valente rapaz entrasse no casarão!

O nosso herói defendeu-se com socos e pontapés dos vôos rasantes dos bicharocos e o barulho da luta podia ouvir-se dentro da casa cor-de-rosa.

O seu único habitante (para além do gato-mocho) assomou a uma das varandas, tendo primeiro pousado no tampo da escrivaninha a lupa e o documento que estivera a estudar. Ajeitou os óculos redondos, olhou para baixo e teve um ar de surpresa: mas ele conhecia o rapaz que os temíveis bibliófagos-comedores-de-papel pareciam odiar tanto! Jornálim havia-lhe trazido a notícia, vinda na primeira página do último vespertino!

Apesar da sua idade, correu ligeiro escada abaixo, abriu a porta e puxou Max para o interior. Os enormes bibliófagos desataram a bater com os cornos de insecto na porta de madeira sólida. De nada lhes valeram as investidas - tinham sido derrotados.



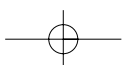


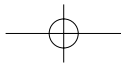
Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



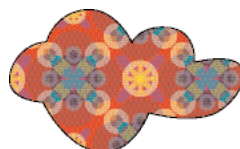
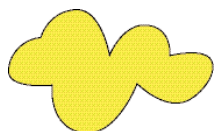
3. A Árvore Mágica

O salvador de Max mirou-o de alto a baixo por detrás dos óculos de lentes grossas. «Ora, aqui temos o jovem corajoso», pensou. O nosso herói, ainda mal refeito do ataque dos insectos bibliófagos, julgou estar a sonhar. O ruído de fundo do sonho era um estranho snipsnipsnip. Max viu-se num espaço com paredes forradas a estantes, onde se alinhavam lombadas grossas e de várias cores. Ele sabia o que era um livro, só nunca os tinha visto tão altos e volumosos! Olhou em seguida para papéis amontoados sobre a escrivaninha. Explicou-lhe o estudioso: «Naqueles papéis estão escritas histórias. Histórias de famílias inteirinhas! E eu sei que tu vieste saber a história da tua». Entre o medo e a curiosidade, Max perguntou, «Mas afinal, quem é o senhor?». «Chamo-me Luiz Peter Clode respondeu o outro. «Entre muitas outras coisas, estudo GENEALOGIA. Max julgou-o médico: «Doutor de geneaquê?» Não esperou pela resposta, pois de repente viu uma forma sentada num banco alto, frente a uma pequena secretária em madeira. Disse o estudioso: «Aquele é o meu secretário Jornalim.» Era o gato-mocho, que recortava jornais amarelcidos à luz de um candeeiro antigo, os olhos ainda mais abertos devido à concentração. Snipsnipsnipsnip, fazia a tesoura.





Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Luiz Peter Clode abriu uma portinha ao fundo do escritório e convidou o rapaz a segui-lo. Entraram ambos num bosque muito estranho: as árvores tinham troncos e ramos com palavras escritas! Max aproximou-se de uma dessas árvores e então reparou que exibiam nomes de pessoas!

«Cada uma destas árvores é uma *Árvore Mágica*», começou por explicar calmamente Peter Clode, «Sempre que alguém nasce, um novo tronco brota da terra, erguendo muitos outros ramos para o céu: os seus antepassados». E concluiu: «Os ramos mais próximos do tronco - ou seja, de cada um de nós - têm os nomes e apelidos dos nossos pais». O rosto de Max iluminou-se: já sabia por onde começar a procurar a história da sua família!

Bastava descobrir a *Árvore Mágica* com o seu nome, Maximiliano Tomás Lima, acompanhado dos nomes dos pais, um de sobrenome Tomás e o outro de sobrenome Lima.

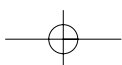
Depois, restava-lhe trepar a árvore acima para ir conhecendo os outros antepassados. Sem perguntar mais nada ao genealogista, Max correu sozinho em direcção ao bosque maravilhoso. Antes de Peter Clode poder dar um passo para o acompanhar, viu surgir de repente Jornalim. Trazia consigo um recorte. Devia ser algo bastante assustador, pois os olhos de mocho estavam

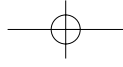
esbugalhados de sincera preocupação. Mal leu a notícia, Luiz Peter Clode gritou: «Max, volta! Corres grande perigo. Tenho de te dizer qual é a palavra mágica!»

4. Fogo, água, tinta e molho de hambúrguer

Completamente embrenhado no bosque das *ÁRVORES GENEALÓGICAS*, o nosso herói apenas conseguiu ouvir parte do grito do amigo: «palavra mágica». Mas nem parou para pensar no que seria. Apenas lhe importava correr pelo bosque em busca da sua *Árvore Mágica*. Encontrá-la significava poder casar com a sua princesa, já com a benção do rei. A sua persistência foi recompensada: gravado em letras douradas no tronco de uma árvore frondosa e verde, lá estava o seu nome, antes dos nomes dos seus pais, igualmente escritos em belas letras doiradas. Tinha encontrado a História da sua Família! Sem perder mais tempo Max começou a escalada. Os ramos seguintes disseram-lhe quem tinham sido os avós, os bisavós e os tetravós. Finalmente, no topo da *Árvore Mágica*, ele leu de novo o seu próprio nome. Na verdade o seu antepassado mais distante, quem sabe um valente marinheiro das Descobertas!

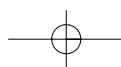
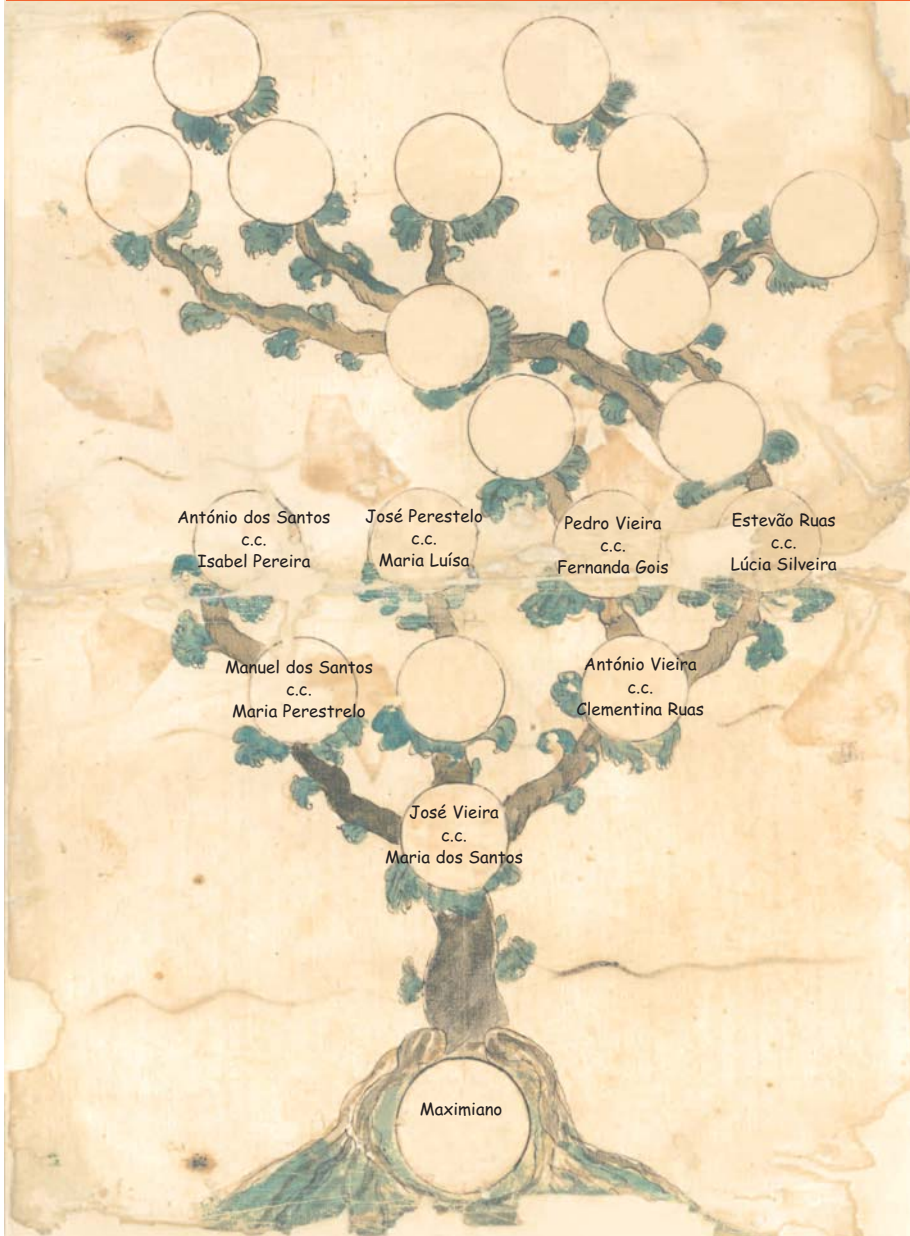
Contudo mal pôde saborear a vitória: uma figura sem cabeça surgiu de súbito, tentando ful-





Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico

Luiz Peter Clode, o Genealogista



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista

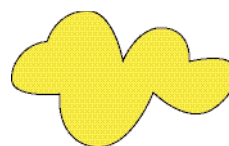


miná-lo com raios de fogo que saíam dos seus dedos, quase garras. Era Ignomâncio, a impedir o fim do feitiço sobre o reino da Amnésia. "Ainda por cima por causa de um rapazola", pensava o vilão. Ao fogo seguiu-se uma chuvada torrencial e Max viu, com horror, desfazerem-se nos ramos alguns dos nomes e apelidos doirados da sua família. Seguiram-se jactos de tinta preta que apagaram por completo os nomes dos tios-avós e primos distantes. Lembrou-se do grito de Luiz Peter Clode: «palavra mágica». Estaria este a avisá-lo daquele perigo? Mas qual seria a palavra mágica capaz de salvá-lo e aos nomes da sua família? Enquanto Ignomâncio voava em redor da Árvore Mágica com o seu corpo sem cabeça, Max

buscava nos bolsos dos calções um papel e uma caneta. Tinha de escrever o quanto antes os nomes que restavam. Foi quando lhe veio à mão o livro perdido de Jornalim. Lembrou-se que os livros estavam cheios de palavras, muitas delas desconhecidas. Seria uma delas a palavra mágica?



Mal o pensou, das pontas dos dedos ossudos de Ignomâncio jorraram jactos de um novo líquido, que começou a corroer a árvore a partir do topo, à semelhança de ácido sulfúrico. O cheiro era inconfundível. «Molho estragado de hambúrguer!», pensou Max, «Estou feito».



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico

Luiz Peter Clode, o Genealogista



5. Ge-ne-a-logia

Enquanto fugia do ataque cerrado de Ignomância, Max folheava apressadamente o livro. Era afinal um dicionário. Mas um dicionário onde só vinham palavras começadas pela letra «g», tais como «gabarola», «gato» ou «gelatina». Que desespero! De nada lhe servia saber que a palavra mágica começava por «g»; só uma é que funcionava e não havia tempo para as experimentar a todas. Ainda gritou «galhofa!», mas é claro que nada aconteceu. Da sua Árvore Mágica restava apenas o tronco e mesmo esse não tardaria derreter. «Estou prestes a desaparecer do mapa graças ao Luiz Peter Clode e à sua gene...genea...». O rosto de Max iluminou-se, passou rapidamente as páginas do dicionário e gritou bem alto: GE-NE-A-LOGIA!. A este grito seguiu-se um outro, desta feita vindo do corpo sem cabeça de Ignomância, cujos raios mortais voltaram-se contra ele próprio fulminando-o numa fracção de segundo. Por igual magia, a Árvore Genealógica de Max voltou a erguer os seus ramos para o céu. E a exhibir com um brilho ainda mais intenso os nomes doirados dos seus antepassados. Entretanto, no Reino da Amnésia, as nuvens cinzentas dissipavam-se e os habitantes

começavam a sentir uma vontade irreprimível de sair do emprego e ir para casa folhear álbuns de fotografias. Daí em diante o reino passaria a chamar-se REINO DA MEMÓRIA.

O genealogista Luiz Peter Clode, ao ver o clarão que se erguia no meio do bosque, soube do fim de Ignomância e dos seus malefícios de ignorância. Sorriu: aquele rapaz muito o surpreendera! O recorte de jornal que lhe havia trazido Jornalim rezava assim: «RAPAZ QUE BUSCA IDENTIDADE MORRE ÀS MÃOS DE BRUXO. PAIS INCONSOLÁVEIS». Afinal, reflectiu Luiz Peter Clode, está nas nossas mãos mudarmos o nosso destino. Basta uma boa dose de coragem e de inteligência. E mal o pensou, regressou à casa cor-de-rosa, seguido por Jornalim, que assim voltava às suas funções de recolha de notícias sobre casamentos, baptizados, nascimentos e funerais. Tudo informações importantes para se escreverem e estudarem as histórias das famílias.

Chegado à orla do bosque das Árvores Genealógicas Max chamou pelo seu novo amigo genealogista, pois queria agradecer-lhe. Mas como não o via em parte alguma, saiu do casarão cor-de-rosa desejando regressar o mais rápido possível para junto de Nemesíaca. Agora já podia mostrar ao Rei que a sua família possuía uma História, como qualquer outra família humana que se prezasse. Maximiliano mal cabia em si de contente, ao embarcar no comboio de regresso a casa.

Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Agora já sentia no bater do seu coração o bater de muitos outros corações. Nunca se sentira tão bem acompanhado na vida.

Vamos saber quem é o Luiz Peter Clode

Luiz Peter Clode nasceu a 1 de Abril de 1904, na Quinta Gertrudes, situada no Vale Formoso, Freguesia de Santa Luzia, Funchal.

Filho de Archibald George Clode e de Maria Francelina Crawford do Nascimento Clode, viria a casar, a 4 de Fevereiro de 1932, com Maria Helena Ferreira de Andrade de quem teve 9 filhos.

Tirou o curso do Liceu do Funchal e licenciou-se em Engenharia Mecânica e Electrotécnica na Universidade Nortenha, em 1930.

De regresso à Madeira, em 1931, tornou-se consultor da firma Corys Madeira Coalma e depois desempenhou as funções de engenheiro - director dos Serviços Industriais, Eléctricos e de Viação da antiga Junta Geral, onde se manteve até se reformar em 1974.

Assumiu a chefia da Delegação do Instituto Português de Conservas de Peixe da Madeira e durante o período da II Guerra Mundial, fez parte da Comissão de Racionamento de Combustíveis da Madeira. Exerceu, ainda, as funções de professor de Inglês, Físico-Química, Matemática e Desenho Industrial na Escola Industrial e Comercial do Funchal, no Seminário Diocesano e no Colégio Missionário do Coração de Jesus.



Com a mãe e os dois irmãos mais velhos.



Os pais de Luiz Clode.

Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Vida académica de Coimbra. 1921.



Com colegas de curso, Coimbra, anos 20.



Já licenciado, anos 30.

Ao longo de toda a sua vida, na verdade, a Música foi, talvez, a menina dos seus olhos. Todos os dias tocava piano.

Por sua iniciativa e com a colaboração de seu irmão Dr. William Clode, organizou-se a Sociedade de Concertos da Madeira, em 1943, e a Academia de Música da Mdeira (1946), Belas Artes (1955) e Línguas (1963). Promoveu várias exposições de artes plásticas e decorativas realizadas no Funchal, fundou e dirigiu a revista Das Artes e da História da Madeira desde 1948 até 1971, bem como foi um dos impulsionadores do Posto Emissor do Funchal.



Serviço Educativo do ARM – Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Pertenceu ao Instituto de Coimbra, à Sociedade Portuguesa de Escritores, ao Instituto Genealógico Brasileiro, à Sociedade Histórica da Independência de Portugal, à Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas de São Paulo, ao Instituto Português de Heráldica e foi membro honorário da Academia Palatina de História Helénica de São Paulo. Pesquisador inveterado, Luiz Peter Clode trabalhou nas suas investigações genealógicas até ao fim da vida. Veio a falecer com 86 anos, a 6 de Abril de 1990, na cidade que o viu nascer. ⁽¹⁾



Ao piano na sua residência, nos anos 80.

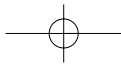


Numa Quinta em 1945, com a esposa.



Com os filhos, em 1950.

(1) Informação extraída da exposição Luiz Peter Clode e o espólio legado ao ARM. .

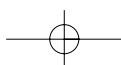
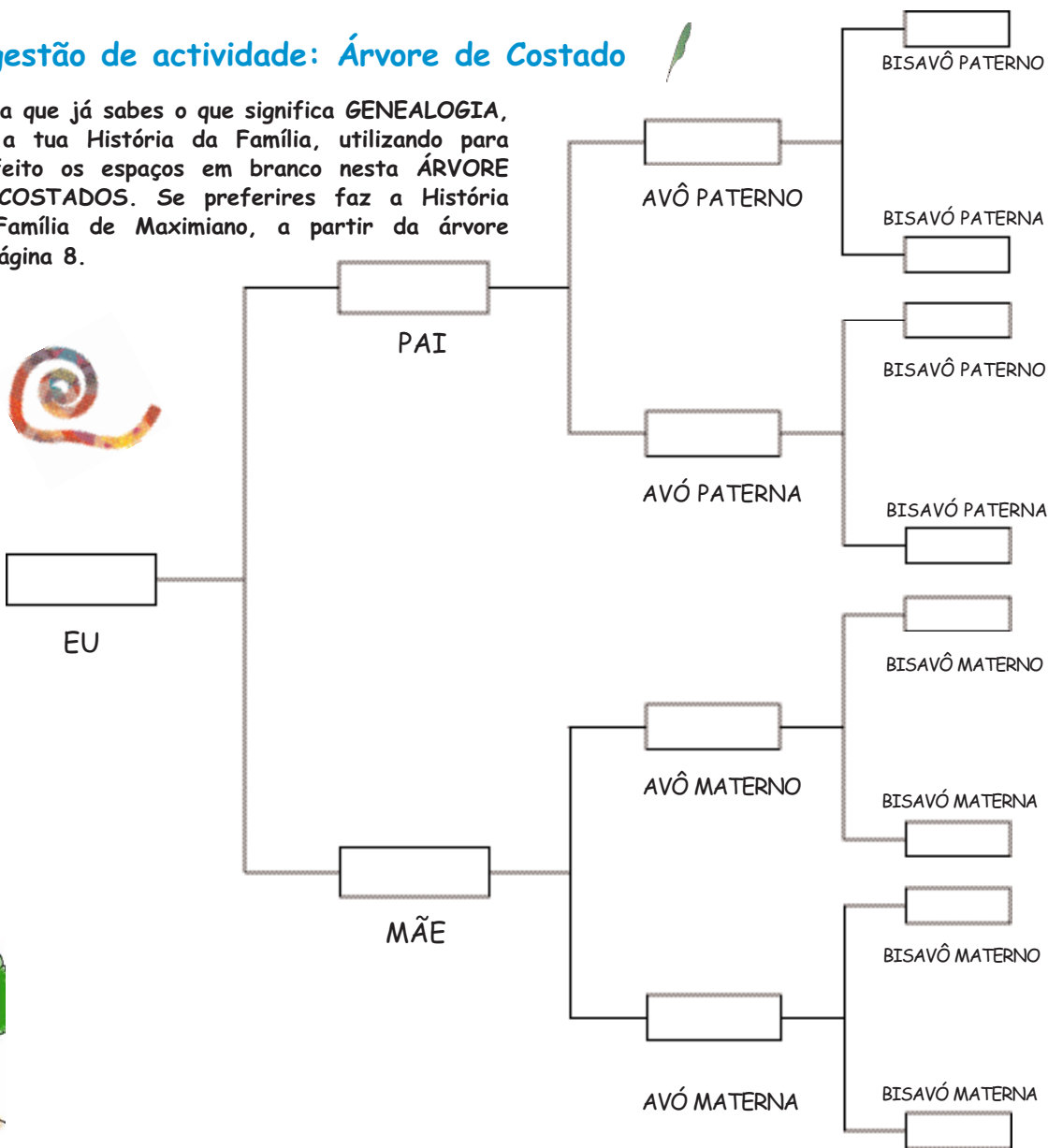


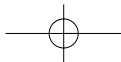
Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista



Sugestão de actividade: **Árvore de Costado**

Agora que já sabes o que significa **GENEALOGIA**, faz a tua História da Família, utilizando para o efeito os espaços em branco nesta **ÁRVORE DE COSTADOS**. Se preferires faz a História da Família de Maximiano, a partir da árvore da página 8.





Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico

Luiz Peter Clode, o Genealogista



Passatempo



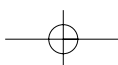
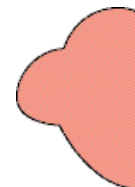
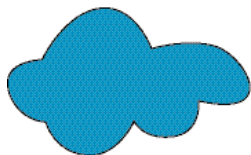
Salada de palavras

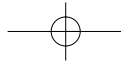
Descobre cinco palavras relacionadas com a *Árvore Mágica*



GENEALOGIA
 PASSAPORTE
 IDENTIDADE
 BIBLIÓFAGOS
 AMNÉSIA
 FAMÍLIA
 FOGO
 ÁGUA
 MEMÓRIA
 HISTÓRIA
 PETER
 DOCUMENTO
 JORNALIM
 FLORESTA

Z	T	A	H	I	G	P	H	I	A	G	I
I	D	I	O	H	E	S	U	T	I	A	S
A	F	E	T	T	N	O	J	A	D	T	T
I	T	T	N	R	E	G	O	I	E	S	H
S	H	R	E	K	A	A	R	R	N	E	I
E	B	O	M	A	L	F	N	O	T	R	S
N	O	P	U	U	O	O	A	M	I	O	T
M	E	A	C	G	G	I	L	E	D	L	O
A	C	S	O	A	I	L	I	M	A	F	R
M	Q	S	D	M	A	B	M	E	D	B	I
G	I	A	O	I	C	I	N	F	E	L	A
I	N	P	S	J	A	B	A	O	E	V	E

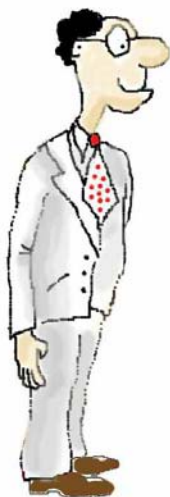




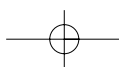
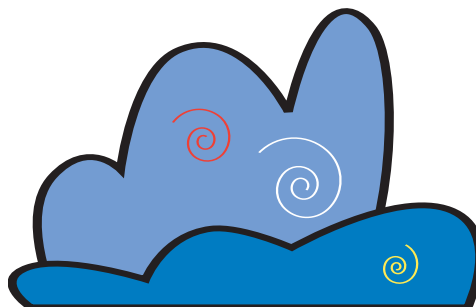
Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista

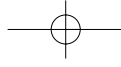


Também estás à vontade para dramatizares o conto *A Árvore Mágica*. E podes ser tu o herói da história!

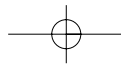


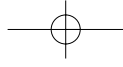
Além destas, existem outras personagens à espera que tu as cries!



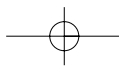


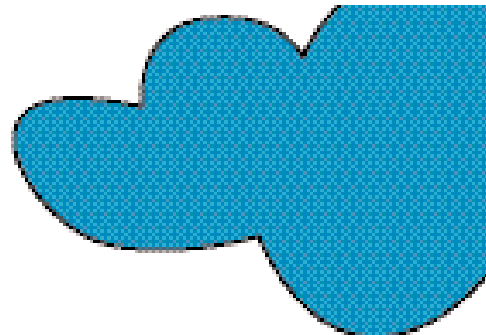
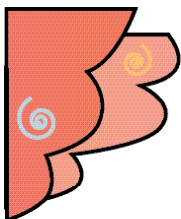
Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico
Luiz Peter Clode, o Genealogista





Serviço Educativo do ARM - Caderno Pedagógico Luiz Peter Clode, o Genealogista





Morada: Caminho dos Álamos, n.º 35, Santo António, 9020-064 FUNCHAL

Transportes Públicos e Urbanos: Carreiras N.º 14, 15, 18 e 48

Telefone: 291 708 400/410 **Fax:** 291 708 402

Endereços Electrónicos: arm@arquivo-madeira.org / ecultural.edu@arquivo-madeira.org

Página Web: www.arquivo-madeira.org

Director: Dr.ª Fátima Barros

Horário de Atendimento ao Público: todos os dias úteis, das 10.00 às 19.30 h.

Coordenação: Sofia Santos e Marcela Costa - Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira

Textos: Sofia Santos

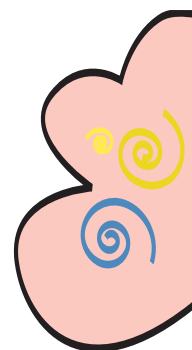
Conto: Marcela Costa

Design gráfico e ilustrações: Pedro Clode

Digitalização: Margarida Ornelas

Impressão: Andy Aguiar

2005



ANEXO 6

EDITORIAL

Ajuda-nos a divulgar os tesouros da nossa História

Um convite, uma sugestão, um apelo ... chama-lhe o que quiseres.

A ideia é mesmo essa: vem conhecer o Arquivo Regional da Madeira e partilha a nossa paixão pela preservação e divulgação do património arquivístico da nossa terra.

Com essa finalidade nasceu o Serviço Educativo do ARM. E também por esse motivo criamos este Jornal que te ajudará a crescer no conhecimento da História destas bonitas Ilhas.

Rubricas como "Tema Central" e "Serviços Técnicos" conduzem-te numa viagem pelo interior do Arquivo e explicam-te o que se faz nesta Casa e que serviços prestamos. Neste primeiro número, os Serviços de Leitura e de Certidões e o Serviço Educativo. A rubrica "Guia do ARM" dá-te a conhecer os arquivos à nossa guarda que encerram valiosas memórias de instituições, de famílias e de pessoas do nosso arquipélago ou com ele relacionado. A escolha deste número recaiu no Fundo da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, a primeira escola médica do Funchal. Curioso, não? Temos também duas páginas dedicadas aos teus trabalhos, onde poderás ver uma selecção dos textos que nos enviaste, bem como imagens das actividades por ti realizadas com o Serviço Educativo do ARM. É porque a brincar também se aprende, propomos-te um conjunto de actividades – salada de palavras, registo familiar, e outras – que te auxiliarão nesta aprendizagem da nossa História – ou não foras tu um Aprendiz de Arquivo ...

Fátima Barros

Directora do Arquivo Regional da Madeira

APRENDIZ DE ARQUIVO



Guia do ARM

Em 1837, abriu a primeira e única escola médica do Funchal. **P6**

Os teus trabalhos

Lembranças e testemunhos dos Aprendizes de Arquivo. **P4/5**

Projectos futuros

Vem conhecer as actividades do Serviço Educativo do ARM. **P8**

À procura de novos públicos

No primeiro ano de vida do Serviço Educativo, gostaríamos que soubesses o que fazemos e que tipo de actividades te oferecemos e à tua escola! **P3**



Um serviço renovado

O novo espaço de leitura reflecte uma imagem moderna e dinâmica do Arquivo Regional da Madeira. **P2**



Um serviço renovado

Para começar esta viagem de conhecimento, propomos-te apresentar sucintamente a Sala de Leitura e o Serviço de Certidões do Arquivo Regional. Espaços dedicados a todos os investigadores, estudantes e curiosos que procuram saber mais sobre a história da Madeira.

Até 2005, os Serviços de Referência, Leitura Pública e de Certidões funcionaram nas antigas instalações do Arquivo Regional da Madeira (ARM), no Palácio de São Pedro.

Com a abertura do novo edifício, em Santo António, desenvolveram-se essas áreas de contacto com o público, coordenadas pela Dr.^a Maria Favila Vieira da Cunha Paredes. Segundo esta responsável, procedeu-se a uma certa «modernização institucional, uma mudança de estilo, mais profissional, mais personalizada, mais interventiva, com a prestação de novos serviços».

Lembramos-te que um dos deveres do Arquivo Regional da Madeira é garantir o acesso aos docu-



Serviço de certidões: João Paulo Camacho e Regina Nóbrega. À direita Dr.^a Maria Favila Vieira da Cunha Paredes.

mentos que conserva. O objectivo é divulgar o passado, contribuindo para um maior conhecimento da nossa História. É por isso que a Sala de Leitura e o Serviço de Certidões, bem como o Serviço Educativo/Extensão Cultural são considerados a imagem da instituição.

A nova sala de leitura, dividida em zona de referência, zona de leitura geral e zona de leitura de microfilmes, tem agora capacidade para quarenta pessoas, sete postos de leitura de microfilmes e oito



Estudantes e investigadores procuram este espaço.



Os técnicos encarregados deste Serviço acolhem e orientam os leitores.

postos de computador. Por norma, o acesso está limitado a maiores de 16 anos. É importante seguir regras, porque a documentação do Arquivo é muito frágil e valiosa. Ler o panfleto com as normas de manuseio dos documentos deve ser uma preocupação.

Normalmente, são os estudantes universitários e investigadores que procuram este espaço do Arquivo Regional. Segundo Leonardo Pereira, técnico da sala de leitura, «muitos leitores têm curiosidade em saber a origem das famílias, um trabalho que podem fazer no Arquivo. Por isso, a árvore genealógica é um dos pedidos que recebemos. Ela não está feita, mas podemos indicar qual o caminho a percorrer». Há também quem procure informações da imprensa. Para consulta, está uma parte do *Diário de Notícias*, *Jornal da Madeira*, *Patriota Funchalense*, entre outras publicações. Também estão disponíveis muitos dados de muitas instituições e famílias desta ilha. É o exemplo das câmaras municipais, do fundo da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, que ainda está a ser tratado, da Escola



A equipa da sala de leitura: Lucília Alves, Leonardo Pereira, Elsa Gonçalves, Sónia Correia e Aldina Mendes.

Médico-Cirúrgica do Funchal (que damos a conhecer nesta edição) e o fundo do Governo Civil. Existem ainda bases de dados de registos de casamentos e passaportes, que estão acessíveis informaticamente. Os registos de baptismos deverão ser lançados brevemente.

O primeiro passo para aceder às informações disponibilizadas é adquirir uma autorização temporária de leitura ou o cartão de leitor, no balcão de atendimento da sala de leitura (2.^o piso). Segue-se



A sala de leitura oferece oito postos de computadores.

uma passagem pela zona de referência, onde poderás pedir orientação dos técnicos para a consulta dos instrumentos de descrição documental existentes (guias, catálogos), ou mesmo para aceder às bases de dados.

Posteriormente, será necessária uma requisição de leitura, uma vez que os documentos não se encontram na sala, como acontece numa biblioteca. Se necessário, podem ser feitas cópias ou pedidos de requisição por mail.

No balcão de atendimento, mediante a consulta dos folhetos informativos, ou através do site em www.arquivo-madeira.org, estão disponíveis mais informações.



Atendimento no serviço de certidões

Outra das competências dos Serviços de Comunicação é a emissão de certidões dos fundos paroquiais, judiciais ou notariais, entre outros. Todas as semanas chegam ao Arquivo dezenas de pedidos, pessoalmente ou por mail, de pessoas que procuram certidões para provas em tribunal ou até provas de nacionalidade. Emigrantes de todas as partes do Mundo, também procuram através dos registos de baptismos, casamentos e óbitos, um pouco das suas raízes, uma história da família, através da construção da árvore genealógica (que vais aprender a fazer também nesta edição do nosso jornal).

A sala de leitura funciona de segunda a sexta-feira, das 10h00 às 19h30. O serviço de certidões atende pedidos das 10h00 às 16h00.

Até breve e boas pesquisas!

À procura de novos públicos

Sabes o que é um Serviço Educativo?

Um Serviço Educativo desenvolve um conjunto de acções lúdico-pedagógicas que te permite conhecer o que faz e oferece uma determinada instituição. No caso do Arquivo Regional da Madeira (ARM), o seu Serviço Educativo desenvolve um conjunto de acções utilizadas não só para rentabilizar e valorizar um trabalho de recolha e tratamento da sua documentação, mas também para proporcionar-te momentos de contacto directo com a «História Viva» regional e local da Região Autónoma da Madeira. Sabes porquê? Porque nós, enquanto Arquivo, temos a função de conservar e valorizar uma parcela importante da memória colectiva deste arquipélago. E tu podes contribuir para a sua preservação e conservação.

Só por curiosidade ficas desde já a saber que possuímos cerca de 5 Km lineares de documentação, que é o cumprimento total do túnel da Encumeada! Este serviço também pretende mostrar-te as áreas técnicas do ARM, para que conheças o circuito da documentação dentro do edifício – Recepção e Triagem, Higienização, Expurgo, Quarentena, Pré-arquivagem, Conservação e Restauro – e o circuito do utilizador – do hall de entrada à Sala de Leitura. Por outras palavras, só tens acesso a 3 pisos, os restantes 8 andares – que são depósitos – não podes visitar, bem como a casa forte, que guarda os documentos mais antigos, como é o caso do Regimento de D. Fernando, Duque de Viseu, de 1461!

Também é nosso objectivo que percebas que há outros tipos de profissões, que se calhar não são muito vulgares para ti! É o caso do Arquivista, que pode ser um Técnico Superior de Arquivo, sendo necessário para isso ter uma licenciatura, seguida de uma especialização em Ciências Documentais-variante de Arquivo; ou então um Técnico Profissional de Arquivo, devendo para isso possuir o 11.º ano e um curso da especialidade. Para mais informações sugerimos que consultes o site www.apbad.pt. Também podes ser um Técnico-Profissional de Microfilmagem.

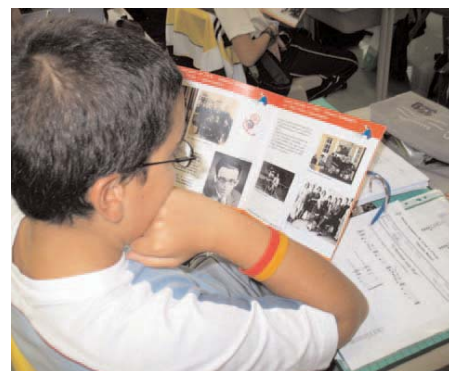
Falta-nos ainda falar do Conservador-Restaurador de Documentos Gráficos, que pode ser igualmente um Técnico Superior ou um Técnico Profissional, sendo já necessário o 12.º ano de escolaridade.

Toma atenção, não confundas restauro com restauração! Vê as diferenças num dicionário!

Em relação as actividades do Serviço Educativo o ARM propõe-te conhecer algumas delas:

Vamos conhecer o Arquivo Regional da Madeira ..., que está dividida em cinco etapas:

- Uma palestra onde definimos o que é um arquivo, quais são as funções e fundos do ARM, seguindo-se a sua exploração, de forma a mostrar o que guarda e faz um arquivo histórico, estimulando assim o gosto pelo conhecimento da história da RAM;
- Visitas orientadas e actividades práticas sobre as funções do ARM;



este efeito, o Serviço Educativo desenvolveu um caderno pedagógico intitulado *Luiz Peter Clode, o genealogista*, e dois guiões de exposições adequados para as crianças e cidadãos em geral.

Todavia, não te esqueças que para a tua turma participar nas actividades do Serviço Educativo convém falares com o teu professor para efectuar uma pré-inscrição.

Caso queiras conhecer-nos melhor consulta o nosso site: www.arquivo-madeira.org.

Sofia Santos



O nosso logótipo

Com o aparecimento do Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, no ano lectivo 2004/05, nasceu o logótipo “O Aprendiz de Arquivo”, que é hoje uma das imagens mais importantes de divulgação do projecto.

Idealizado pelo designer do Arquivo, em parceria com a coordenação do Serviço Educativo, teve como objectivo primordial, segundo os seus autores, remeter para a noção de antiguidade, representando um escrivão adaptado aos novos tempos. A figura do aprendiz, que já está registada, desde Maio de 2005, é de leitura simples, com cores apelativas e elementos identificativos, caso do chapéu, do pergaminho e da pena como instrumento de escrita.

A simbologia do “aprendiz” pretende lembrar que a comunidade educativa é o público mais importante do serviço, e que são os jovens estudantes que vão conhecer e aprender cada vez mais sobre esta importante instituição de preservação da memória da nossa terra.

N.G.



Dia Aberto à Comunidade:

Trimestralmente, nos dias 16 de Março, 22 de Junho, 28 de Setembro e 29 de Novembro o ARM abre as portas à comunidade, podendo seres tu a visitar as nossas áreas técnicas;

O Meu Concelho ...:

Para a exploração desta actividade o primeiro concelho a ser dinamizado foi o Porto Santo que surgiu em articulação com a publicação dos *Índices dos registos de casamentos e de baptismos do concelho do Porto Santo: 1572-1911* e dos *Documentos históricos da Ilha do Porto Santo*.

Há outras actividades que surgem em articulação com as exposições. É o caso do conjunto de acções que foram dinamizadas aquando da exposição *Luiz Peter Clode e o espólio legado ao Arquivo Regional da Madeira*, que esteve patente no ARM de 11 de Novembro de 2005 a 27 de Fevereiro de 2006. Para

O teu testemunho

Esta rubrica é da tua autoria. Queremos que nos envies os teus trabalhos, pois desde que visitas o Arquivo Regional da Madeira, passas a fazer parte do nosso «arquivo».

Vê alguns dos trabalhos dos primeiros alunos que nos visitaram no ano lectivo de 2004/ 2005: Escola Básica e Secundária do 2.ºs e 3.ºs ciclos de S. Roque.



Conclusão

Queremos agradecer à Equipa do ARH, por esta oportunidade que nos deram para conhecer o Arquivo, a sua função e importância. O Arquivo tem importância, pois o passado pode servir para o futuro. Nós achámos estas visitas interessantes, serviram para termos a noção dos tipos de encargos que cada pessoa desempenha no Arquivo. Nas secções de restauro, serviço e gabinete de microfilmagem é necessário muita concentração e paciência, devido às funções que desempenham, não excluindo as outras secções, que também tiveram reconhecimento.

Sandra Raquel, Natacha Aguiar,
Cláudia Pereira

Relatório da Visita ao Arquivo Regional da Madeira

No dia 15 de Fevereiro de 2005 tivemos uma palestra sobre o Arquivo Regional da Madeira na biblioteca da nossa escola. Ela foi dada por a Sr.ª Dr.ª Sofia que nos incentivou a conhecer os documentos antigos e conhecer o Arquivo Regional da Madeira.

A nossa turma, foi convidada para fazer a primeira visita de estudo ao Arquivo Regional da Madeira, no dia 17 de Março de 2005, pelas 10 horas. Quando chegámos ao arquivo entramos pelas traseiras e fomos ter ao cais de descarga de documentos. Passámos por várias salas. A primeira sala, a de triagem, os documentos são separados e postos em prateleiras, devendo para isso utilizarmos luvas. Na segunda sala, a de higienização, os documentos são tratados, sendo tirados os agrafos, os cliques e os alfinetes. Na terceira sala, a de expurgo, tem duas câmaras de expurgo nestas os documentos são guardados durante algum tempo para matar os bibliófagos. Na quarta e quinta sala, a de quarantena e de pré- acondicionamento, os documentos são colocados em prateleiras até serem levados para os depósitos.

Nas visitas de estudo dos dia 7 e 14 de Abril de 2005, nós estivemos no piso 0, lá disseram-nos como é que se fazia o restauro dos documentos e ficamos muito bem informados. Também nos serviços de conservação e restauro fizemos actividades práticas, como por exemplo:

- Limpar a seco os documentos com as almofadas de borracha, e borrachas de diferentes grossuras.
 - A completar os papéis, onde utilizamos: bisturi, espátula de osso, papel japonês, e cola sintética.
 - integração manual textos de substituição dos documentos.
 - No microfilme: sala de recepção do documento;
 - Sala de fotografia;
 - Revelação de uma foto.
- Também estivemos no gabinete de microfilme.
- Demonstração de como se faz um microfilme.
 - Controlo de qualidade de filme.

No dia 12 de Maio de 2005 iniciámos a visita de estudo no piso 2. Entrámos numa sala enorme com muitas mesas, candeeiros e muitas estantes, chamada Sala de Leitura do arquivo. Nela só podem entrar pessoas a partir de 16 anos, porque lidamos com os documentos antigos. A nossa turma dividiu-se em vários grupos de trabalho. O nosso grupo leu documentos antigos com letra difícil de decifrar, mas o nosso colega Tiago conseguiu decifrar algum desses documentos. Foi muito engraçado. Depois estivemos a consultar a base de dados do "Arquivo Regional da Madeira" nos computadores, a procurar e a ver as datas de casamentos, baptizados e de passaportes da Madeira antes de 1910. Depois fomos para uma sala muito escura onde tinha máquinas para ver os microfilmes. Observámos a colocação e visionamento de um microfilme, e na esquina tinha uma pequena luz com raios ultravioletas. Para ler os documentos tínhamos de usar uns óculos por causa dos olhos. Nós gostamos das visitas de estudo ao Arquivo Regional da Madeira.

Trabalho elaborado por:



-Ana n.º 2
-Fábio n.º 8
-Sara n.º 20
-Tiago n.º 21

As tuas frases

*O arquivista é uma pessoa muito importante
A memória é um bem muito importante
Eu reencontro o passado no ARM
Os registos de casamentos dos meus avós estão no ARM
O ARM guarda os passaportes dos meus antepassados
Eu encontro as minhas raízes no ARM*

8.º 1



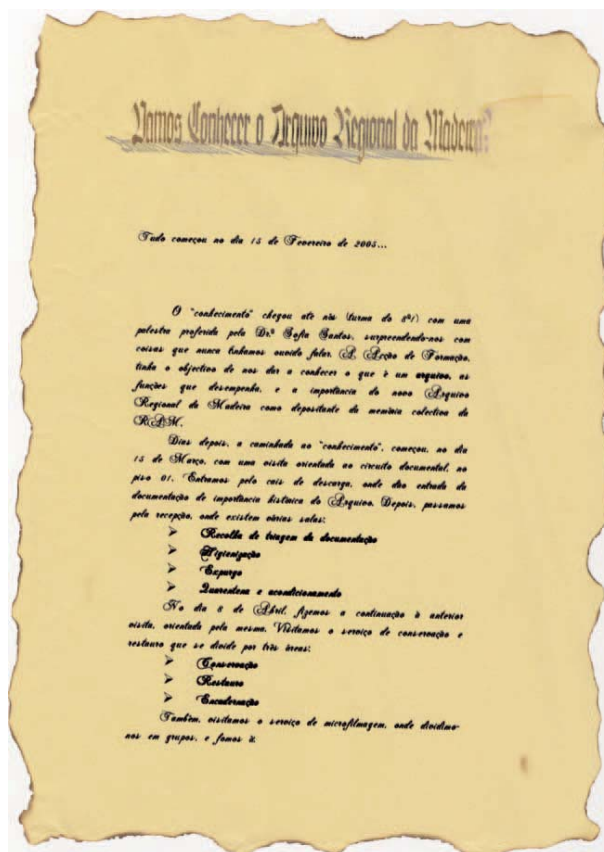
Numa terça-feira de Fevereiro as turmas do 6.º 1 e do 8.º 1 foram convidadas para uma palestra na biblioteca da escola em que estiveram presentes técnicas do Arquivo Regional da Madeira. Falaram de alguns aspectos da limpeza dos documentos, da higienização, da importância dos Arquivos, dos bibliófagos que são os bichinhos que destroem os livros, etc. Nós depois fomos convidados para fazer uma visita de estudo ao Arquivo Regional da Madeira.

No dia 17 de Março a nossa turma foi ao Arquivo, fazer aquela que era a primeira visita de estudo, chegámos ao Arquivo eram 9:45, rapidamente seguiram-se as apresentações, depois entrámos no cais de descarga onde se fazem cargas e descargas dos documentos; a Dr.ª Sofia mandou-nos calçar umas luvas para não entrarmos em contacto com os documentos. Entrámos numa sala chamada de higienização onde aprendemos a fazer limpeza dos documentos, sem os estragar!

Chegámos à sala seguinte, onde tinha as câmaras de expurgo onde são tratados os documentos: os documentos ficam duas semanas para eliminar os bibliófagos. [...]

No dia 12 de Maio seria então a quarta visita de estudo, em que fomos conhecer a sala de leitura do Arquivo, aprendemos a ler alguns documentos do século XVII em que a letra era totalmente diferente da que usamos hoje! Até uma próxima oportunidade.

Valter Wilson Rodrigues Lopes
João Vítor Jesus Gonçalves
Dionora Del Carmen Alvarez Marques
Tiago José Caldeira Nóbrega
Sandra Raquel Gonçalves Camacho



Ana Freitas,
Carolina Caires,
Cristina Camacho,
Joana Maia,
Juliana Relva,
Natacha Abreu

A tua escola!

O Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira, desde que iniciou a sua actividade, já trabalhou com mais de 350 alunos das escolas da RAM, do 5.º ao 12.º ano de escolaridade. Observa a lista abaixo. Também a tua escola pode fazer parte deste grupo!

Conservatório – Escola das Artes
 Escola Básica dos 2.ºs e 3.ºs ciclos Bartolomeu Perestrelo
 Escola Básica dos 2.ºs e 3.ºs ciclos da Torre de Câmara de Lobos
 Escola Básica e Secundária do Porto Moniz
 Escola Básica e Secundária da Calheta
 Escola Básica e Secundária dos 2.ºs e 3.ºs ciclos de São Roque
 Escola Básica e Secundária Professor Doutor Francisco Freitas Branco
 Escola dos 2.ºs e 3.ºs ciclos Dr. Horácio Bento Gouveia
 Escola Salesiana de Artes e Ofícios
 Escola Secundária Jaime Moniz



Em busca da Escola Médico-Cirúrgica



Porque queremos que conheças melhor os fundos que guardamos no Arquivo Regional da Madeira, está atento ao nosso jornal e descobre, a partir de hoje e em todas as edições, alguns tesouros da História da nossa ilha.

Escola Médico-Cirúrgica do Funchal (1837 – 1910)

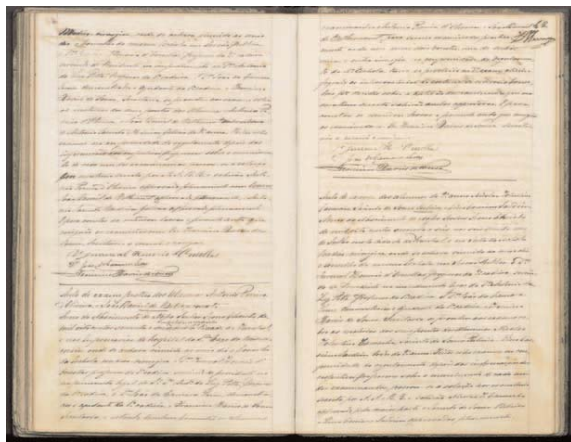
Sabias que, muito antes da abertura do curso na nossa Universidade, a Madeira já teve uma escola de Medicina?

Aconteceu há muito tempo, no século XIX, há mais de 100 anos.

Foi criada por um Decreto de 1836, lei que determinava a fundação de uma escola médico-cirúrgica em cada uma das capitais dos «distritos ultramarinos», ou seja, nos locais mais importantes do Reino de Portugal, onde a Madeira também estava incluída (pergunta lá à tua professora de História!).

As aulas na Escola Médico-Cirúrgica do Funchal começaram em Outubro de 1837. Em 1910, data de uma revolução importante no país, quando o Rei foi substituído pelo Presidente da República, a escola médica fechou as portas para sempre.

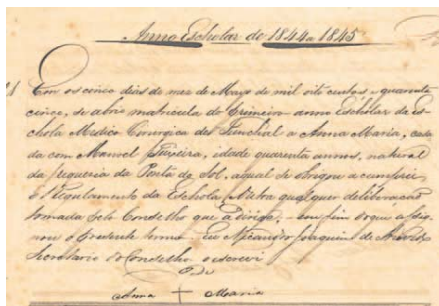
Durante 73 anos, terminaram o curso 240 médicos, dos quais, imagina, apenas dois eram mulheres.



As aulas eram dadas bem no centro da cidade do Funchal, num espaço onde antes existia a enfermaria dos ingleses, no hospital da Santa Casa da Misericórdia. É fácil. Procura a Avenida Arriaga, pergunta a alguém onde está o edifício da Secretaria Regional da Educação, e vais descobrir onde funcionou a única escola de Medicina da Madeira, o hospital, e a Santa Casa da Misericórdia do Funchal.

O curso começou por ter três anos e passou a quatro. Aprendiam-se muitas coisas. O estudo do corpo humano (anatomia) como fazer operações (cirurgia) ou ajudar os bebés a nascer (obstetrícia). Como sabemos tudo isto e muito mais?

Porque ainda hoje conseguimos ler alguns dos



livros que os alunos usavam há 100 anos. Esses e outros documentos da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, arrumados em caixas, livros ou maços, compõem um dos fundos do Arquivo Regional da Madeira, conjuntos documentais que, a partir de hoje, vais passar a conhecer.

Essa informação, porque não havia local para a guardar, não esteve na Madeira durante algum tempo. Foi enviada para a Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos de Lisboa pelo

Provedor da Santa Casa da Misericórdia, e regressou ao Arquivo, ou seja, foi incorporada em 1933. As datas extremas deste conjunto de documentos vão de 1837 a 1908. Do espólio documental que temos no Arquivo Regional da Madeira, como podes ver nas imagens, destacam-se

cinco livros com imagens do corpo humano, com notas escritas dos autores e algumas explicações em latim.

Ideias novas que não deves esquecer:

Fundo: Conjunto de documentos produzidos ou recebidos por um organismo no exercício da sua actividade;

Incorporação: aquisição gratuita e definitiva de documentos de arquivo por uma instituição;

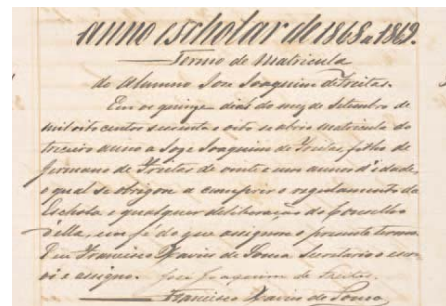
Datas extremas: registo informativo, que contém a data do documento mais antigo e do mais recente, referentes a um processo ou fundo em análise;

Provedor: responsável principal pela administração da Santa Casa da Misericórdia;

Espólio documental: conjunto de documentos de diversa natureza;

Fonte: Guia do ARM

Natércia Gouveia



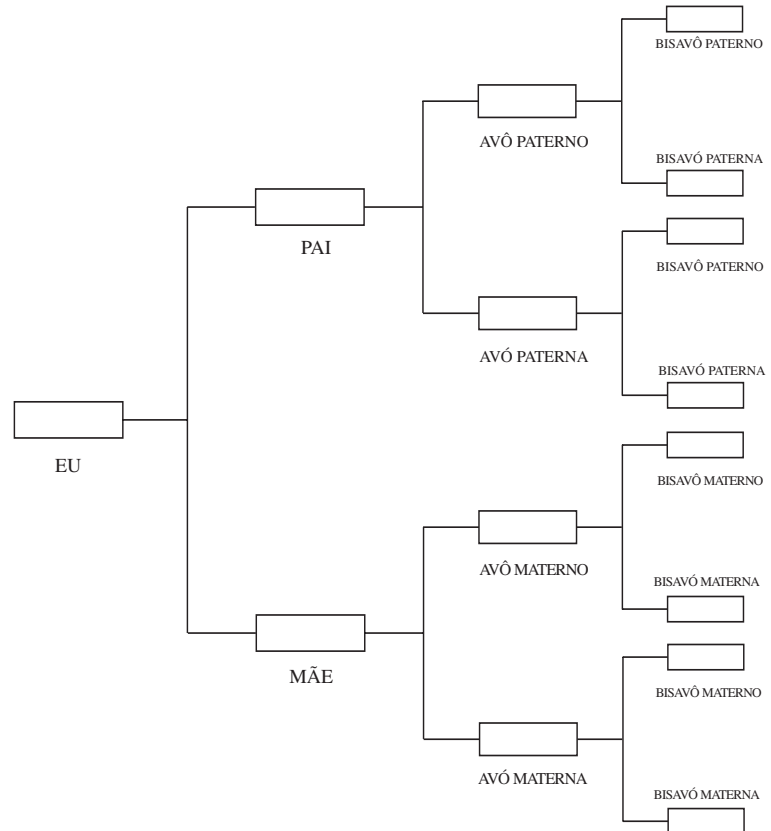
Curiosidades

Gostavas de fazer a história da tua família. Segue então as pistas que te damos!

1. Tenta obter informações sobre a tua família junto de familiares e amigos.
2. Podes pesquisar nos Livros Paroquiais de Baptismos, Casamentos e Óbitos. Os livros paroquiais até 1911 encontram-se no Arquivo Regional da Madeira. A partir desta data estão nas Conservatórias do Registo Civil.
3. Podes também consultar outras fontes: passaportes, registos de passaportes e testamentos.
4. Se apenas conheces o nome dos teus avós, deverás obter uma certidão do registo de nascimento dos teus pais, dirigindo-te à respectiva Conservatória do Registo Civil. Através deste documento ficarás a conhecer o nome dos teus bisavós. O mesmo poderás fazer para os registos de nascimento dos teus avós, através dos quais ficarás a conhecer os teus trisavós.
5. Podes completar a genealogia, utilizando fotografias, retratos e dados biográficos.

Sugestão de actividade

Preenche os espaços em branco, e completa a tua árvore de costados.



Salada de palavras

Descobre as nove palavras relacionadas com os artigos deste jornal

**Aprendiz
Arquivo
Bibliófagos
Escola
Funchal
Fundo
Leitor
Regional
História**

E	R	G	H	B	D	C	Ç	R	A	Q	R
B	A	R	Q	U	I	V	O	E	S	D	F
S	A	T	G	C	S	U	A	G	D	S	G
A	P	Y	H	V	E	L	E	I	T	O	R
O	R	U	J	B	R	I	Q	O	G	Z	U
P	E	S	C	O	L	A	W	N	J	X	J
Q	N	I	K	N	T	O	E	A	V	N	K
R	D	P	L	M	Y	A	R	L	Y	J	A
B	I	B	L	I	Ó	F	A	G	O	S	I
I	Z	A	Ç	M	U	U	T	P	O	L	R
U	E	S	B	N	G	N	Y	A	T	Ç	Ó
Z	Q	D	D	V	D	C	J	S	H	M	T
W	W	O	X	D	H	H	I	D	J	S	S
D	E	Y	T	I	K	A	D	F	D	L	I
F	O	G	H	J	L	L	K	O	U	T	H

APRENDIZ DE ARQUIVO



www.arquivo.madeira.com

Sabias que...

... o Arquivo Regional da Madeira tem mais de 74 anos?

... o primeiro registo de baptismo data da 1.ª metade do século XVI?

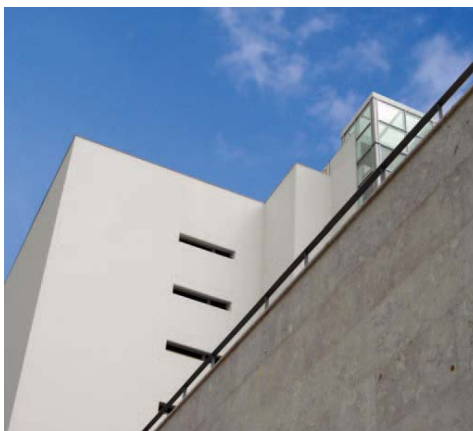
... os microfilmes têm uma duração comprovada de 500 anos?

... o Arquivo Regional da Madeira guarda registos de passaportes de todos os teus familiares que saíram da Madeira até 1974?

... que os bichinhos que comem o papel (barata, formiga branca, bicho-da-prata ou caruncho) chamam-se bibliófagos? Sim...repete lá, bi-bli-ó-fagos.

... na sala de leitura do ARM só podes utilizar lápis?

... aquele que transcreve documentos antigos se chama PALEÓGRAFO?



Projectos futuros

Para o ano lectivo 2005 / 2006

Vamos conhecer o Arquivo Regional da Madeira ... / Março a Maio

Workshop Genealogia e História da Família / Abril

Dia Aberto à comunidade / 22 de Junho

O Meu concelho ... Porto Santo / Maio e Junho

Para o ano lectivo 2006 / 2007

Vamos conhecer o Arquivo Regional da Madeira... / Outubro a Dezembro de 2006

Workshop Genealogia e História da Família / Novembro de 2006

Exposição Luiz Peter Clode e o espólio legado ao Arquivo Regional da Madeira / Novembro de 2006

Dia Aberto à comunidade / 28 de Setembro e 29 de Novembro de 2006

Dinamização dos arquivos literários do ARM

Sugestões para ti

NOVIDADE

O Serviço Educativo do ARM tem uma proposta para ti: um novo caderno pedagógico sobre a *Genealogia e História da Família*, no qual pretendemos que partas à descoberta de genealogistas madeirenses, e conheças os arquivos particulares e pessoais existentes neste arquivo, intercalado com actividades práticas. Vais ver como a caligrafia e a escrita são tão diferentes da realidade de hoje.



O LIVRO

Contos de Animais com Manhas de Gente - Histórias de Tradição Oral

As histórias deste livro fazem parte da tradição oral. Por isso, voaram no tempo, de geração em geração, nas asas da memória dos seus narradores. São histórias de animais que falam de gente: dos seus vícios, virtudes, diabruras. Com graça e humor, com ironia e astúcia, dizem as verdades a brincar e a rir.

In: www.bertrand.pt

O JOGO

Runescape

disponível em www.runescape.com

Neste jogo, disponível em versão inglesa, podes vestir a pele de um cavaleiro, explorar ruínas, combater dragões ou salvar a princesa de um mundo medieval. Embarca numa viagem ao passado, onde poderás testar os teus limites.



O SITE

<http://www.ribejejo.com/hp/>

O site destina-se a alunos do 2.º ciclo, mas as informações são úteis para todos os estudantes que procuram saber mais sobre a História de Portugal. Factos, sala de estudo, bibliografia, jogos e histórias são algumas propostas.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA

Morada: Caminho dos Álamos, n.º 35, Santo António
9020-064 FUNCHAL
www.arquivo-madeira.org

Telefone: 291 708 400/410 Fax: 291 708 402
arm@arquivo-madeira.org / ecultural.edu@arquivo-madeira.org

Edição: Secretaria Regional do Turismo e Cultura
Direcção Regional dos Assuntos Culturais
Arquivo Regional da Madeira

Coordenação: Serviço Educativo do Arquivo Regional da Madeira
Redacção: Sofia Santos e Natércia Gouveia
Design Gráfico: Pedro Clode
Digitalização: Margarida Ornelas
Impressão: Editorial Eco do Funchal
Tiragem: 2500 exemplares